FON FON
QUANTO CUSTA SER ELEGANTE...

# O CONTO BRASILEIRO

# UM ESCRIPTORIO DE SORTE

## De Mario Sette

ANTES de ser funccionario publico eu fui empregado no commercio. Conseguira um logar no escriptorio da Companhia Tecidos Paulista. Num velho sobrado de biqueira da velha rua da Cadeia. Rua angustiada de estreita e maltratada de torta. Ambos desappareceram. Num extremo, o Arco da Conceição; no outro, a capellinha do Passo do Corpo Santo. Os bondes de burros da Ferro-Carril, rumando aos suburbios, passavam espremendo-se entre as minguadas calçadas e campainhando, ao aspero attrito das ferraduras do antigo calçamento. De quando em vez as tiras de carroças de bois atulhadas de saccos de assucar ou de caixas sahidas da Alfandega. Dos becos espirravam aguadeiros com os barris nas cabeças procurando os chafarizes ou beatas de lenços brancos nos cabellos procurando a Madre de Deus...

Este era mais ou menos o scenario.

No pavimento terreo do sobrado, por signal de esquina, ficava o deposito de fardos. No primeiro andar a secção de peças e a gerencia; no 2.º andar a secção de roupas feitas.

Eu tomava conta da secção de peças. Era o "chefe" antes de ir a "praticante" dos correios. Commigo trabalhavam dois rapazes ageis e disciplinados: o Antonico Antunes e o Affonso Maciel. Ganhava eu 150$000, e elles, si não me engano, 50$000 cada um. Em 1908 dava para muita cousa...

Da minha secção sahiam as peças de fazendas da Paulista para guarnecer os balcões das lojas da rua das Florentinas ou do Rangel, as prateleiras abertas ao publico no Recife. Ou para sortir os fardos que ali mesmo se enfeixavam destinados aos freguezes do interior, aquelles matutos que nos appareciam todos os dias, desembarcados nas estações de Cinco Pontas ou Central, com uns ares mansos, simplorios e curiosos.

O gerente expedia por escripto as ordens de enfardamento com detalhes de qualidade do tecido, padrões, côres, etc. O sortimento tinha de combinar. Quando havia todas as peças lá em cima, pelas prateleiras, estava tudo muito bom. Rapido. Mas si faltava uma côr, um typo... Gritavamos por uma especie de alçapão lá para baixo:

— Oh! [illegible]! Mande subir um fardo de ganga n. 2!

A subida do fardo era feita por um cabo, á guisa de elevador, a mão. Si queriamos encarnado, encontravamos verde, azul, rôxo... Subiam ás vezes dezenas de fardos para se encontrar a damnadinha da peça exigida pelo matuto. Quasi sempre um vermelhão espantado ou um amarello escandaloso.

Todas as semanas davamos balanço no "stock" de peças. A nossa responsabilidade estava em jogo e queriamos verificar a exactidão da escripta. O Antonico Antunes e o Affonso Maciel, em escadas, corriam as prateleiras contando attentamente e gritando-me os resultados:

— Barbosinha, 46!

— Oxford Campello, 58!

— Brim Paratibe, 15!

— Ganga n. 1, 67!

— Oxford Catuama, 26!

Si havia divergencia, toca a contar de novo.

— Aqui, no livro, são 28 peças de Catuama...

— Pois só encontro 26.

— Confira, Antunes.

— Uma, duas, trez, quatro... dez... vinte e trez, vinte e quatro, vinte e cinco, vinte seis...

— 26?

— 26.

Diabo! Onde estariam as outras duas?

Quebravamos as cabeças. De repente, uma lembrança:

— Setto, não sahiram duas Catuama para aquella costureira da rua do Jardim?

— D. Naninha Pires?

— Sim. Ella levou para ceroulas. Nava verificação.

— Foi mesmo. Esqueci-me de tomar nota.

No 2.º andar o Candinho Neves despachava as costureiras que iam buscar costuras. Ou entregal-as. Desmanchavam as peças em camisas, calças, ceroulas, paletós. Durante o dia todo era um incessante subir e descer de mulheres velhas e moças candidatas a trabalho. Recebiamos cartões de empenho. E presentes tambem para as preferencias.

Certa vez, uma dellas, muito magra e pallida, subiu as escadas para trazer umas costuras e receber alguns mil reis. Vinha cansada, offegante, trazendo horas e horas de esforços na machina para amenizar privações. Lá em cima, teve uma agonia e morreu.

Foi uma nota tristissima no escriptorio naquelle dia.

Trabalhavamos das 7 ás 18, com uma hora para almoço. Si, necessario, iamos ás 19 e 20. Quando não se attingia as 21.

Isto, aliás, porque o nosso gerente, si primava pela intelligencia, pela delicadeza e pelo coração, não se recommendava muito, na época, pelo methodo. Atropelado pelos assumptos do cargo e gostando mesmo de uma prosazinha mais demorada na Lingueta, voltava ao escriptorio já perto das 5 horas da tarde e expedia ordens para o enfardamento de fazendas sortidas. Esse sortimento já se viu quanto custava de esforços e de tempo. E, por isso, ficavamos nós no duro até de noite.

O guarda-livros era o Armando Antunes. Rapaz amavel, competente e querido das moças, que actualmente é "troço muito" lá para São Paulo. Attenuava-nos os horarios e as tarefas. Ainda por cima attendia aos nossos "vales" de adeantamentos de ordenados, nos dias de maiores aperturas.

Foi nesse tempo que nasceu meu primeiro filho e que escrevi minha primeira chronica.

Só faltou o plantio da arvore...

E foi naquelle ambiente de trabalho que vim a ser amigo do Antonico Antunes. O rapazola vivaz e diligente que é hoje o activo e digno director gerente da R. U. L.

Ficamos camaradas de verdade. Tão de verdade que elle não faz questão de parecer velho sendo o futuro sogro de meu filho.

Um escriptorio de sorte.

150$000 por mez davam para se ser pae, e até escriptor!

# A PROMESSA

MARGARIDA acabava de assignar a chronica para o jornal da tarde, quando, naquella manhã deliciosa e clara, Sergio entrou sorridente.

— Bom dia, prima. Como vaes?

— Bem, obrigada. E tu, Sergio, que fazes? Pareces bem feliz esta manhã. Tua physionomia demonstra o maior contentamento interior. Terei acertado?

— Acertou... Canta dentro em mim a victoria alcançada... E garanto que não foi facil... Essas moças de hoje são bem difficeis de convencer... E eu, Margot, consegui que em mim acreditassem, isto é, em meu amôr...

— E Wandette não o sabia?

— Não falo em Wandette. Brigámos; aliás, briguei. Não nos entendemos e, afinal, encontrei alguem que me fascinou completamente e a quem actualmente adoro...

— Para amanhã esqueceres mais depressa ante um bello rosto, não? Sergio, Sergio, quando terás juizo? Não vês que assim com esse proceder farás sempre soffrer um coração de mulher?

— E terá Wandette coração? Não parece; é tão fria... Ou, se o tem, não sabe vibrar tão intensamente como o meu, e...

Um longo olhar de Margarida fez Sergio calar-se.

— E' sempre assim: a culpa é sempre da mulher que, ou não tem coração, ou, se o tem, não vibra, quando não apparece sempre em meio a figura de um antigo e já esquecido namorado. Já que sabias não ter Wandette coração para que te compromettestes?

— Porque julguei encontrar nella a minha ventura.

— E por que rompeste?

— Porque reconheci a tempo o meu engano...

— Qual, Sergio! Fazes isso porque és homem, o que quer dizer, volubilidade... Vamos vêr que a pobre Wandette chora inconsolavel o seu sonho desfeito... Como os homens são maus!...

— Tu os julgas assim, prima? E's rigorosa. E foi por isto que não te casaste? Com receio de encontrar um insincero como eu, não?

Com um olhar profundo, sombreado pelos grandes cilios escuros, Margarida fixou o primo, que, em pé deante della, a fitava com uma interrogação ansiosa no fundo dos olhos claros.

— Não falemos de mim, caro Sergio. O tempo passou rapido pelos meus hombros e polvilhou de neve os meus cabellos, outr'ora negros, tornando scéptico o meu coração. Entretanto, não está tão longe assim o meu passado de solidão, que não gosto de recordar, mas se me prometteres que sahirás da bitola commum em que procedem os homens, se me prometteres que farás um esforço sobre ti mesmo e serás fiel ao teu amôr, eu te contarei uma historia antiga, uma historia vulgar, dessas que o livro da Vida sempre traz em paginas cheias de amargura e desillusão, mas que têm o sabôr inedito de ter sido vivida por alguem que conheces.

— Conta-me essa historia, Margot — disse Sergio, arrastando uma poltrona para junto da escrivaninha, um bibelot de arte, em contraste com a mobilia quasi severa do gabinete.

* * *

— Era uma vez uma menina ingenua... Uma menina que nunca havia amado... A sua existencia tinha sido até então uma larga estrada florida, onde sempre colhera as flores do carinho e da dedicação dos que a estimavam. Um dia, na curva do caminho florido que era a sua vida, appareceu um pequeno estreito carreiro que com o seu caminho se cruzara. Ahi ella encontrou um joven, cuja attitude era de quem esperava alguem. Tinha as feições bonitas e viris e a menina ingenua ficou impressionada com a luz ardente que seus olhos negros desprendiam... Foi então que elle falou:

"— Menina, o Destino me poz aqui á tua espera.

"— O Destino? E quem é elle? perguntou curiosa a menina ingenua.

"— E' quem rege as nossas vidas; é quem faz com que se movam os fios da existencia humana.

"— E para que te deixou aqui á minha espera?

"— Para que sigas commigo pelos atalhos da vida.

"— Mas eu não quero seguir por atalhos. Ha sempre espinhos nos caminhos estreitos. E esse onde trilho é largo e florido e eu adoro as flores. E por que não vens commigo?

— Porque o destino aqui me poz não para te seguir e sim para me seguires.

"— E vives só?

"— Só.

"— E's infeliz por isso?

"— Muito.

# De Nóra Lisi

"— Por que? Eu tambem vivo só, no emtanto, não me sinto triste...

"— Mas soffro com o silencio... Estás só e deves vir commigo. Eu farei tudo para a tua ventura... Dar-te-ei flores, fructos e amôr...

"— Amôr? E que vem a ser isso? — perguntou a menina ingenua com os grandes olhos abertos e ansiosos.

"— O mais bello sentimento que Deus poz na terra.

"— Ah! então eu quero ter o amôr...

"E a menina bateu palmas, rindo, e seguiu com o joven pelos atalhos da Vida, á procura do Amôr, sem saber que ia á procura da sua infelicidade...

"A menina ingenua foi feliz... Sorveu com prazer os fructos que o joven lhe offerecia, sem sentir o amargôr da desillusão... Os labios de morango palpitavam num sorriso ditoso que mostrava os dentinhos alvos e pequenos...

"Um dia, ella adormeceu, tendo ainda nos labios o mel de doce beijo... E quando o sol surgiu brilhante, num derradeiro momento offuscante de raios de ouro, despertou e procurou em vão o companheiro. Não estava alli e a menina que desconhecia o amôr e o seu eterno companheiro — o Desengano sahiu pelos caminhos que ali se cruzavam, na esperança de encontrar o homem que o Destino perfido lhe puzéra em sua vida, sem saber que um outro amôr o levara e que outra mulher o substituira...

"Procurou muito... Foi então que viu os seixos e sentiu os espinhos da estrada. Cansada de procural-o, os pésinhos sangrando, e o coraçãozinho em farrapos, ella chorou muito, com a cabeça mimosa entre os braços, com o peito sacudido por fortes soluços...

"E desde então a menina ingenua se tornou indifferente ao amôr dos homens... Seu joven coração murchou ante a sua desgraça e nunca mais poude amar...

"Depois de muito caminhar e muito soffrer, encontrou, afinal, o caminho antigo em que o homem do Destino a encontrára... A unica differença entre a menina de outrora e a mulher de hoje é que ella não mais colhe flores, nem se encanta com o leve gorgeiar da passarada, nem sente alegria ante a felicidade de outrem... Seu pobre coração tem profundas e indeleveis cicatrizes e ha sempre no seu olhar uma desillusão perenne, um sonho incomprehendido...

"A's vezes, encontra nas encruzilhadas homens que lhe dizem ser enviados do Destino e lhe offerecem carinhos e amôr... Não lhes dá ouvido, e, indifferente aos seus chamados e ás suas offertas, ella segue impassivel, palmilhando sem sobresaltos e sem desejos, com a alma temperada pelo primeiro desengano, o que lhe resta da estrada da Vida, que não lhe importa ser longa ou breve..."

— Vês, meu amigo — disse Margarida, depois de breve pausa — como a volubilidade de um homem tornou sceptica e descrente da ventura a alma de uma menina ingenua que nem sabia o que era o amôr? E eu te aconselho, caro Sergio, não sejas como esse homem, que para seguir os impulsos de uma alma sequiosa de aventuras e de novos amores, desgraçou para sempre um coração confiante de mulher...

Quando Margarida terminou, havia um tom de profunda amargura em sua voz tão pura. Sergio o notou e no seu irresistivel olhar, tão azul como uma nesga do céo de verão, uma ligeira commoção palpitou; e curvando-se para, num gesto de galanteria, beijar a mão fina e delicada da velha prima, disse, vibrante:

— Prometto, Margot querida, que de hoje em deante, vencendo a minha natureza, serei sincero em meus actos e procurarei fazer Wandaire feliz... E agora, carissima, que te fiz a minha profissão de fé, consente que eu vá vêl-a e reiterar-lhe o meu amor, sim?

Margarida sorriu. Lagrimas brilharam em seus olhos profundos ao dizer:

— Vae, meu amigo! Sê feliz!

# O LOUCO

LÊRA, lêra muito, lêra demasiadamente, sobre a fragilidade dos destinos humanos. E, ao contrario de outros que se tinham dedicado ao estudo das origens, remontando-se á nebulosa do passado, elle se debatia contra o enygma do futuro, tentando, inutilmente, devassar a sorte que estava reservada á sua especie, tão superior ás demais, e, apesar disso, tão requintadamente infeliz, porque dotada da faculdade da logica e do raciocinio.

E, no seu cerebro, já fatigado pelos longos e extenuantes malabarismos das idéas, ia-se produzindo um cháos acabrunhante, que o opprimia e prostrava.

Claudionor, então, tinha, mesmo de olhos abertos, visões terrificas e apavorantes, de acontecimentos dantescos subvertendo a harmonia maravilhosa do Cosmos, e destruindo implacavelmente a humanidade, que, nesse ponto, já era um triste agrupamento de seres melancolicos e rachiticos, arrastando-se vagarosamente sobre a face da Terra, como tristes sombras de seus antepassados da era luminosa da Civilização e do Progresso. Miseros fantoches guiados pelos ultimos reflexos do Atavismo...

Porém, Claudionor queria ir adeante nas suas pesquizas. Teimava em ir além. E, emquanto todos dormiam na casa, elle, encerrado na bibliotheca, debruçado sobre varios livros e tratados biologicos, continuava a estudar, febricitante, alheio a todos os ruidos, insensivel a todas as suas vozes intimas, indifferente a todos os clamores physicos. Como se fosse um atomo desaggregado da formidavel engrenagem do Universo...

Aquillo já se tornára uma obsessão. Porque elle pensava que, das cinzas das coivaras, a vida renascia outra vez, em milhares de brotos verdes, festivamente verdes, que de novo se alteiam na conquista do espaço, renovando a floresta morta. Toda aquella vegetação [illegible]dida, exuberante, consumida pela voragem das chammas, resurge das entranhas maternaes da Terra, revigorada por uma seiva nova...

Por que, então, a humanidade caminhava para um fim sem remedio? Mas, seria mesmo assim? A vida animal permaneceria na estagnação do Nihil, inferior á vida vegetal que se renova sempre, tirando alento das proprias cinzas?

Debalde elle se formulara essas perguntas. A sua imaginação esbarrava, obstinadamente, num obstaculo intransponivel, tal um projectil sem força, ao fim da trajectoria. O horizonte do pensamento humano!...

Então, do cerebro, a sensação tragica e allucinante do fim, as vozes eternas e implacaveis do "Consummatum est" desciam-lhe até a alma, agitavam-lhe o sangue e os nervos, tornando-o frenetico e inquieto.

* * *

Claudionor estava doido. Irremissivelmente doido!

Era lamentavel aquillo, [illegible]mente numa existencia toda devotada a pesquizas scientificas. Quantas descobertas uteis, quantos beneficios, quantos serviços [illegible] poderia ainda aquelle cerebro privilegiado prestar á Humanidade! Oh! era desolador e chocante o fecho de tão grandes estudos e canceiras!

Laura, a mulher de Claudionor, vivia afflicta, contemplando amargurada a infelicidade do marido, outróra tão lucido e admiravel, e imprecava, acerbamente, a ingratidão do seu destino. Vinha-lhe o espirito em desassocego. O seu passado triste, onde dois casos de loucura lançavam sombras que a acompanhariam até o fim da vida. O pae, velho estimado por todos que o conheciam, perdera a razão em seguida a uma quéda desastrada. E o irmão mais novo... Pobrezinho! Enlouquecera em plena mocidade, victima da propria inexperiencia, na sua ansia de conhecer a vida...

# De W. Barbosa Trigo

E, agora, o marido tambem perdia o juizo! Sem se poder conformar, ella, assoberbada pela dôr, descria, de tudo, e blasphemava. Tinha para si que as coisas eternas e divinas não passavam de meras ficções, engendradas por algum visionario, no fundo obscuro dos seculos...

Do contrario, seria impossivel que ella soffresse tanto. Porque era demais aquillo! O soffrimento arrancára-a do berço, e vinha, vida afóra, arrastando-a, martyrizando-a numa via crucis dolorosa.

Não fôra o Carlito, filho unico do seu matrimonio infeliz, e onde iria ella buscar forças para enfrentar as desgraças que lhe surgiam no caminho?

O garoto era o seu unico consolo. E, não tendo mais os carinhos do marido, dedicava-se extremosamente ao menino, que era uma soberba creança, de grandes olhos mansos e cheios de ternura. Emquanto isso, assistido de dois enfermeiros robustos — que Laura contractára para vigiá-lo, afim de o não internar num manicomio — Claudionor vivia a gesticular, aos gritos, cobrindo de apodos a imbecilidade humana. Nascer, lutar, soffrer, viver de miragens e illusões, para definhar e morrer sem gloria, curvado ao peso dos desenganos!...

E, quando avistava o filho, tornava-se bruscamente furioso, berrando coisas desconnexas. Avançava, punhos cerrados, rangendo os dentes, espumando, como se a pobre creança fosse a causa de toda a sua tragedia mental, de toda a sua colera inconsciente...

Laura, não tendo coragem para internar o marido num hospicio, embora temesse muito pela vida do filhinho, não podia descansar um instante, mantendo-se em vigia permanente junto ao berço, como um anjo a velar, carinhosamente, o somno tranquillo da Innocencia...

* * *

Mais dia, menos dia, aquillo tinha que acontecer. Laura, alquebrada pelo esforço, pela tensão nervosa em que havia tanto tempo se mantinha; dormindo pouco e alimentando-se mal, sentiu, subitamente, que todas as forças lhe faltavam. Uma nevoa obscureceu-lhe a vista. Tudo, á sua volta, parecia perder os contornos, esvaecendo, esfumando-se. Arrastou-se até um divan, e adormeceu. Os enfermeiros, vendo-a a dormir tranquillamente, esgueiraram-se, cautelosos, e foram espairecer no jardim.

E a creança, sozinha no quarto, onde dormia alheia ao enorme perigo que a cercava, ficou completamente á mercê do louco...

Pondo os ouvidos á escuta, como se estranhasse o silencio da casa, o doido levantou-se da cama. De mansinho, sahiu do quarto. Os olhos coruscantes rolavam-lhe sinistramente nas orbitas. Fitou a mulher adormecida, e esteve curvado sobre ella, de mãos crispadas, contemplando-lhe a brancura da garganta. De repente, os braços do louco se extenderam, e as mãos, como duas garras ameaçadoras, foram se aproximando do pescoço da mulher. Mas, nesse momento, ouviu-se um soluço da creança que sonhava. Então, o louco ergueu-se, rapido, e circumvagou o olhar torvo pela sala. Vagamente, foi até um movel, e pôz-se a remexer as gavetas, atirando tudo o que encontrava, no soalho, até que achou uma navalha. Deteve-se, contemplando-a, como extasiado. Os olhos fuzilavam-lhe estranhamente.

Abriu a perigosa arma num movimento brusco, e dirigiu-se para o quarto do menino. Houve um minuto de terrivel silencio, e um grito agudo, estridente, se fez ouvir. Laura, accordando sobresaltada, atirou-se, como uma louca, para o quarto do filho. Porém, ao chegar á porta, estacou, muda e aterrada. O louco, defronte do espelho, estava fazendo a barba...

# O LADRÃO FIDALGO

## De ITALA GOMES VAZ DE CARVALHO

CHEGA-NOS a noticia da condemnação de Sergio de Leuz, o novo Arsenio Lupin, que todos os frequentadores da alta burguezia de França, onde se desenrolaram as melhores manifestações das artes e das letras nestes ultimos quatro annos, certamente viram, lhe falaram e lhe apertaram muitas vezes as mãos, longe de suspeitar que o olhar penetrante e amavel com que o elegantissimo rapaz correspondia aos *nossos* cumprimentos, era tão sómente para avaliar rapidamente o valor de nosso broche ou ver se nosso collar de perolas era verdadeiro ou falso. Triste officio e tristissimo fim de um descendente de familia nobre, carregada de brazões e armas, demonstrando a mistura excelsa do seu sangue azul! Permanecerá eternamente exilado nas terras aridas da guyana franceza, longe do rutilante e luxuoso ambiente onde exercêra o seu talento de *nobre larapio*.

Sergio Leuz, fazia absoluta questão de roubar *unicamente* as pessôas de s a n g u e azul, desdenhando os plebeus enriquecidos, embora puzessem ao seu alcance os thesouros de *Golconda*. Agora vae viver eternamente ao lado de criminosos reles, de ladrões de baixa esphera, que mataram para roubar o peculio penosamente accumulado por suas victimas em longos annos de humilde labor, e esse vae ser por certo o maior castigo para os instinctos de elevada seleção de Sergio de Leuz. — Jamais elle tocára o dinheiro, os bens, ou as joias de *gentinha* de baixa extracção. Esta honra Sergio de Leuz leva incolume para o tumulo vivo da guyana. O tribunal de Rouen condemnou-o a 10 annos de reclusão e ao degredo eterno nas terras perdidas da colonia franceza, onde ha de haver muito pouco que fazer para um ladrão gentilhomem... Rezam as chronicas do elegante larapio, de uma predicção que o premunia contra a quadragesima primeira façanha *porque havia de lhe ser fatal*. E, com effeito, conseguira completo exito até suas 40 conquistas e ladroeiras, mas foi miseravelmente colhido por um detective belga quando ia concluir brilhantemente sua derradeira empresa. Havia dez annos que o brilhante Sergio conquistára a septuagenaria condessa Fanny Robert de Tessancourt, celebre pela sua belleza no tempo de Thiers; mas no momento de sua prisão, elle se havia refugiado no Hotel Atlanta, em Bruxellas, com uma dançarina, certa Germana Daeteu, que o consolava das rabugices da c o n d e s s a Fanny. Porem a traição deu-lhe azar. Quando appareceram os policiaes, elle teve um sorriso sarcastico:

— Ah! Ah! Policia belga? E logico! a policia franceza não conseguiria apanhar-me sozinha.

E deu logo as mãos, com gesto amavel, para pôr as algemas.

Encontraram-lhe nas algibeiras 25 mil francos em cedulas e uma grande quantidade de joias, porque Sergio de Leuz se especializára em joias e objectos de arte, seduzindo todas as senhoras idosas da aristocracia. Chegou assim a realizar os seus fins. Effectuava os roubos em pleno dia, pois trazia sempre os ferros de officio nos bolsos de sua roupa, elegantissima; estivessem não presentes as victimas designadas. Quando por acaso era descoberto, escapulia sempre com surprehendente sangue frio e audacia; e já em 1925 confessou com desenvoltura perante o juiz "35 roubos praticados nos dois bairros mais aristocraticos de Paris!" Mas, apesar de tamanha fecundia apanhou seus brutos 10 annos de reclusão, que foram depois reduzidos a 4 por causa de sua conducta exemplar. Durante a guerra fôra intimo amigo da famosa espiã Mata Hari e accusado, tambem, no processo do *Bonnet Rouge*. A penultima vez que tivera contacto com a policia franceza, foi quando arrombou o cofre de seu carissimo amigo, o americano Cleveland, no castello deste ultimo, em Dieppe. Cleveland pretendia ser algo como o herdeiro mais directo do throno de França, o que deu largo ensejo a Leuz de insinuar que sua visita tinha fins politicos no intuito de descobrir o seu parentesco real com os duques de Guise. Depois de tudo apurado, haviam desapparecido as joias e o dinheiro, emquanto os papeis importantes ainda estavam atirados no fun-

do do cofre. Naquelles mesmos dias, Sergio de Leuz havia tomado a precaução de ficar noivo da filha do chefe de policia de Dieppe! A pequena estava apaixonadissima e o futuro sogro não deu seguimento ao inquerito. Agora, durante sua detenção no carcere belga, salvou um companheiro que tentara suicidar-se, enforcando-se nas grades da janella. Depois o internaram na prisão de *Forest*, porque foi julgado um anormal pelos medicos legistas; mas a justiça franceza não quiz levar em conta esses argumentos, e Sergio de Leuz foi, finalmente, julgado e condemnado como um ladrão commum e perfeitamente consciente das responsabilidades de seus actos. O que, todavia, muito se estranha, são as successivas acções alternadamente nobres e odiosas, que esse homem vem praticando desde a Grande Guerra, merecendo ora a prisão, ora medalhas de valor civil e militar. Quem sabe si elle não é uma pobre victima das consequencias da asphyxia causada pelos gazes respirados quando se batia no "front" que fizeram delle um tarado moral por intoxicação?

Tudo é possivel, e tambem se nota, nesse caso estranho, que a victima do roubo era amigo intimo do ladrão, sempre em extases deante das preciosas collecções artisticas do castello. Logo depois do escandalo, o duque desappareceu; não deu o menor signal de vida durante todo o processo e não apresentou accusação alguma. Escreveu, pelo contrario, palavras de enternecida compaixão ao elegante gatuno no carcere:

*"Até breve... até breve, meu caro e inesquecivel Sergio!"* No emtanto, o roubo era de meio milhão em dinheiro, muitas joias e pedras preciosas, alem de 60 mil francos de acções. Sergio de Leuz havia escondido o furto num carrinho de mão e levado tudo para Paris. Na volta, então, foi preso na Belgica. No dia da reconstituição do roubo, o povo improvisou-lhe uma manifestação de sympathia, e perante a severa sentença o aventureiro não pestanejou. Se o falso duque de Guise tivesse falado, talvez as coisas se houvessem desenrolado diversamente. Mas o tal Cleveland, arruinado, está em Nova-York pedindo esmola, e ao Arsene Lupin de 1934 só resta, agora acceitar conformado a sua triste sorte.

# Notas sobre o amor

O amôr á primeira vista é uma simples imagem romantica sem consequencias. O amôr só o é ao primeiro palpitar do coração...

* * *

Quem ama sem esperança é quem mais espera do amôr...

* * *

A desgraça não é amar demasiadamente. E' mostrar demasiado amôr...

* * *

O amôr cheio de preconceitos é um amôr que não merece conceito...

* * *

Em amôr, o contrario de todas as illusões continúa a ser illusão...

* * *

Quem pede em amôr não é digno de receber aquillo que pede...

* * *

A maior parte das vezes não é o odio o contrario do amôr. E' a amizade...

* * *

Nem perfeito entendimento nem demasiada incomprehensão no amôr...

* * *

A felicidade no amôr... a felicidade no amôr... Quem é que pensa na felicidade quando ama?

* * *

As mentiras do amôr são mais sinceras do que as verdades do odio...

* * *

Ama-se sempre a primeira vez desde que o coração se entregue a cada um amôr com toda a grandeza de affecto e toda a sensibilidade de que é capaz. Dá-se demasiada importancia ao primeiro amôr que se tem na vida e elle só é o primeiro chronologicamente falando...

* * *

Amôr perfeito? Amôr feliz? Só o dos que ignoram tudo do amôr, dos que amam instinctivamente...

* * *

Onde está o amôr está por via de regra a intranquillidade, e quem faz gosto em viver uma vida calma e despreoccupada não deve nem siquer pensar em amar...

* * *

Ou se é feliz com o pouco que se obtém do amôr, ou se se é desgraçado com o muito que se deseja obter delle...

* * *

Todos são iguaes perante o amôr...

* * *

O amôr dos ciumentos, dos caprichosos, dos impulsivos, dos desconfiados e dos timidos, é um amôr doloroso e inútil...

* * *

O amôr é essencialmente egoista. Mas é necessario saber dosar-lhe o egoismo...

* * *

Faz-se mister que o coração que hesita entre dois amôres se conserve completamente alheiado ao amôr...

* * *

Ha verdadeiramente, não se pode negar isto, uma chamma ardente de sensualidade no amôr. E' preciso, pois, para que o amôr não se queime ao contacto dessa chamma, accendêl-a permanentemente no fogo sagrado da illusão cor de rosa...

* * *

As criaturas que no amôr imaginam muito estão cavando a sua propria ruina amorosa...

* * *

Porque a demasiada saudade do passado no amôr? O amôr é uma renovação continua...

Mauro de Andrade

Alguns alimentos são ricos em carbohydratos; outros são abundantes em proteinas; outros encerram saes mineraes em quantidade. Mas nenhum alimento—com excepção de TODDY—contem, reunidos scientifica e correctamente — todos esses alimentos na proporção correcta indispensavel para a boa nutrição do organismo.

TODDY, alimento integral e completo, combina scientificamente dosadas, todas essas substancias e algumas mais, que tambem são de vital importancia. TODDY é extremamente benefico para as creanças na edade do crescimento e dos estudos, porque TODDY assegura a nutrição integral e correcta de todo o organismo.

Dê TODDY ao seu filho, tres vezes por dia, e observe como rapidamente melhora de aspecto e de peso, com a saude e vivacidade das creanças bem nutridas.

**O que contem e o que faz Toddy**

Toddy contem em proporção correcta:

PROTEINAS ........ que são indispensaveis para o desenvolvimento dos musculos e tecidos;
CARBOHYDRATOS, [illegible] ........ que geram energias;
FERRO ........ que augmenta os globulos vermelhos do sangue;
PHOSPHORO ........ que fortalece o cerebro;
CALCIO ........ que contribue para a formação dos ossos e dentes;
VITAMINAS ........ que estimulam o appetite e vigorisam o organismo.

A côr e a [illegible] imitar-se, mas a apparencia de Toddy podem [illegible] o scientifico dosagem dos seus componentes faz de Toddy o alimento mais completo e integral da natureza. Por isso Toddy é o unico.

# TODDY

Nutre, fortalece e vigorisa

Cada chicara de Toddy
custa sómente 200 réis...
mas vale muito mais.

VIANY

# O ESCRIPTOR

De

L. L. MARTIN

DISSÉRA-LHE Rogerio:

— Olha: acabo de receber o ultimo livro de nosso amigo Rosande. Não tenho tempo de o ler na viagem. Quando eu voltar, dar-me-ás tua impressão.

E partiu. Oh! só por oito horas, mas uma separação bem longa para aquella união até então sem nuvens. Chorára ella até o momento da partida. Mas sabia bem que era uma tola. E comparava a ironia de sua immensa ternura com aquelle pedaço de papel, amarrotado entre os dedos tremulos.

Agora, bem o sabia, era uma mulher enganada. Enganada como tantas outras, com sua illusão destruida, sua confiança para sempre trahida.

Bertha não raciocinava. Não se analysava. Cedia a seus sentimentos: piedade por si mesma, revolta, vergonha e rancor pelo passado no qual tanto acreditára e do qual só vivêra as apparencias. Sente um odio implacavel que lhe traz desejos de vingança. Um desejo de maldade, que a falta de Rogerio fizera surgir, accentuava-se tenaz e forte...

O telephone tilintou. Tomou o apparelho. Espantou-se de ouvir a voz de Jorge Rosande:

— Allô! Sim. Sou eu, Bertha Abbadié. Meu marido? Não está. Estou só. Se me aborreço? Quer ver como se aborrece uma mulher bonita? Como? Pense, mas não o diga. Sim. Póde vir fazer-me uma visita.

"Que? Seu livro "Coração de Mulher"? Perdôe-me, mas não o abri ainda. Vou lêl-o. Elle me fará companhia. A' noite darei a minha impressão? Como? Até logo, lisongeiro!"

Deixou o apparelho, levantou-se. Um espelho. Faces rosadas, um ar desdenhoso nos labios, um relampago perturbador nos olhos. Acariciava ainda a idéa da vingança. Sobre uma mesinha apanhou o livro de Rosande. Afundou-se numa poltrona e principiou a lêl-o.

Percorreu rapidamente as paginas.

Helena Caterno era uma alma delicada e leal, um ser confiante e terno, a quem o marido enganava odiosamente...

Bertha pensou:

— Sou como Helena.

Logo apparecia o inevitavel amigo, franco e leal, e a quem uma antiga ferida de amor conferia o dom de consolação e de piedade. Não era engenheiro, nem estudara em grandes escolas. Mas possuia um Renault, como se usava em 1924.

Helena enganada, desprezada, sentia-se invencivelmente attrahida pelo grande amigo compassivo e terno...

Bertha enervava-se. Já Helena ia perdendo a seus olhos um pouco de prestigio. Havia tanta ... dade em seus consolos!

Helena lutou um instante ... tra o que chamava o seu dever ... lobo a eterna historia de ... inevitavel e mediocre: a ... de amor dominando as pobres ... venções sociaes e o ... amantes querendo "viver a vida" como se escrevia no seculo romantico.

Bertha atirou o livro ... do, secreto desprezo, mas tambem com um sentimento de liberdade. Era por aquella literatura que se deixára levar! Revoltava-se ... a idéa da possivel acção ... lealdade superior a ... amor gritava mais alto.

Lembrou-se da visita ... da para aquella noite. Que fizéra já? Com um ... de vergonha, tomou o telephone, pediu o numero de Rosande:

— Allô! Peço que me desculpe, mas não venha esta noite.

— Por que?

— Nunca se pergunta "porque" a uma mulher... Um capricho. Mas não se trata de um capricho.

O escriptor insistia ...

Bertha achou, emfim, ... texto:

— A culpa é sua... A culpa de seu livro... admiravel ... impressionou-me de tal modo... Não interrompa o meu colloquio com elle!

Calculára bem. E' raro que um escriptor a vaidade do homem de letras não ultrapasse a do homem. Jorge Rosande deixou-se convencer e ficou agradecido.

O mesmo espelho tornou a reflectir a imagem de Bertha: ... immovel, o rosto ensombrado de tristeza...

Já que tudo havia terminado, não se desviaria de sua ... tinha, porém, uma sombria certeza de que alguma coisa de ... grande havia partido... a coisa que, para sempre ... bando...

Sobre a mesa, um quadro ... rava a photographia de Rogerio. Um momento ella fitou ... bello rosto leal que fôra a sua alegria. Mas não sentia ... romantica exaltação.

Depois de haver tomado o quadro entre as mãos, collocou-o simplesmente no mesmo logar.

Por terra jazia o livro ... amarello: "Coração de Mulher".

# Saibam todos...

MALVA ROSA (S. Paulo) — Perdôe-me. V. ex. está com a razão. De facto, li a sua carta anterior com certa pressa, e não apprehendi bem os seus termos.

De modo que, para melhor esclarecer a questão, dou aqui a sua missiva. Eis a carta que me escreveu:

"Yves: Apresso-me a escrever-lhe, pela segunda vez, para desfazer um lamentavel equivoco.

Naturalmente que releu a minha carta anterior. Acho impossivel que eu tenha commettido semelhante "gaffe". A resposta que o insigne poeta santista deu-me, quando lhe falei da minha sincera admiração por si e pelos seus versos, foi a seguinte:

— "Ouve. Crê, que empregas muito bem a tua admiração."

Foi essa a sua resposta. E foi isso que eu estou certa de haver escripto. Se por "um azar", pude escrever cousa differente, posso considerar-me a creatura mais distrahida e mais tola deste mundo...

Esta explicação deve aclarar esse ponto. O poeta é bem merecedor da estima de todos aquelles que amam a verdadeira poesia, so teve palavras de enaltecimento para as producções do não menos merecedor Marcos Portella".

Quer fazer-me o favor de acceitar esta explicação? Perdoar-me-á? Ao mesmo tempo, agradeço-lhe o ter achado algum merito nos meus versos. Já é alguma cousa para mim, que desejo ardentemente chegar a ser tambem "alguma cousa"...

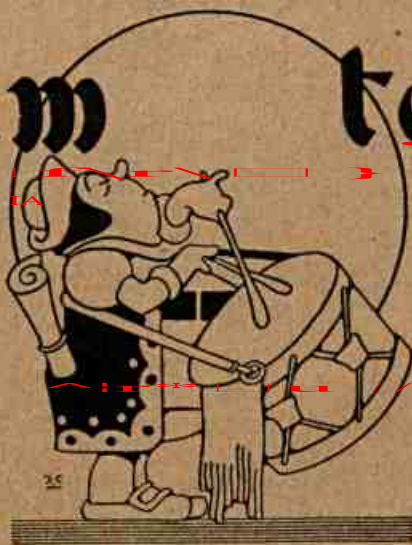
Que eu posso ser feia? Logico. Não são só as bonitas que triumpham...

As feias, como eu, tambem o admiram, embora silenciosamente, sem vaidade...

Agora, não vá fugir de mim. Mesmo porque, (quem sabe?) posso não ser tão feia assim...

E com esta, ponto. Espero que você desculpe a minha involuntaria "gaffe", (se é que houve de facto esse engano da minha parte) e não ponha obstaculo em receber o coração amigo de *Malva Rosa*."

Vão aqui os meus commentarios:

1.º — Apesar de ter posto os pontos nos ii, devo accentuar, mais uma vez, que, em nada, me molestaria uma opinião menos lisonjeira que o poeta (que entra, no caso, como Pilatos no credo) emittisse a respeito da minha insignificante personalidade literaria. Era muito natural que elle não me supportasse, literariamente falando, e não me concedesse uma particula de merito. Mas, não seria por isso que eu quizesse tapar o sol com um véo, negando a tão insigne artista do verso o logar que lhe compete na literatura nacional. Continúo a frizar que o poeta santista (supprimo-lhe o nome, porque elle não me autorizou a publical-o, nesta questiuncula de letras) continúo a frisar que o lyrico majestoso é uma das mais bellas vozes da nossa poesia, senão a mais alta e empolgante, de que nos devemos orgulhar.

Nelle não ha apenas um emotivo, um poeta espontaneo: ha, sobretudo, um artista, que dá ao verso, recórtes de filigranista, coloridos de uma paléta sábia e musicalidades de um symphonista vigoroso.

Como vê, eu o elogio não diplomatica ou convencionalmente, mas com o enthusiasmo de quem admira, de facto, e tem a coragem, a franqueza e o desprendimento de proclamar o que sente e o que pensa.

2.º — Não leve a sério a minha brincadeira. Eu não podia dizer que v. ex. era feia ou bonita. E isso pela simples razão de a não conhecer pessoalmente.



E agora, por um turno, peço releia o que escrevi. O que eu disse foi isto: "O diabo é que v. ex. póde não ser bonita..."

Ora, si v. ex. é feia, eu, deploravelmente, dei um *palpite* — como se diz na gyria; — e si é bella — tanto melhor. V. ex. póde e tem o direito de perguntar: "Que culpa tenho eu de ser bonita?"

YVETTE (?) — A sua carta é muito curiosa. Entretanto, o que me parece mais curioso, é a pergunta que me faz, comrelação á arte de lêr o caracter pelo graphismo.

Indaga v. ex.: "Como foi que você, Yves *darling*, conseguiu adivinhar o meu temperamento? Será a graphologia uma sciencia exacta? Por causa das duvidas, eu não cairei mais em escrever de proprio punho".

A pergunta é pueril. Desculpe.

Primeiro, porque, a graphologia não é arte divinatoria. — A graphologia não leva a adivinhar, mas a definir e, quasi sempre, a positivar os caractéres; depois, porque, si v. ex. concorda em que ella é "uma sciencia", e que, por meio de tal sciencia, deduzi "o seu temperamento", é claro que ninguem, melhor do que v. ex., poderá informar sobre o valor da referida sciencia...

Si v. ex. tivesse a pachôrra de abrir um tratado de graphologia, e de se dedicar ao seu estudo, com interesse e afinco, acharia a coisa mais natural deste mundo, vêr uma letra, e poder assegurar, serenamente:

"Trata-se de uma creatura delicada, meiga, suave, de attitudes mansas", etc. Ou então: "O autor de tal calligrafia é uma pessôa rude, de má origem, venenosa, egoista, violenta", etc., etc.

Porque o valor da graphologia, como sciencia experimental, está justamente em poder definir as coisas da alma, do corpo e do cerebro, no espaço de minutos, com uma segurança que, ás vezes, não se consegue, no decorrer de toda uma existencia.

Si todos os noivos ou noivas, (particularizemos os sexos) conhecessem bem a graphologia, certamente não teriam tantas decepções, depois de unidos pelo matrimonio.

E não será esse o seu caso?

Garanto que a letra do seu esposo — de quem tanto se queixa, com amargura — ha de revelar os

*(Continúa na pagina seguinte)*

traços da maldade e da brutalidade. E apesar de o não conhecer, e de suppôr, mesmo que "elle" não existe — senão em sua fantasia de moça — não trepido em lhe attribuir o typo de letra commum ás pessôas que têm os seus defeitos. Letra grossa, forte, alta, traçada ás pressas, e denunciando violencia.

Si elle é calculista, e traiçoeiro, de apparencia tranquilla, a letra póde ser arredondada, cheia de curvas e alguns angulos, e, geralmente, confusa, — com o córte do *t* bem alto, acima da haste principal; ou então esse córte — o traço do *t*, entenda-se — é formado do proprio *t*, e se enrosca, nelle, com lentidão, exprimindo a vontade fria, lenta, calculada, mas insistente e perigosa.

E' possivel que haja erro nessas apreciações empyricas, baseadas no abstracto. Mas, si houver relação entre o que v. ex. me escreveu e a verdade dos factos, naturalmente achará que tenho razão, quando noto que a graphologia é uma sciencia estupida — principalmente para os que se arriscam ás surprezas de um casamento por interesse...

J. B. OLIVEIRA (Capital) — Estou hoje de pouca sorte. Chego cêdo á redacção. Dez da manhã. Segunda-feira. Dia 10 de setembro!

Que tédio!

O chefe das officinas vem ao meu encontro:

— Seu Yves! Pelo amôr de Deus! Escreva as suas secções! O sr. está atrazado! Vamos! *Saibam todos! Tulipas!* Escreva, escreva! Depressa!

— Não póde ser para logo á tarde?

— Não, senhor! E' já e já! Não posso deixar as machinas paradas...

— Muito bem! — resmungo eu.

E lá me atiro ao trabalho insano de escrever.

Escrever! Uff!

Sobre a minha banca, lá está uma pilha de cartas... Cartas!

Abro uma com letra feminina. Azul-celeste. Perfumada...

*Bluff!* Puro *bluff!* E' de um poeta...

E, agora, vejam o poeta que me salta de uma carta-*bluff*, nesta entediante segunda-feira de setembro...

O poeta chama a isto um soneto (!)

*NÃO MAIS TE ZANGUES*

*Tu sorriste... E minh'alma toda*
*[abriu-se*
*N'uma festa de afagos e de beijos!*
*Rosas cahiam aos teus pés, ro-*
*[lando*
*N'um murmurio de amôr, vibrando harpejos!...*

## SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

*Sorri, tambem, oh! dulcida creatura!*
*Tendo a minh'alma da tu'alma [cheia!*
*Que grande amôr, o nosso amôr, [divino!*
*Fornalha ardente que em noss'-[alma ateia!...*

*E tu sorrindo... Apaixonada-[mente*
*Embriaguei-me do teu olhar pro-[fundo!*
*Que de ternura nos teus olhos [negros!*
*Olhos mais ternos que já vi no [mundo!...*

*Não mais te zangues, meu amôr! [Na vida*
*Só te conheço á ti, bella senhora!*
*E as rosas todas te veneram, [ainda*
*Que te enrugueças de uma em [uma hora!...*

Francamente, senhoritas, leitoras bonitas do *Saibam todos!* Haverá paciencia que resista a esses "poetas" que, logo na segunda-feira, nos dão a triste noticia e o "presente" dos seus "sonetos"?!

Que "presente"!

Nem póde ter similares!

BON AMI (Espirito Santo) — A sua carta côr de ouro (que espantalho!) é clara na sua exposição.

Vejamos, pois, o que o sr. deseja. Lá vae...

"Espirito Santo, 1.º de Setembro de 1934. Respeitosas Saudações. Caro Yves. Como grande apreciador de FON-FON, — revista de merecidissimo valor, tomo a liberdade de enviar-lhe este meu sonetinho que segue junto a esta, para o sr. fazer o especial favor de publical-o em sua interessante revista.

Se por ventura eu for attendido, ficará deste modo, satisfeito o meu maior desejo — o de ver publicado um trabalho meu em uma das paginas de FON-FON.

Pela secção de respostas de "Saibam Todos", aguardarei o seu veredictum, sob o pseudonymo: Bon Ami."

Com a mesma clareza com que o sr. manifesta o seu desejo, devo declarar que o sr. é um máu sonetista, e não poderá ver o seu "sonetinho" publicado no FON-FON.

Por ora, o sr. deve ir apenas escrevendo. Escrevendo, lendo e rasgando o que escreve...

VALDO DE ABREU (S. Paulo) — Meu caro confrade. A sua carta diz o seguinte: "Caro Bastos.

Ha coisa de semanas, escrevi-lhe uma carta, á qual, infelizmente, não obtive resposta. Attribuo-a a um possivel extravio, do que não se está livre nos Correios de São Paulo. E' o diabo isso!

Agora, venho de novo á sua presença, esperando desta feita ser attendido pelo esteta sutil de "Amôr e Rosa", livro bonito e sadio, onde ha sempre uma conta de magoa, pirilampo triste, perola accesa de dôr. Mando-lhe dois poemas.

Desejo um lugarzinho nas paginas de FON-FON, na esperança de merecer de você a mesma camaradagem e benevolencia, com que o poeta se houve para comigo, o pigmeão, cujo unico merito é a preoccupação de aperfeiçoamento.

E, para terminar, pergunto-lhe si a segunda quadrinha pertence á sua lavra. Encontrei-a, ha tempos, num album de distincta senhora, onde o nome do autor não apparecia. No emtanto, a minha amiga julgava pertencer a um poeta [illegible]tista, de nome Portela e não conheço que mais Portela, só conheço você. Queria, pois, que o nobre confrade me dissesse a verdade. A quadra é maravilhosa, revela uma alma simples e ingenua de poeta resignado e encantador.

"Certo dia, porém, mil magoas me [trouxeste
feriste um coração que inda hoje [te bemdiz
mas que Deus te perdôe o mal que [me fizeste
e por onde tu vás, Deus te faça [feliz!"

Não sei si está certa. Citei-a de memoria.

Sem outras, agradecendo-lhe os multiplos favores, é seu admirador e patricio, *Valdo de Abreu.*"

Devo esclarecer que a resposta da carta que suppõe extraviada sahiu em o nosso n.º 29, de 21 de julho deste anno. Lá, eu lhe explico que a quadra, sobre a qual me consulta, pertence a um poema de minha lavra, publicado ha varios annos. Na mesma occasião, eu dou esse poema na integra e respondo, favoravelmente, aos pedidos que me fez.

*Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.*

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 68

Caixa Postal 97

Telephone: 2-4136

FON-FON — 29-9-934

*Data da consulta*.............

*Nome do consulente*...........

...............................

# O MÔCHO

—Vamos, senhor... — Não é possivel. Eu esperava muito menos.

O funccionario sorriu.

— Não se queixe, senhora. Não se desdenha cinco mil francos de pensão.

— Sim. Mas não comprehendo. Quizera...

O que queria ella, afinal? Não o sabia. Tinha a impressão de caminhar em meio de trevas.

Com quarenta e dois annos, parecia apenas trinta.

Não trazia rouge nas faces nem na bôcca. Sobre as orelhas enrolavam-se duas tranças louras. E sob o crepe parecia realmente joven.

— Mulherzinha engraçada — pensava o funccionario. — Ha nisso tudo um mysterio.

Será que Mingeard?...

No seu sub-consciente uma voz secreta respondeu-lhe: "Sim. Mingeard enganava a esposa, quinze annos mais moça do que ella. E, por isto, sustentando outra, não dizia á mulher legitima o quanto ganhava".

Era preciso, pois, falar á viuva com muita prudencia.

E assim, a uma nova pergunta, o funccionario respondeu bruscamente:

— Só a senhora póde esclarecer a questão. Em todo o caso receberá sem escrupulo a pensão a que tem direito.

Clara Mingeard curvou a cabeça e retirou-se. Seu passo, a principio lento e pesado, tornou-se [illegible]. Ella ansiava por encontrar-se em sua casa, a sós. A sós com a sua humilhação. Porque só havia uma explicação possivel. Sim, tudo agora se esclarecia. Havia na memoria da viuva aquella carta perfumada, de letra um pouco artificial. Aquella carta de amor que ella encontrára no bolso do marido [illegible] annos antes.

"Querido, já que vaes ficar [illegible] oito dias, prometto-te uma [illegible]"

Sem terminar a leitura, Clara soltára um grito:

— Roberto! Que é isto?

Tremula, a ingenua mostrava-lhe a carta accusadora:

— Isto, querida?

E' de um collega. [illegible] Doureau, sabes? Embora casado, tem [illegible] amante. Confiou-me esta [illegible] eu esqueci de devolvel-a. Entendes?

Mingeard estava visivelmente perturbado. Mas Clara sorriu de novo, confiante:

— Ah! que mêdo eu tive! Mas que peste o teu collega! Ha de [illegible] mulher infeliz!

Ah! a lembrança dolorosa [illegible] Roberto havia mentido e durante [illegible] nos pagará o luxo de uma amante, emquanto ella, a esposa, [illegible] vada do superfluo. Como [illegible] ella economizado para [illegible] conforto. Que vida [illegible] gada, tinha ella levado!

No fim de alguns dias, [illegible] Clara [illegible] amigas bem intencionadas, que sabia de tudo. Enojada, [illegible] sentar-se por algumas [illegible]. Na paz de sua provincia [illegible] uma pequena casa, e lá [illegible] tinha bons amigos. Ali ninguem conhecia a sua humilhação [illegible] aquella dor manchada [illegible] prezo. "Então — pensava [illegible] até o meu passado me [illegible] do? Amava e julgava-me [illegible]

# De Isabelle Sandy

Toda aquella humilde ventura transformada em falsidade!..."

Installada na velha casa, ella se-[illegible] um pouco. Fiel, seu marido tel-a-ia enchido com a sua presença... obstinando-se a reviver o passado feliz.

O quarto de solteira, cheio de sonhos desfolhados... O pequeno bosque onde lia romances de amor e onde Xavier, um dia de infancia, lhe havia jurado um eterno amor.

— Sei hoje o que valem essas juras — pensava amargamente a viuva — mas gosto de relembrar minha emoção e a de Xavier. Nossos paes nos separaram: casaram-nos ambos e creio que o pobre rapaz é hoje um modesto funccionario.

Mas para que reviver o passado morto? O companheiro de sua vida, Xavier, havia de trahil-a, assim como o marido a trahira. Então para que lamentar um destino tão funesto?

* * *

Uma noite, em que Clara tocava ao piano uma antiga valsa, ouviu um grande ruido na chaminé: o ruido de uma quéda de corpo que se debatia atraz da cortina de ferro.

— Uma alma — murmurou a viuva, estremecendo. — A alma dos meus mortos!...

Apavorada, tremula, apparelhou uma lampada, quiz deixar o salão... A porta, porém, parou. O ruido cessara. Mas ouvia ainda uma respiração offegante. Seria um ladrão? Que fazer?

[illegible] a porta, Clara subiu [illegible] decidida a [illegible] to- [illegible] a noite. Um pesado silencio [illegible] sobre a casa. — Aquelles [illegible] tornara-se insupportavel [illegible] devia ter partido. Cor- [illegible] inoffensivo.

A's tres horas da madrugada, [illegible] uma [illegible] Clara penetrou no [illegible] a luz, ajoelhou-se e tremula ergueu a cortina de ferro.

Deu um grito: um grande ser [illegible] de longas azas, bello como um anjo negro, enchia a chaminé.

Sua cabeça quadrada terminava por um longo bico quadrado onde [illegible] sangue. Não [illegible] olhar naquelles olhos fixos que a luz ou a morte tornava ainda maiores...

Uma impressão de força, de decahida grandeza, emanava do mocho. Enternecida, Clara tentou erguêl-o.

Pesava muito. Em vão os finos dedos da mulher tentaram abrir o bico contrahido. Introduziu um pouco de vinho. Vencida, sahiu com o passaro nos braços.

Era uma noite clara, suavemente illuminada pelas estrellas.

Clara pousou a ave sobre a balaustrada do terraço, acariciou-lhe a cabeça, as largas azas vencidas.

Mas o corpo todo coberto de trilhantes pennas permanecia immovel. E a moça abandonou o passaro com o intuito de enterral-o no dia seguinte. Tornando ao quarto, debruçou-se á janella e poz-se a sonhar. De subito, veiu, subiu lá do valle um appello melancolico, lento, repetido...

— Uma ave nocturna.

Talvez a femea do mocho! Pobre ser!

Não sente então a morte do bello macho vencido? Pesar do longo silencio, ella não quer desesperar e grita á noite o seu desespero.

E, sob a suave luz das estrellas, o passaro ferido, num esforço supremo, poz-se a voar ao encontro da femea selvagem que não cessava de gritar o seu desejo...

Tremula, a cabeça entre as mãos a mulher chorava!...

— A' tua saúde, Ista..., á tua saúde!

— A's vossas, queridas!

Por cima do bolo symbolico chocaram-se os trez copos entre mãos um pouco tremulas.

No meio do bolo havia uma grossa vela rosa, cercada de sete velas pequenas, brancas.

Não é possivel collocar oitenta e quatro velas em cima de um bolo de tamanho commum.

Trez mulheres estavam sentadas em torno á mesa, modestamente vestidas de preto. Duas dentre ellas festejavam o anniversario da antiga e fiel creada da familia, Ista Schaeffer, que completava 84 annos.

A sala parecia um pensionato de religiosas; sobre a chaminé um grande Christo abria seus braços de misericordia.

Mlle. Mathilde levantou-se e foi accender uma lampada collocada a um canto e trouxe-a para a mesa.

Depois, fechou as janellas e tornou ao seu logar. A mais velha das irmãs, Adelaide, contava 56 annos; Mathilde tinha 52, mas fôra sempre doente e aparentava muito mais.

Ista, ao contrario, conservára —, por milagre, um rosto branco e rosado. Sorrindo, toda curvadinha, ella olhava Mlle. Mathilde cortar o bolo:

— Come, Ista; está bom!

Naquelle momento esqueciam toda miseria. Aquellas trez solteironas eram as ultimas testemunhas de um drama que se passára sessenta annos atraz e do qual só Ista tudo sabia.

O avô materno das senhoritas Bausset, Gregorio Devesne, era um rico commerciante do Havre, e Ista Schaeffer, orphã vinda da Alsacia, ali se empregára para ama das meninas. Um *krack* formidavel arruinou do dia para a noite o commerciante que em consequencia morreu de um ataque de paralysia, deixando na miseria a mulher e a filha, Antonietta, de vinte annos de idade. Tiveram que deixar o luxuoso apartamento e despedir os creados.

Ista não quiz sahir.

— Não abandono os meus patrões na desgraça. Sei coser e bordar; trabalharei para mim.

# O COLLAR — De M. Dupont

Assim fez, tornando-se o amparo das duas [illegible]

Mme. Devesne morreu deixando a filha noiva [illegible] modesto professor, Maxime Bausset, que pela [illegible] se apaixonára loucamente. Realizado o casa[illegible] Ista continuou a servir gratuitamente o novo [illegible] Adelaide nasceu. A vida continuava modesta [illegible] feliz.

Mas Antonietta morreu quando Mathilde [illegible] mundo. E Ista creou, á custa de mil privações [illegible] duas pequenas. Mais tarde, quando o professor [illegible] reu, as trez mulheres juraram que nunca [illegible] de separar.

A vida foi dura. As duas irmãs estavam [illegible] doentes. Mas Ista nunca desanimou. E assim [illegible] o dia do 84º anniversario da velha e dedicada [illegible] Naquella noite estavam as trez mais unidas [illegible] nunca e as duas irmãs pensavam: que seria [illegible] Ista morresse?

— Fala-nos, Ista — disse Mathilde, pousando [illegible] sobre a mão enrugada da velhinha.

Ista riu, docemente. O assumpto era sempre [illegible] mo: a mãe que as duas irmãs tão cedo haviam [illegible] dido.

Mas Ista não parecia disposta a falar.

— Ella era bonita, não? — perguntou mais [illegible] vez, Adelaide — E vaidosa?

— Vaidosa? Ah, sim!

Era este talvez o seu unico defeito.

— Conta, Ista!

— Ella adorava os vestidos bonitos e as joias [illegible] éramos pobres e tinha a pobrezinha de renunciar [illegible] tudo. O patrão caçôava sempre daquella [illegible] Mas, num anniversario, a senhora recebeu [illegible] collar...

— Um collar? Nunca nos falaste nisto!

— Nem me lembrava mais! Recebeu-o do [illegible] amigo do patrão, o dr. Cassier, um grande [illegible] O patrão ia zangar-se, mas o dr. Cassier [illegible] lisou-o:

— Não vês que são perolas falsas? Custaram [illegible] 300 francos. Quiz dar este prazer á tua mulher [illegible] adora joias!

"Madame nunca deixou de usar o collar [illegible] que carinho ella acariciava aquellas perolas! [illegible]

A velhinha suspirou e continuou mais baixo: [illegible]

— Antes de deixar-nos para sempre, ella entregou-[illegible] me o collar e me fez jurar que eu o conservaria [illegible] memoria della...

* * *

Seis mezes mais tarde, por uma bella noite [illegible] to, Ista extinguiu-se docemente. As duas irmãs [illegible] raram muito e continuaram a sua vida de priva[illegible] Um dia, foram arrumar o quarto da creada [illegible] da não tinham ousado entrar. E lá descobriram [illegible] caixa de costura na qual estava um envelope [illegible] refado a ellas. Dentro encontraram estas palavras [illegible]

"Minhas queridas: ha trinta e cinco annos [illegible] commigo um terrivel segredo que a minha [illegible] me confiou ao morrer e que jurei guardar [illegible] sempre. Que ella me perdôe se quebro hoje minha [illegible] messa. Breve morrerei, e que será de vocês [illegible] doentes? Tenho o direito de esconder uma [illegible] lhes dará conforto e bem estar. Abram a mala [illegible] fundo ha um estojo com o collar de perolas que [illegible] dr. Cassier deu outrora á minha amazinha. [illegible] o collar. As perolas são verdadeiras. E que Deus [illegible] Perdôe se faço mal em violar o meu juramento [illegible] Adeus, minhas queridas! Rezem pela velha Ista."

Muito tempo, em silencio, as duas irmãs choraram [illegible]

Depois, a mais velha disse: [illegible]

— Se quizeres, Mathilde, venderemos o collar [illegible] daremos o dinheiro para o orphanato das irmãs [illegible] caridade.

— Amem — disse a mais moça.

# O tratado interamericano para a protecção de instituições artisticas e scientificas e monumentos historicos

Agindo com uma promptidão que bem indica o seu interesse no assumpto, os Estados Unidos, o Panamá e Honduras communicaram já á União Panamericana a sua intenção de assignar o Tratado Interamericano para a Protecção de Instituições Artisticas e Scientificas e Monumentos Historicos. O Panamá e Honduras delegaram poderes a seus representantes no conselho director da União para assignarem o referido instrumento, emquanto que o presidente dos Estados Unidos designou o secretario da Agricultura, o excellentissimo senhor Henry A. Wallace, como plenipotenciario para o mesmo fim.

O tratado a que nos vimos referindo teve origem numa resolução da Setima Conferencia Internacional Americana, reunida em Montevidéo, Uruguay, em dezembro de 1933, a qual recommendou que as Republicas Americanas assignassem o Pacto Roerich, um instrumento preparado pelo Museu Roerich, de Nova York. De conformidade com a recommendação da Conferencia, o conselho director da União Panamericana tomou os principios fundamentaes do projecto Roerich e formulou com elles um tratado interamericano que se depositou com a União Panamericana devendo ser aberto á assignatura das Republicas Americanas a 14 de abril de 1935, ou antes, se todos os governos membros da União nomearem os seus respectivos plenipotenciarios para esse fim antes dessa data.

O tratado estabeleça que monumentos historicos, museus, e instituições scientificas, artisticas, educativas e culturaes deverão ser considerados neutros em tempo de guerra, sendo protegidos por uma bandeira especial. A protecção concedida pelo Tratado estende-se ao pessoal das referidas instituições.

# O VINHO

HENRI LE MEYNIER, vice-presidente do Tribunal do Sena, era, ao mesmo tempo, um homem bastante sympathico e um magistrado de grande classe, um fino gastronomo, o que não influe, e um homem terrivelmente distrahido, o que lhe pregava más peças e fazia o desespero de sua mulher Adèle. Sempre nas nuvens, estudava pelo pensamento um problema de direito civil, ou commentava na cabeça os considerandos da sentença do processo em curso, e, entretanto, commettia todas as distracções classicas: sahidas sem chapéo debaixo de chuva, bengala de castão de ouro trocada por um páo qualquer, peugas calçadas pelo avesso, etc.

Mme. Le Meynier, felizmente, era uma dona de casa na altura, e, na maior parte das vezes, sabia reparar as "gaffes" do grande magistrado... Sómente na maior parte das vezes; porque, em certas circumstancias, como vos poderei dar conta, não o conseguia.

Um bello dia, depois da quéda dum ministerio e constituição do novo, o Guarda dos Sellos, recem-nomeado, tomou por chefe de gabinete Georges Covinal, procurador geral em Rennes.

— Covinal, Covinal... — murmurou Le Meynier, lendo essa noticia no seu jornal. Mas é Georges Covinal, com quem fiz todos os annos de direito!... Perdemo-nos de vista...

— Está ahi uma bôa occasião para tornarem a encontrar-se — accrescentou nitidamente mme. Le Meynier.

— Será facil. Eramos intimos: mesma casa, mesma pensão... não nos largavamos...

— Pois bem, meu caro; façam novamente amizade. Só te faltam dois annos para passares a Conselheiro do Tribunal. A amizade do chefe do gabinete do Guarda dos Sellos póde ajudar poderosamente.

— Entendido! Amanhã mesmo irei ver esse bravo Covinal.

O reconhecimento fez-se com facilidade. Havia entre os dois magistrados tantas recordações communs dos vinte annos, que logo se refizeram velhos amigos. As duas mulheres trocaram visitas e, — coisa rara, — sympathizaram reciprocamente. Assim, quinze dias depois, os Le Meynier eram convidados para almoçar em casa dos Covinal, que, para o verão, haviam alugado um chalet em Raincy.

Le Meynier, de muito bom humor e resolutamente optimista, encantado com essa pequena fugida aos arrabaldes por um lindo dia de verão, chegou com sua mulher á casa dos novos amigos bem decidido a achar tudo perfeito e contentar-se com tudo. E, de resto, não havia motivo para não o ser, porque o almoço que lhe serviram era de primeira ordem. Saboreou os "hors d'oeuvres", extasiou-se com o "soufflé" de pontas d'aspargos, cantou louvores ao Senhor por occasião do pato com ervilhas, e bemdisse a Providencia deante do assado. Mas a sua admiração não teve mais limites quando um Bordeau branco, que lhe arrancou lagrimas de satisfação.

— Meus caros amigos, este vinho é simplesmente incomparavel! E' uma belleza! Onde o compraram? Nunca bebi nada parecido!

— Meu Deus! — disse mme. Covinal, toda contente com esses elogios. — E' muito simplesmente um vinho de particular; é meu pae quem o faz com as suas uvas; um verde pouco conhecido, o Chateau-Laterrade.

— Madame, esse dominio vale uma mina de ouro, e este vinho é real!

— Meu velho — replicou Covinal, visto que o achas tão bom, vamos mandar-te uma caixa.

— Oh! — exclamou mme. Le Meynier. — Vês, Henri, como és indiscreto? Extasias-te demasiadamente?

— Absolutamente não, cara senhora! Para nós, será um prazer. Daqui a quinze dias receberão a caixa.

O dia acabou num encantamento. Le Meynier admirava tudo: o chalet, as gallinhas, os patos, as rosas, os faris... Regressou á noite com Adèle Le Meynier, só jurando pelos Covinal e declarando que tudo na casa estava da melhor fórma, e que eram das pessôas mais encantadoras deste mundo. Mme. Le Meynier, habituada a esses enthusiasmos, tendo-o visto innumeras vezes em estado analogo, deixava-o falar.

A caixa de doze garrafas de Chateau-Laterrade foi recebida quinze dias depois; ao mesmo tempo, chegava a época das férias. Cada um foi para um lado differente da França, e foi sómente nos primeiros dias de outubro que, todos já tendo regressado a Paris, Adèle Le Meynier declarou a seu marido que era tempo de retribuir aos Covinal o convite do mez de julho, e que os convidasse para jantar na qu'nta feira seguinte. O que Le Meynier achou muito bem.

A audiencia prolongou-se bastante nesse dia, e os convidados já estavam no salão quando elle voltou do Tribunal. Toilette rapida. Entrada como um golpe de vento. E depois: Desculpas pelo atraso. "O jantar está servido".

— Muito grossa, essa sopa, — disse elle, logo que provou uma colherada.

— Ah! meu amigo — disse Adèle Le Meynier — já vaes começar?

E, voltando-se para os Covinal:

— Viram meu marido em casa alheia: todo assucar e todo mel. Em nossa casa, é outra coisa! Sob pretexto de ser um fino gastronomo, é um nunca acabar de criticas culinarias!... Por favor, Henri, cala-te! Não ha nada mais desagradavel para uma dona de casa...

— Bem, bem, não direi mais nada.

# De Jean Marsele

E a conversação passou para outros assumptos: o ultimo discurso do presidente do Conselho, a peça do Berstein no Gymnasio, a defesa do dr. Henri Robert, etc.

De repente, acabando de provar um copo de vinho branco, Le Meynier teve um gesto de revolta.

— Minha cara amiga, prometti nada dizer sobre o jantar. Mas, desta vez, é demais!... Que vinho é este que nos mandas servir?

Mme. Le Meynier suou frio. Era justamente o Chateau-Laterrade que, por attenção toda natural, mandára servir nesse dia para honrar os offertantes.

Mas, Henri...

— Não tens desculpas — continuou Le Meynier, que nada mais podia deter. — Como? Para estes bons amigos, que estou tão contente em receber hoje, não mandaste servir um dos nossos bons vinhos! E faze-nos beber esta coisa horrivel.

— Henri! — disse Adéle, arregalando os olhos.

— Oh! pódes fazer-me caretas, piscar os olhos e dar-me pontapés por debaixo da mesa para que me cale, mas não calarei. Vaes muito depressa pedir uma garrafa de Chateau-Yquem e mandar esta droga para á cozinha!

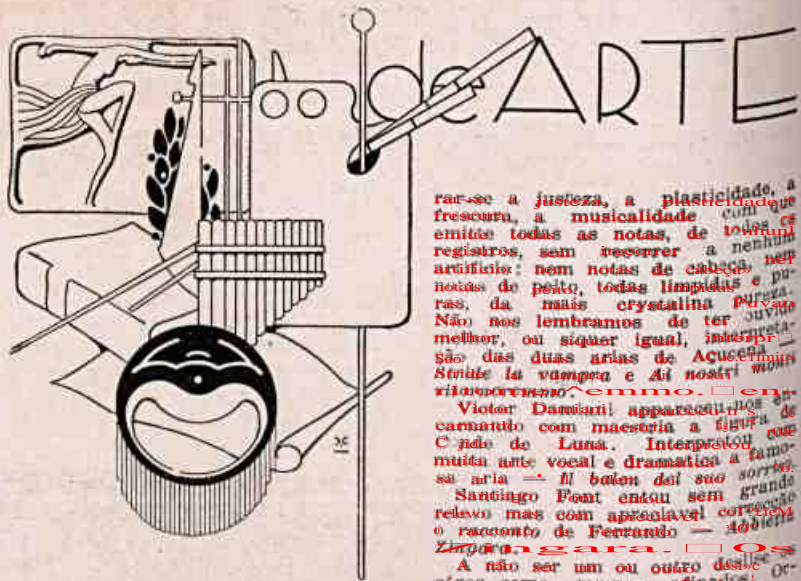
O jantar terminou num certo frio, com grande admiração do dono da casa.

E como o ministerio, contra todas as espectativas, durou dezoito mezes, o presidente Le Meynier nunca mais foi nomeado Conselheiro do Tribunal.

## Uma experiencia

A universidade da California contractou, recentemente, trez desoccupados para servirem de cobaias, pois necessitava-se fazer, com elles, experiencias sobre o resfriado. Os trez pacientes foram introduzidos, irregularmente, em varios compartimentos, onde as temperaturas eram as mais variadas possivel, pelo que deveriam apanhar um grande resfriado: varias horas sob um calor suffocante e, um minuto depois, sob um frio intenso. Mas, nenhum dos trez se resfriava. Appellou-se, então, para um meio que era considerado radical: no mesmo quarto em que os trez dormiam, foi introduzido um individuo atacado já de uma grippe fortissima. Tudo em vão: os trez homens continuavam gozando da melhor saúde.

E, emquanto os sabios e professores se esmeravam procurando contaminal-os, os nossos heróes continuavam comendo e bebendo alegremente á custa da universidade.

# Notas de Arte

GRANDE COMPANHIA DE ESPECTACULOS LYRICOS SYMPHONICOS E CHOREOGRAPHICOS. — *O Trovador*, op. em 4 actos, de Verdi; libretto de S. Cammarano, extrahido do drama homonymo (?) do escriptor hespanhol Antonio Garcia. — Em 14ª e ultima recita de assignatura, foi cantada em a noite de 19 de setembro no T. M. a celebre op. de Verdi, *O Trovador*, sob a regencia do mº. A. Ferrari e com a seguinte distribuição: *Leonor* — Gina Cigna; *Açucena* — Ebe Stignani; *Manrico* — Reis e Silva; *Conde de Luna* — Victor Damiani; *Ferrando* — Santiago Font; *Ignez* — Gilda Colombo; *Ruiz* — Nello Palai; *Um cigano* — Sergenti; *Um mensageiro* — E. Giunta.

Estreada em Roma a 19 de fevereiro de 1853, *O Trovador* constitue com *Rigoletto* (1851), a *Traviata* (1853), *Aida* (1871), *Othelo* (1887) e *Falstaff* (1893), um dos termos da série de operas que caracterizam a arte verdiana, em diversos gráos da sua evolução.

Emboira mais que octogenária, *O Trovador* conserva a frescura de mocidade através de fragmentos melodicos de raro encanto emotivo, que hão de sempre constituir bellas paginas de uma anthologia musical. O *Côro dos Ferreiros*, a *Aria da Cigana*, o *Miserere*, para só citar trez entre muitos outros, são trechos que hão de agradar sempre como modelos do genero, embora para muitos o genero não agrada.

A edição da Companhia Lyrica do Municipal foi das melhores a que temos assistido. Além das interpretações magistraes que lhe deram as notáveis artistas Gina Cigna e Ebe Stignani, tivemos as quasi todas louváveis e louvadas dos outros artistas.

Reis e Silva mostrou mais uma vez o volume e a extensão da sua voz de tenor, que para ser grande só precisa corrigir alguns defeitos vocaes e dar cunho mais artístico ás interpretações — de que aliás se resentem também outros tenores que têm pisado o palco do Municipal precedidos de nome europeu. Embora com a voz um tanto velada, principalmente nos dois primeiros actos, Reis e Silva sobresahiu bastante no terceiro para receber unanimes applausos da platéa, inclusive uma tempestade de ovações, pelo brilho, pelo enthusiasmo, pela belleza canora com que executou a famosa aria — *Di quella pira*, em que raros tenores poderão ostentar a extensão e o volume de voz que o cantor brasileiro patenteia. Parece-nos mesmo que no proposito de ostentar a potencialidade do seu orgão vocal, Reis e Silva sacrifica algo do effeito artistico, cantando mais para o publico do que para a scena.

Oxalá que a estréa de Reis e Silva no palco do Municipal, numa grande Companhia Lyrica Italiana, ao lado de artistas lyricos do porte de Gina Cigna e Ebe Stignani, sirva de estimulo a outros para galgarem posição semelhante e até mesmo para aperfeiçoar-se de modo tal a não deixar perceber nenhum contraste, que sensivelmente o diminua, entre a sua e a arte de cantores como aquellas grandes sopranos. Para attingir a essa finalidade o que convém não é comparar-se aos artistas inferiores que porventura existam em Grandes Companhias Lyricas, mas ao contrario procurar sinão igualar ao menos ficar proximo dos que por sua presença explicam o epitheto de Grandes dados a essas Companhias. Com algum esforço, e não esquecendo nunca a regra de Democrito — a sciencia é a convicção da ignorancia — o que quer dizer: quanto mais se sabe mais se sabe que nada se sabe — Reis e Silva poderá justificar um dia plenamente perante o publico e a critica a sua presença efficiente nas Grandes Companhias Lyricas do Municipal.

A sra. Gina Cigna, extraordinária Leonor, não só como cantora mas ainda como actriz. Para citar o melhor, fôra preciso citar tudo. Citemos pois ao acaso: *Tacea la notte placida* e *D'amor sull'ali rosee* — dois primores de expressão dramatica e lyrica, e o famoso *Miserere*, a que deu todo o realce exigido pela grandiosa pagina.

A sra. Ebe Stignani, incomparavel Açucena pela belleza vocal. Cada vez mais admiramos e applaudimos a grande e rara voz da illustre artista. E' de ouvir-se e de admirar-se a justeza, a plasticidade, a frescura, a musicalidade com que emitte todas as notas, de todos os registros, sem recorrer a nenhum artificio: nem notas de cabeça, nem notas de peito, todas limpidas e puras, da mais crystalina pureza. Não nos lembramos de ter ouvido melhor, ou siquer igual, interpretação das duas arias de Açucena: *Stride la vampa* e *Ai nostri monti ritorneremo*.

Victor Damiani appareceu-nos encarnando com maestria a figura do Conde de Luna. Interpretou com muita arte vocal e dramatica a famosa aria — *Il balen del suo sorriso*.

Santiago Font entoou sem grande relevo mas com apreciavel correcção o *racconto* de Ferrando — *Abbietta Zingara*.

A não ser um ou outro deslize, córos como sempre afinados. Orchestra perfeita.

*O Trovador* constituiu mais um dos melhores espectaculos da temporada. Por isso mesmo foi tambem dos mais francamente applaudidos. Aliás isso era de esperar, dado o valor da orchestra, dos córos, dos scenarios, de varios artistas, e muito especialmente porque entre as principaes personagens figuravam as grandes cantoras — Gina Cigna e Ebe Stignani. — Bailados Brasileiros. — Na mesma noite da recita do *Trovador* realizou-se também no T. M. um espectaculo dos seguintes bailados brasileiros, dois antes e dois depois da opera: 1) *A Paz*: musica de Fr. Braga; enredo de Escragnolle Doria; choreographia de Maria Olenewa; regencia de H. Spedini; principaes figuras: *A Paz* — ...Grembo; *Marte* — Juko Lindberg; *A Guerra* — Germana Barbosa; *A Peste* — Peggy Morser; *A Morte* — Lidia Sumarokowa; *A* ... — Maria Carbonell — 2) *Imbapára*: musica de Lorenzo Fernandez; enredo de Basilio de Magalhães; choreographia de Maria Olenewa; regencia de Lorenzo Fernandez; principaes figuras: *Imbapára* — Juko Lindenberg; *Potyra* — Luiza Carbonell; *Mbubixcua* — Lourival Leal — 3) *Jurupary*: musica de Villa Lobos; enredo de Serge Lifar e ... de Carvalho; choreographia de Serge Lifar; regencia de Villa Lobos; principaes figuras: *Yauar* — Serge Lifar; *Yacina* — Ruth Harris; *Jurupary* — N. N.; 4) *Amazonas*: musica de Heitor Villa Lobos; enredo de Raul Villa Lobos; choreographia de Valery Oeser; regencia de H. Villa Lobos; principaes figuras: *A India* — Valery Oeser; *Os deuses dos ventos* — Juko Lindenberg; *Um monstro* — N. N.

(Continúa na pag. 24)

# PENSANDO...

(AO COMPANHEIRO PAULO FREITAS)

## DE JOSÉ VICTORINO

O homem vive e pensa em torno da mulher.

*

O louco é um ser normal fóra de sua época.

*

O pensamento representa a victoria de uma conquista.

*

A vaidade é o egoismo dos mediocres.

*

A sciencia é a essencia do aperfeiçoamento.

*

O homem virtuoso é aquelle que sabe esquecer o inimigo e se lembra do amigo.

*

Os livros são os nossos melhores amigos, porque não nos aborrecem. Elles não vêm ao nosso encontro; nós os procuramos.

*

E' na vida bucolica que o homem se approxima do Creador.

*

O homem só pensa no que o outro pensa se não souber que o outro pensa no que elle pensa.

*

O homem sem a mulher é um navio sem bússola.

*

Não ha virtude para o homem malicioso.

*

O homem é no intimo exactamente aquillo que elle pensa.

*

O intellectual é um sujeito phantasiado de escriptor que veiu ao mundo para comprar e escrever livros para os outros.

*

Conhecemos o valor da pessoa pela sua conducta e pelo seu modo de proceder.

*

Viver ás claras é uma especie de depoimento que prestamos ao publico declarando as tolices que praticamos na surdina.

*

Falar errado é uma supposta palavra que só apparece quando o individuo tem a lembrança de pensar no que estava pensando.

*

Quando a verdade faz uma viagem, a mentira fica respondendo pelo expediente.

*

Se um juiz deu razão, é porque o individuo estava sendo lesado pela opinião de outrem.

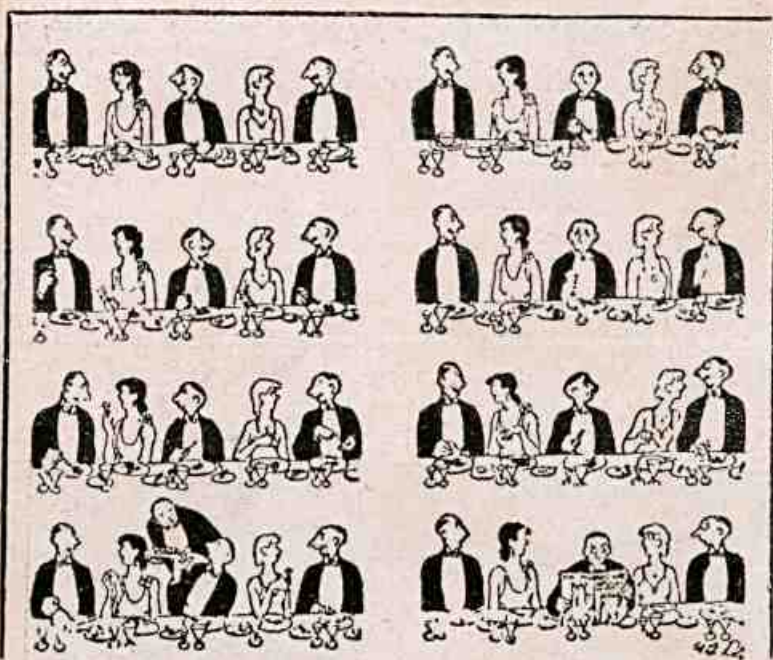
*

Os olhos são os receptores do coração.

*

A mulher sempre faz o que não imagina: por economia.

*

O gato, o cachorro e a mulher são os unicos animaes domesticos necessarios ao homem.

Um cavalheiro esquecido pelas damas...

# NOTAS DE ARTE

## ( CONCLUSÃO )

Pelo adiantado da hora, uma da madrugada, não nos foi possivel assistir aos dois ultimos bailados, mas comparecendo ao vesperal do dia seguinte, assistimos ao terceiro, de sorte que só deixamos de registrar as nossas impressões em relação ao quarto, que não presenciámos nem na 1ª nem na 2ª vez.

Dos trez bailados a impressão immediata é que só o assumpto do primeiro é arte brasileira por ser arte occidental. O Brasil não é uma nação de indios que se tenha occidentalizado, mas uma nação occidental formada na America desde o sec. XVI. A lingua é a mais positiva demonstração do asserto. No Brasil não se fala guarany mas portuguez. De sorte que arte brasileira é arte occidental através da raça portugueza, apenas modificada por elementos secundarios oriundos do indio e do negro, e ultimamente tambem de outras raças occidentaes e mesmo orientaes, como a italiana, a allemã, a poloneza, a japoneza e a syria.

Tomando por thema o versiculo do Evangelho de S. Lucas — Gloria in excelsis Deo et pax hominibus bonae voluntatis: gloria a Deus nas alturas e paz aos homens de bôa vontade — Escragnolle Doria idealizou a victoria final do Amor, do Altruismo sobre todas as formas do egoismo, caracterizando aquelle pela Paz e este pela Guerra e as suas sinistras companheiras, a Fome, a Peste e a Morte. Pena é que tivesse feito de Deus, um symbolo de pacifismo, dizendo que "a excelsa Paz é a propria essencia de Deus", quando ao contrario todos os deuses são mais ou menos guerreiros. A só differença entre elles é de grau. Quanto mais divinos, mais guerreiros: Jehovah; quanto mais humanos, mais pacificos: Jesus. Mas em qualquer caso, cada um delles é sempre — o senhor deus dos exercitos; seja Jehovah, Marte ou Jesus...

Mas abstrahindo desta nuga em relação á finalidade do poema, a verdade é que este exalta humanamente a Paz e condemna a Guerra, o que só é compativel com a civilização moderna, a civilização occidental e não o era com a antiga, onde a Guerra era instrumento normal de ordem e de progresso, dadas as fatalidades cosmicas e sociaes desses tempos e apesar das aspirações isoladas de almas de escol, que eram então contemporaneas do futuro.

Por tudo isso louvamos e applaudimos a poesia, a musica e a choreographia que se inspiraram no sublime ideal da Paz. Sob esse aspecto, o bailado de Fr. Braga é ao mesmo tempo artistico e edificante, e é tambem brasileiro por ser occidental e universal.

Resta saber agora se a realização correspondeu á concepção. Pela emoção produzida não nos parece que deva ser inteiramente positiva, nem inteiramente negativa a resposta. Agradou-nos mais a idéa do que a forma. Quanto á interpretação, teve bello realce. Maryla Grembo especialmente alcançou mais um triumpho.

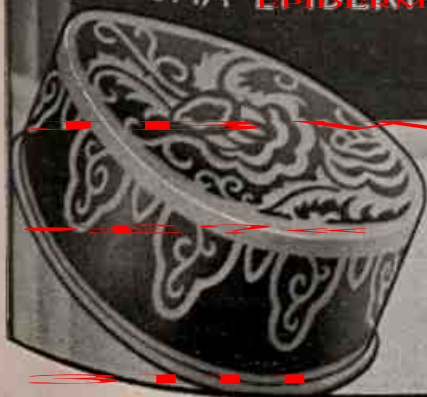
Os outros dois bailados, mais uma resurreição do indianismo, desse proposito de fazer do indio antepassado da civilização brasileira, como se o Brasil fosse um paiz formado de indios que durante os 4 seculos da sua existencia historica tivessem adquirido a civilização occidental, unica hypothese que justificaria semelhante proposito. Mas a verdade é outra. O Brasil primitivo é o Brasil colonia e não o Brasil selvagem. Não nasceu na taba do indio, mas na casa do colono. Por isso mesmo achamos absurdo caracterizar o que é nosso, mesmo o que é primitivamente nosso por momentos do estado feitichico das populações aborigenes e dos negros adventicios. Certo podem ser celebrados esses momentos, mas não como estados anteriores da nossa civilização, da verdadeira civilização brasileira. De sorte que sob o ponto de vista sociologico é condemnavel considerar o indianismo, como uma das formas da nossa civilização. Pode ser apreciado e idealizado, objecto de sciencia e de arte, mas apenas como um estado social peculiar e um Brasil differente daquelle de que nos originamos, um Brasil que desappareceu deixando raros vestigios.

Por isso mesmo os bailados Jurupary e Amazonas só são bailados brasileiros pelos autores e não pelos assumptos.

Feitas essas restricções, não ha como deixar de louvar os dois primeiros. Ambos agradaram, encantaram, enthusiasmaram mesmo. Amazonas sobresahiu mais pelo valor musical do poema, Jurupary pela parte choreographica. A 1ª parte do bailado de L. Fernandez foi de imponente effeito musical. As dançarinas de Maria Olenewa mostraram-se dignas alumnas da mestra. Jurupary, que musicalmente não nos deu grande impressão, causou-a intensa pelos effeitos choreographicos. Sergio Lifar deu mais musica aos gestos, do que Villa-Lobos gestos á musica. O poema choreographico excedeu ao poema sonoro. Execução, modelar. Tanto Serge Lifar, como Ruth Herris viveram com belleza dynamica, muito communicativa, toda a vida do poema.

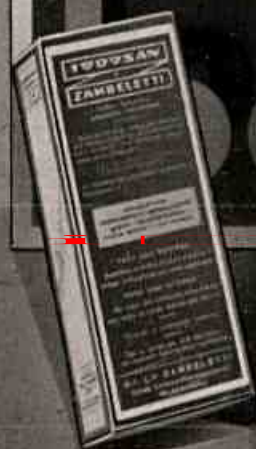
Registre-se ainda a perfeição da orchestra, a maestria dos regentes e a belleza dos scenarios.

Oscar D'ALVA

T. TARQUINO
A MULHER MODERNA SABE PREFERIR O PO' DE ARROZ QUE LHE PROPORCIONA UMA CUTIS SADIA, PERFEITA, ASSETINADA, E QUE DA' REALCE A' SUA BELLEZA NATURAL.
O PO' DE ARROZ GALLY, DE PUREZA E PERFUME CONSAGRADOS, REUNE TODAS AS QUALIDADES NECESSARIAS AOS CUIDADOS DE UMA EPIDERME FEMININA.
PO' DE ARROZ
GALLY

# Hygiene da Bocca
# Dôr de Garganta

ANNO XXVIII

# FON-FON

NUMERO 39

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 29 de Setembro de 1934

# O "reajustamento" de Adão e Eva

NUMA época de reajustamentos de toda ordem e natureza, qual a que atravessamos, tentando, num esforço titanico, mettre en forme a humanidade e suas condições de vida, seria extranhavel que a questão sexual ficasse á margem das muitas coisas a se reajustarem ou, melhor, a "entrarem nos eixos", naturalmente.

O confusionismo sexual é um facto a desafiar, em gravidade, todos os problemas que agitam e inquietam a humanidade de hoje. A linha differencial dos sexos, antes tão accentuadamente marcante no seu expressionismo biologico, physico, moral e intellectual, de certo tempo a esta parte começou a esmaecer-se e a perder muitas das suas caracteristicas mais essenciaes.

Outrora, o homem era, mesmo, o homem, e a mulher, a mulher. De olhos vendados distinguia-se um do outro. Sem confusão, sem duvida, sem possibilidades de engano. A linha differencial dos sexos era, sempre positiva, segura, infallivel, decisiva, sem vãos ás soluções de continuidade, ás vezes tão bruscas e violentas que, hoje, denunciam e marcam exquisitas anormalidades.

A mulher-homem e o homem-mulher são um producto esdruxulo da civilização contemporânea. Phenomeno physio-psychologico curiosissimo, a desmentir, na ordem natural das coisas, a velha regra de mathematica que diz que "a ordem dos factores não altera o producto".

Porque está positivamente verificado que, no caso em apreço, a inversão dos factores é de clamar aos céos pelos resultados que vem offerecendo. D'ahi, talvez, o interesse com que a 2ª Conferencia Internacional de Educação reunida, agora, na capital chilena, considerou, pela voz do seu illustre organizador, como resultado superior de seus trabalhos, tudo fazer-se para que "os homens sejam mais varonis e mais femininas as mulheres".

São essas as primicias da obra de reajustamento sexual a ser enfrentada neste momento da vida humana. Um reajustamento que é, fundamentalmente, um trabalho educacional.

Perto de mim, acompanhando o que rabisco para esta chronica, alguem casquina um risinho agudo e ironico.

— Por que ris?

— Ora, porque! Que pergunta! Porque é tolice tudo isso. Nós, as mulheres, não cederemos um palmo do que conquistámos até agora com tanto sacrificio.

— Mas, dize-me, que é que entendes por conquistas femininas?

— Mas, todas as liberdades de que gozamos hoje!

— Que liberdades?

— Ora, fazermos o que bem entendermos, termos direitos iguaes a vocês, os homens, gozarmos a vida livremente...

— E o lar, a familia, a funcção e a missão superior de toda mulher bem equilibrada, bem mulher, como mãe, como guia e desvellada educadora de seus filhos?

— Isso, meu amigo, se fará sem prejuizo da nossa liberdade de acção! Nada mais simples!

— Um conceito falso de liberdade é o que, em geral, vocês as mulheres de hoje têm...

— Como?

— Confundem liberdade com licenciosidade, — esquecidas de que os exemplos dessa licenciosidade é que veem desorganizando a familia e perturbando toda a vida social.

— Achas, então, que deveriamos voltar a viver como as escravas, que sempre fomos, de vocês?

— Não: penso, porém, que vocês deveriam ser...

— Mais femininas...

— Isso!

— E eu não o sou?

— A's vezes...

— E os homens? Estão tão maricas, hoje!

— Culpa ainda de vocês...

— Nossa? Tem graça! Por que, não me dirás?

— Porque vocês é que fazem os homens de cada geração. E as matronas de outróra, mães formadoras de filhos varonis e fortes, vão desapparecendo da face da terra...

— Talvez tenhas razão... Hoje, somos, mesmo, um pouco maluquinhas... Meio-homens, meio-mulheres...

— Uma mistura...

— Sim, mas vocês, tambem, andam tão misturados!...

— E' certo... Convenho...

E d'ahi, precisamente, a necessidade de nos reajustarmos para estabelecer no mundo o equilibrio sexual e com elle...

— Com elle?

— O amor bem comprehendido, o amor sadio e bom, feliz e contente de ser amado e comprehendido...

— Como o nosso?

— Sim, em certos momentos, quando tua alma de mulher vibra, palpita e perfuma, doce, suavemente, o ambiente da minha vida...

ELCIAS LOPES

*As praias de banho, ao que parece, mataram o interesse que as pernas femininas despertavam nos representantes do meu sexo.*

*E' essa a ultima noticia que nos dá uma conceituada revista norte-americana.*

*Mas por que foram as praias a morte do prestigio das pernas bonitas das Evas?*

*E' facil comprehender.*

*Numa praia, o que ellas exhibem vae além do joelho... De modo que vistas, depois, na Avenida, nas ruas da cidade, despidas, integralmente, livres da malha fina da meia, ellas pouco interesse despertam aos que se dão ao prazer de contemplá-las, gulosos.*

*E' tudo uma questão de progresso, de evolução, e de moda.*

*E' natural, é explicavel, é comprehensivel que só o mysterio torna as coisas raras e desejaveis.*

*E não ha duvida que o mysterio, no caso das pernas femininas, eram as meias e os vestidos longos que as velavam.*

*Foi por isso que o poeta, mostrando, como numa vingança, que embora não se visse a perna, esta podia ser adivinhada, escreveu este verso que se tornou famoso:*

Quand on voit le pied la
jambe se devine...

O meu amigo X... deu-me a ler uma carta chorosa, na qual propunha á "pequena", uma reconciliação.

Começava com este introito banal: "Queridinha"...

Adeante, havia expressões de pura estupidez amorosa: "Sem ti, amorzinho, eu morrerei de saudades... E, não creio, bemzinho, que me desejes vêr morrer de paixão..."

Fiz uma carêta. Fingi que já havia lido tudo. E entreguei-lhe a missiva, de amôr, sem palavras.

— Que tal? Achas que ella volta? — consultou elle, interessado.

Abanei a cabeça:

— Não!

— Não? — espantou-se o rapaz.

— Não é isso...

E expliquei:

— O que acho é que você não deve mandar a missiva.

— E que devo fazer?

— Esperar que ella volte por si...

— E si não voltar?

— Acaba-se tudo, meu caro!

O homem ficou triste. E eu commentei, sorridente:

— A mulher gosta de energia, de inflexibilidade, de expressões de força e coragem.

Pausa. Disse, depois:

— Conheci uma certa Nini, pequena sapeca e moderna, que rompeu com o noivo, porque elle era "doce de mais"...

O outro arregalou os olhos. Continuei:

— Perguntei-lhe o que era ser "doce de mais". E ella exclamou: — "Imagine que elle só me tratava assim: "Ninizinha"... Você é um anjinho... Quer um prezentizinho? Você parece uma bonequinha... E' mesmo uma gracinha..." — Um dia — proseguiu a moça — amolada com tanto *inho*, disse-lhe á queima-roupa: — "Sabe de uma coisa? Você é um bobinho..." E acabei com o noivado"...

O meu amigo X... baixou a cabeça, desolado. Murmurou ao fim de alguns segundos:

— Tem razão!... Sou um fraco!

E fez a carta em pedaços.

E' impressionante o desassombro, o amôr, o estoicismo, a abnegação dessa moça argentina, vinda de bôa origem, e que, illudida por um "gangster", lhe deu o seu coração puro e confiante, para, agora, na desdita, se conservar fiel ao seu affecto.

A Historia está cheia de episodios em que o desinteresse da mulher, ou antes, a sua dedicação e sacrificio pelo ser amado têm sido postos á prova.

A época do Terror, na França, foi fértil em factos dessa natureza. Nos seculos XVII e XVIII, havia como que uma volupia triste, no sacrificio pelo amôr.

Todos os que lêem, conhecem os amores puros de Tristão e Isolda, o soffrimento de Heloysa por Abelardo, o theologo; de Soror Marianna por um capitão enfatuado e brutamontes.

Sabe-se o que foi a dôr immensa de mme. de Pompadour, victima das intrigas da côrte franceza.

Mas, tudo isso se explica: essas mulheres soffriam numa época em que o soffrimento por amôr era sublime.

Nesses bellos tempos de galantaria e nobreza, a mulher que soffria pelo homem a quem amava não se sentia diminuida, mas, sim, engrandecida. E a vida, com os seus preconceitos, exigencias e utilitarismos, não pedia senão que amassem por amôr. Podia acontecer que amassem por interesse, por dinheiro, com um fim pratico e monetario. Mas, a regra era amar, porque a "razão era sempre a razão do coração" — como queria Pascal.

Mas, hoje?

Encontrar, hoje, uma mulher que, depois de ter a certeza de que o seu "prince charmant" era apenas, na realidade, um salteador sanguinario, com o realce dos bandidos do filme, — se conserve fiel ao amôr desse bandido, é uma excepção que maravilha e desorienta o espirito da época.

E, como o poeta immortal da *Divina Comedia*, só lhe resta, agora, dizer, soluçando:

*Nessun maggior dolore*
*che recordassi del tempo felice*
*nella miseria...*

Y V E

Robe de faille noire. Petite pèlerine en organza noir plissé. Bijoux (brillants et rubis) de VAN CLEEF & ARPELS. (Photo Luigi Diaz. — Paris, especial para FON-FON).

# Rapsodia Curitybana

CURITIBA é a cidade mais estranha do Brasil que eu conheço. Tem o aspecto dynamico de um grande "studio" cinematographico, em que os scenarios pompôsos recordam grandezas estupendas, mas grandezas artificiaes.

A capital paranaense foi feita de afogadilho, com a alta da madeira e da herva mate. Palácios e parques, arranha céos e avenidas brotaram, como guaxuma depois das queimadas, por todos os quadrantes da metropole planaltina. E o barro vermelho, que tingia com o pincel do vento sul os chalets de taboas de pinho, teve que dar logar ao carvão espelhante do asphalto civilizador.

A cidade, todavia, ainda guarda qualquer coisa de colonial e provinciano. Sobre suas ruas rectilinias e largas, desafiando o cabotinismo do cimento armado, passam carroças eslavas, carregadas de productos, que são a riqueza das colonias circumvizinhas. E, como provocação á grita imperialista dos "klaxons" dos automoveis de classe, os estalos dos chicotes bandarilham o ar leve do planalto.

Nada mais curioso do que a manhã curitybana! A cidade é acordada pelos pregões bizarros de colonas robustas. Guiando suas carroças frageis, as mulheres annunciam, numa algaravia que cheira a polonez ou a russo, a veneto ou a magyar, o feijão, a palha, o milho, ovos, gallinhas, vinho, hortaliças e nedios bacoros para banquetes de bodas ricas. E ás centenas, lenços coloridos ás cabeças, aventaes coloridos presos ás saias de muito panno, as colonas de Santa Felicidade, Muricy, Santo Ignacio, Argelina, Palmital atravessam a cidade, de norte a sul, berrando como loucas, procurando vender os fructos de seus labores titanicos. E' a feira ambulante. O mercado que se locomove para provocar o pittoresco das barganhas, pechinchas, regateios e discussões de toda sorte...

A's badaladas do meio dia cessa todo o rumor colonial. As carroceiras, mastigando broas de centeio, voltam para as colonias, ao passo tardo das alimarias cangadas. Ouvem-se o tinir dos cincerros e o retinir das sinetas pelas estradas poeirentas... E, de raro em raro, um "Muia" prolongado e o estalar de açoiteiras acordam a monotonia dos caminhos ensolarados...

Contam os velhos de Curityba, que antigamente, essas carroças ruraes eram guiadas pelos colonos. As mulheres ficavam em casa ou nos eitos, cuidando das criações, das roças exuberes. Acontecia, porém, que os homens, depois de terem percorrido a cidade e vendido o que a terra fertil lhes dava, abandonavam os vehiculos á frente dos botequins, debandando a beber e a gastar tudo o que haviam ganho. As vesperas. E chegavam em casa, bebedos e sem dinheiro, guiados quasi sempre pelo instincto domiciliar dos animaes de tiro.

Nada faziam os malandros!... Suas mulheres e filhos eram escravos de seus caprichos de indigentes fartos... A economia da familia periclitava. Todos os esforços do braço trabalhador não bastavam para saciar a ganancia dos fabricantes de "vodkas" e de zurrapas fortes. As rixas aniquilavam a paz dos casaes. E aquella gente simples e bôa, que viéra ao Brasil para amealhar e enriquecer, fanava-se, estiolava-se, tragada pela inconsciencia do vicio.

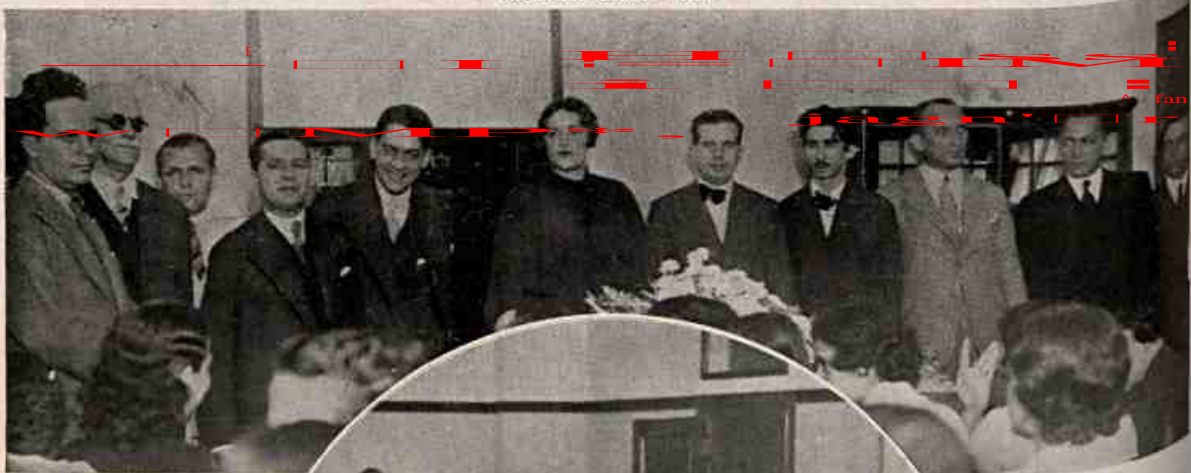
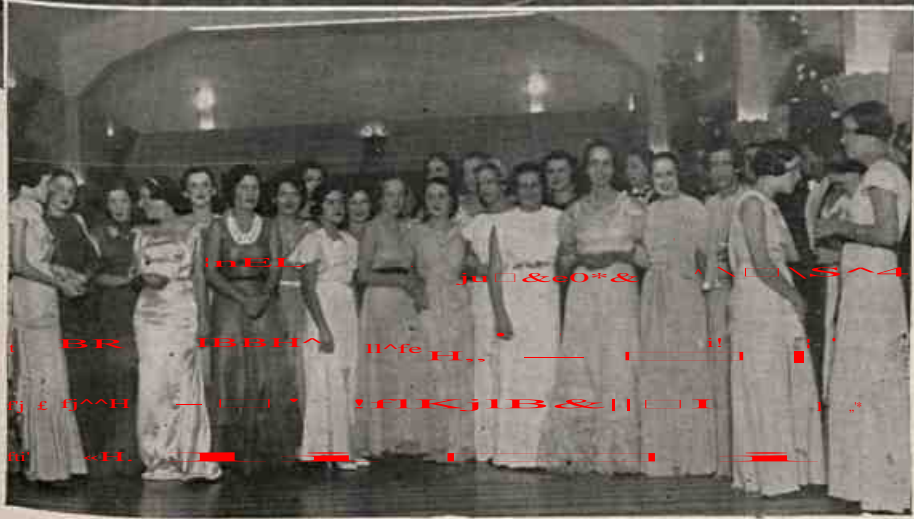
Um dia, as mulheres deliberaram reagir. Não tinha graça nenhuma trabalharem como mulas de carga para manter as bebedeiras de seus maridos. Reuniram-se e se revoltaram. Era a vingança do matriarchado contra as imposições e os desmandos dos patriarchas. Rebelaram-se e venceram.

E, agora, quem percorrer as vastas áreas de colonização estrangeira dos arredores de Curityba, verá homens robustos nas rabiças dos arados e as terras despovoadas de mulheres. A paz voltou aos lares campezinos. E todos vivem na abastança, porque a experiencia ensinou ao immigrante que o homem nasceu para o trabalho rude e a mulher para a especulação e para o amor...

S. Paulo, julho de 1934.

ODILON NEGRÃO

Flagrantes do baile inaugural das novas installações do Country Club, offerecido á sociedade carioca pela directoria daquella aggremiação elegante.

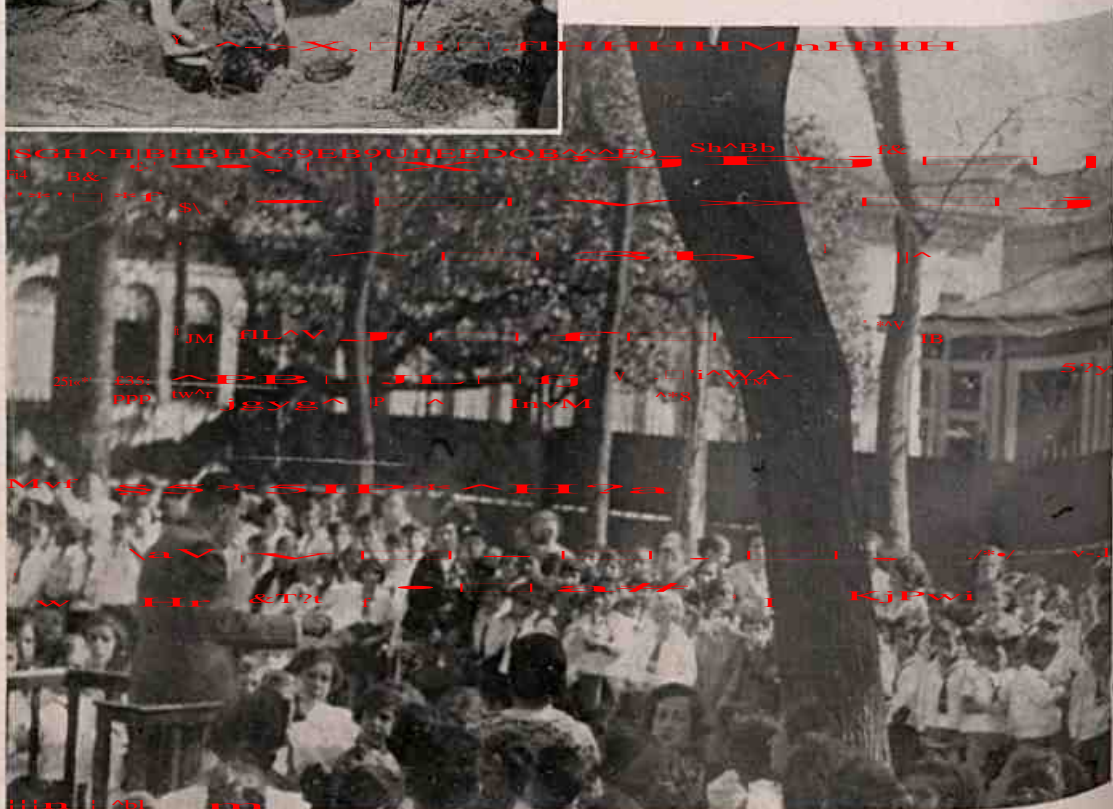
**A convite do chefe da Divisão de Bibliothecas e Cinema Educativo do Departamento de Educação da Prefeitura, dr. Armando de Campos, varios representantes da imprensa carioca estiveram, a semana passada, em visita á séde provisoria daquella dependencia do serviço municipal, installada no 5.º andar do edificio da «A Noite», á praça Mauá. Orgão coordenador das differentes bibliothecas escolares, aquella Divisão, apesar de fundada ha menos de um anno, já offerece uma organização realmente efficiente, elevando-se a mais de setenta o numero de escolas que possuem bibliothecas. A bibliotheca da Divisão conta actualmente 10.000 volumes, além de numerosas revistas especializadas, etc. O cinema educativo tem tomado, tambem, notavel desenvolvimento, sendo de mais de sessenta o numero de escolas que dispõem de apparelhos fixos ou não. Foi magnifica a impressão geral ali colhida por occasião dessa visita.**

**Uma linda festa, um encanto de festa pela espontaneidade dos sentimentos que a determinaram e pelo ambiente de alegria e de enthusiasmo em que decorreu, foi a homenagem tributada, na semana ultima, á digna directora da Escola Amaro Cavalcanti, d. Maria Junqueira Schmidt, pelos corpos docente e discente daquelle importante instituto de ensino, em commemoração da data natalicia daquella illustre educadora e conhecida escriptora. Em nome do corpo docente, saudou a directora da Escola Amaro Cavalcanti [illegible] Carneiro, tendo falado também varias alumnas do estabelecimento. Estampamos flagrantes expressivos dessa linda homenagem, vendo-se a distincta homenageada, no medalhão, a homenageada entre alumnos da Escola de Commercio Amaro Cavalcanti, e, ao alto, entre professores do estabelecimento.**

O America Football Club organizou um programma de festas para commemorar o 30.º anniversario de sua fundação, constando do mesmo, entre outras solennidades, um chocolate-dançante em homenagem á imprensa, realizado na noite de 19 do corrente, e um baile offerecido, sabbado último, á nossa sociedade. O «cliché» acima focaliza aspectos dessas duas brilhantes reuniões.

## SOBRE A MULHER

A mulher que preza mais suas qualidades de espirito do que sua belleza physica, é superior ao seu sexo; a que pensa exactamente ao contrario, é do seu sexo; e a que considera mais o seu nascimento, a sua fortuna, do que a sua belleza, a sua intelligencia, está fóra do seu sexo.

CHAMPORT

Nos salões da Sociedade Sul Riograndense realizou-se a 20 do corrente um baile de gala commemorativo do anniversario da Revolução Farroupilha, e que alcançou brilhante exito mundano.

As commemorações da «Festa da Arvore» são sempre intensamente suggestivas na singeleza do encanto de que se revestem. Logo á entrada da Primavera, quando a terra, aberta em flôr se offerece, dadivosa e bôa, [illegible] da sua fecundidade, a festa da arvore tem algo de [illegible] e de exaltação da Natureza. Este anno, como nos anteriores, cultuámos as arvores com o carinho de sempre.

No Horto Florestal, no parque do palacio do Cattete, no Instituto de Educação, em todos os estabelecimentos de ensino primario e secundario desta capital, a arvore, sempre decepada, teve a sua festa symbolica e tocante. Nessas paginas focalizam varios aspectos de diversas cerimonias do «Dia da Arvore», tão lindamente cultuado a 21 do corrente.

# O MANTO de ARLEQUIM

C. da Veiga Lima, o estylista de tantos livros lindos, acaba de offerecer aos seus numerosos leitores mais um punhado de paginas deliciosas, onde a sua imaginação encantadora se compraz em tecer a trama de um romance de amôr. A esse romance, que é a biographia de duas almas amorosas, tão raras neste seculo, o vigoroso escriptor chamou, com elegancia — «No Limiar da Vida Secreta». A nova obra de Veiga Lima encanta e prende os espiritos que se habituaram ao convivio das coisas bellas e fidalgas. Porque o autor é, na realidade, um escriptor de «élite», que sabe espiritualizar as coisas rudes da vida, emprestando-lhes os fulgores da arte pomposa. E, por tudo isso, é de prever que «No Limiar da Vida Secreta» venha alcançar um retumbante successo de livraria.

## ANNIE BESANT

A senhora Annie Besant, presidenta da sociedade Theosophica, falleceu em avançada idade o anno passado.

Ella foi a infatigavel propagandista dum movimento de idéas religiosas fundado pela senhora Blavatsky e que se pode classificar como sendo uma theosophia budista anglo-saxonica, sem a menor relação com a theosophia christã - franco - allemã do seculo XVIII.

Tal doutrina foi formada com uma curiosa mistura de dados ocultistas e conceitos philosophicos ligados á Franco-Maçonaria, tendo como ponto de apoio uma faculdade especial que cada pessôa poderia desenvolver: a clarividencia pelas mensagens precipitadas que lembram a escripta directa dos espiritas. Por esses meios foram dados ensinamentos e escripta uma Historia do Mundo.

A theosophia fundada pela senhora Blavatsky dividiu-se já em varios grupos dissidentes. O seu ex-discipulo Steiner fundou a Anthroposophia, que se apoia em dados semelhantes aos citados.

A senhora Annie Besant preparara um joven hindú, Krishnamurti, para ser o futuro Messias, a nova incarnação do Christo; mas elle recusou a sua missão e preferiu se tornar o chefe de um grupo de theosophos que se intitula A Estrella do Oriente e usa como symbolo a estrella de cinco pontas.

Na opinião de certos pensadores, sobretudo os proprios ocultistas que se dizem provenientes da tradição da Atlantida, toda essa theosophia é uma obra de deschristianização.

Parece que nos derradeiros tempos de sua vida a senhora Annie Besant soffreu as mais amargas desillusões, sobretudo em virtude do sentido de vida que preferiu Krishnamurti, cuidadosamente creado e educado por ella para ser o Messias dos novos tempos.

E' curioso notar que, dentre os symbolos orientaes dos antigos religiosos, o que ella preferia usar continuamente era a cruz grammada ou esvastica de que Hitler se apoderou.

BENTEVI

Inaugura-se segunda-feira, no saguão do Lyceu de Artes e Officios, a primeira exposição do nosso patricio, o consagrado pintor Manoel Constantino, cuja arte está, presentemente, na maior evidencia, graças ao premio medalha de ouro, por elle obtido, no Salão de Bellas Artes do corrente anno, com seu magnifico «Nú», quadro este que tem sido bastante admirado pelos visitantes daquelle «certamen» de pintura. M. Constantino, como elle commummente assigna as suas télas, pertence á legião dos pintores de «élite», que honram a arte brasileira. Tendo concorrido, durante quatro annos, ao premio de viagem, já conquistou, além do premio a que acima alludimos, outros não menos dignos de menção, entre os quaes, medalha de prata da Escola de Bellas Artes e dois premios da «Galeria Jorge», relativos a 1925 e 1926. A exposição de agora é feita a instancias de amigos e admiradores do pintor, os quaes se esforçaram para que o artista reunisse um grupo de suas melhores télas, em numero superior a trinta, e que serão offerecidas, naquella dependencia do Lyceu, á contemplação dos que amam a pintura, figurando, entre as mesmas, algumas já expostas em salões anteriores e outras ainda inéditas.

O dr. Azor Montenegro, advogado em São Paulo e nome de larga projecção nos meios intellectuaes e sociaes do grande Estado bandeirante, [illegible] do maior prestigio, e o [illegible] Vice-[illegible] rio do exmo. sr. ministro [illegible] recentemente nomeado para esse [illegible] pelo titular da pasta da Justiça. O dr. Azor Montenegro [illegible] tacada do Partido Constitu[illegible]

Nos bellos salões da residencia do professor dr. Frederico Eyer, á rua Professor Gabizo, realizou-se sabbado último um elegante baile promovido pelo Combinado Vesper para festejar o primeiro anniversario de sua fundação por um grupo de senhoritas e rapazes da melhor sociedade da Tijuca. Foi uma reunião de grande brilho social, para o que muito concorreram as senhoritas Alayde, Lysia e Lucy Eyer, gentis filhas do prof. Eyer e elementos destacados do Combinado Vesper.

Quinta-feira penultima visitou a séde da Associação Brasileira de Imprensa o dr. Vicente Ráo, ministro da Justiça, e antigo homem de imprensa, que ali foi recebido pelo conselho deliberativo da A. B. I., tendo falado cordialmente aos jornalistas presentes.

# Congresso Catholico de Educação

Por iniciativa da Confederação Catholica Brasileira de Educação e sob o alto patrocinio de sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, inaugurou-se, ha dias, na séde daquella instituição, á avenida Rio Branco, o Primeiro Congresso Catholico de Educação, cujos trabalhos prosseguem brilhantemente, de accôrdo com o programma organizado pelos promotores do expressivo certamen. A solennidade da installação do Congresso foi presidida por d. Sebastião Leme e teve a presença dos representantes do mundo official, membros do episcopado brasileiro, autoridades do ensino municipal, congressistas, jornalistas e muitas outras pessôas gradas. Esta pagina focaliza aspectos da cerimonia inaugural e de outras solennidades do Congresso Catholico de Educação.

## LIDO

O ...dor da estação próxima vae ser o Lido. Num rápido encontro com os directores desse afamado centro de turismo o repórter da Feira foi informado de que, na próxima semana, estará prompto o programma da season. Copacabana vae, como sempre, marcar com pedra branca os maiores acontecimentos praieiros e mundanos do Rio.

* * *

O inverno despede-se cem uma branda agonia. Sopra um vento frio, impertinente. Mais impertinente do que frio...

E Copacabana parece que está se preparando para a glorificação dos seus dias estivaes.

O Lido annunciou, nos souper-dançantes da ultima semana, os encantos das noites próximas, dos apperitivos das 11 horas, dos cocktails das tardes maravilhosas.

* * *

Uma sociedade elegante compareceu ao chalet normando do posto 2. O reporter registrou as seguintes presenças: senhora cte. J. Lucena, senhora e senhorita Laudelino Freire, senhora Adhemar Castilho, senhora Loureiro Sobrinho, senhora J. Freitas Cavalcanti, senhora Pinto de Moraes, senhora Povina Cavalcanti, senhora Annibal N. Machado, senhora José Manhães, senhora Miguel Ookim, senhora e senhoritas Frederico Burlamaqui, senhora Pereira Netto, senhora Mello Saraiva e senhoritas Sylvia, Heliette e Elba Zenobio da Costa, Stella Castilho, Maria Calmon de Gouvêa, etc.

## UMA FESTA ELEGANTE

"Combinado Vesper" é uma sociedade de elementos da maior distincção do meio carioca. Gentilissimas senhoritas e nobres damas integram esse elegante conjuncto, que tão lindas festas tem proporcionado ás familias do Rio.

No dia 22 ultimo, o "Combinado Vesper" celebrou o seu primeiro anniversario. A data coincide com a da entrada da primavera, como para dar maior brilho á celebração.

E a festa commemorativa do auspicioso acontecimento assignalou um ext[illegible] encantador.

* * *

O baile, a rigor, realizou-se no palacete de residencia do prof. Frederico Eyer, á rua prof. Gabizo, n. 243.

A familia Eyer, cuja fidalguia é proverbial, acolheu os componentes do "Combinado Vesper" e seus convidados com uma impeccavel distincção.

As senhoritas Eyer captivaram a todos. A festa deixou uma impressão indelevel.

* * *

Dentre os presentes, registrei os seguintes nomes: sras. Povina Cavalcanti, Aurelio Lopes Domingues, Clovis Rodrigues, Fonseca Arantes, Gonçalves Rocha, Ribeiro de Souza, Paes Barreto, etc.; srtas. Carmen Rodrigues, Lourdes Lopes Domingues, Eunice Costa, Alayde Eyer, Eunice Falcão, Lygia [illegible], Ruth Leal, Annita Kelpo, Nazareth Rocha, Emilia Araujo, Maria Araujo, [illegible] Paes Barreto, Ubaldina Silva Araújo, Ilza Dias da Cruz, Marina Dias da [illegible], Nair Portugal, Déa Sequeira, Lidia Bogdanoff, Léa Eyer Abreu Lima, Maria [illegible], Gloria Rocha, Judith Rodrigues, Rosequinha Rodrigues, Eunice Guimarães, Iara, Ivette e Ilka Palm da Camara, Ilka Ribeiro de Souza, Yolanda [illegible], Ribeiro Gomes, Maria de Lourdes Barroso, Maria de Lourdes Bousquet, Isis [illegible] e [illegible] Paula Fonseca Arantes, Ivone e Solange Soler, Léa Saboya, Dixa Resse, etc.

### BILHETE A UM MOÇO RICO

AFORTUNADO rapaz: Não faz uma hora defendi-o, como bom advogado, de serias accusações, que lhe eram feitas por despeitados pobretões da minha roda. Avalie você que esses pândegos o censuravam acremente, porque tiveram conhecimento de suas varias conquistas amorosas. Diziam elles que você se engana, pensando que essas mulheres todas interessadas na sua vida querem realmente bem a você. E' o seu dinheiro, são os seus presentes, é a sua baratinha do ultimo typo, que as attrahem e prendem ao seu destino. Acham elles que, afinal, o seu papel é até ridiculo, gastando com ellas em troca de ephemeros momentos de prazer.

Eu defendi-o, dizendo que você é um homem pratico, ao qual não apraz assumir compromissos sentimentaes. Prefere comprar com o seu dinheiro aquillo que outras, na sua idade, compram com uma ternura muito grande,

## A' HORA DO CHA'

COLOMBO. Entrada da primavera. As moças bonitas da cidade vieram florir o rendez-vous da Colombo.

Quem disse que a primavera é uma estação convencional no calendario do Brasil?

A Colombo é toda uma floração de primavera.

* * *

O reporter sente no ar a mistura capitosa dos perfumes de *Guerlain* e *Patou*. Que flores estranhas e esquisitas rescendem assim a esses perfumes caros? Os salões da Colombo são um deslumbramento. Entrou aqui o carro triumphal da primavera.

E vieram assistir ao espectaculo radioso de graça humana algumas dezenas de legitimas madrinhas da primavera.

* * *

A observação não foi do reporter. Ouviu-se este de um bando garrulo de pequenas cariocas que eram de si mesmas flores lindas da primavera.

Lancei o olhar inquiridor. E fui vendo: senhoritas Heloisa de Araujo Jorge, Laura La Rocque Rodrigues, Regina Thompson Motta, Ida Uchôa, Elisa Machado, Léa Burdukel, Colette Oliveira, Elsa Xavier da Costa, Laura e Fanny Costa Leite, Helena Bolitreau, Maria Helena Nelson Pinto, Maria Victoria Azurem Furtado, Baby Souza e Silva, etc.

## VIDA

— SABES? Morreu Fulano... Era muito amigo teu, não?

— Era, sim. Um de meus melhores amigos, coitado!

A conversa desanda. Outros assumptos. Outras novidades

— Já déste parabens ao X? Não é teu amigo?

— Como não! Que lhe aconteceu?

— Tirou a sorte grande.

— Oh! que alegria!...

* * *

— Tu o amavas, um pedaço, hein?

— Sim, muito. Isto é, parecia-me que sim.

— E como, de uma hora para outra, mudaste tanto?

— A vida... A vida...

* * *

Na giria carioca, "amarrar a lata" a alguem significa dar bilhete azul ao apaixonado.

*Madame*, nos seus zelos apparentes pelo eleito do seu coração, costumava advertil-o, muito cheia de receios, que não lhe quizesse um dia "amarrar a lata".

A psychologia feminina é arbitraria. O rapaz nunca pensou nisso. Pois bem, quando *madame* fazia aquella recommendação ao seu *chamego*, defendia no caso, apenas, a sua retirada estrategica.

E foi, com alto espirito despistador, que ella lhe amarrou uma daquellas... da legitima folha de Flandres!

* * *

— Conte commigo, hein!

— Obrigado.

— Não ha de que. Infelizmente nada posso, mas conte commigo, sim?

sempre mal recompensada. Só a moeda é *differente*. No fundo ha sempre um negocio: o dá cá, dá lá. E no seu caso, accrescentava eu, você fica livre de aborrecimentos posteriores, de ciumadas e advertencias. "Está triste? Toma lá um cheque e você vê, como por milagre, desvanecer-se aquella immensa e apparente tristeza... "Chorou? Vae escolher uma jóia". E assim você vae seccando os olhos das pequenas, sem a necessidade de condoer-se das suas lindas pupillas, coisa que os Casemiros de Abreu costumavam *fazer* alli por volta dos annos do romantismo...

Defendi-o assim, meu afortunado rapaz, embora sem procuração sua. Perdôe-me se não desempenhei bem o papel. Sermão que não foi encommendado... Mas, ainda assim estou ás suas ordens para repetir sempre que, nas mulheres que procuram o seu dinheiro, você só não quer ver o coração! E vale, meu amigo...

LUCIANO

## VICIOS LITERARIOS

ENTRE as preoccupações de certos escriptores modernos, que andam a pregar reformas literarias, uma ha, de fundo razoavel, que diz respeito ao abuso da rhetorica. Combate-se o palavroso. Luta contra o derrame das imagens, a superfluidade das comparações, o vicio de "escrever bonito."

Na verdade, o dominio deve ser das idéas. Estamos numa época de espirito edificador, ao qual passam indifferentes cuidados exclusivistas de forma.

O tempo é exiguo de mais para gastal-o em trabalho de pura enscenação.

As actividades literarias precisam collimar fins, que não vivam só de effeitos exteriores.

Mas, se isto é de uma evidencia irresistivel, não se póde evitar um commentario em torno do exaggero, em que já os modernistas cahiram, no sentido inverso.

O combate ao "escrever bonito" provocará dentro em pouco uma reacção vigorosa contra o que ja se está fazendo, com lastimavel máo gosto: "escrever feio".

O proposito de abolir a phrase estilizada creou um estado mental interessante, que reponta nos escriptores sob a fórma de um relaxamento de linguagem, que raia pelo descomposto.

A principio, subverteu-se, apenas, a grammatica. Foi a guerra franca ás regras da collocação pronominal, á syntaxe, á propria pontuação.

Seguiu-se um periodo de desordem maior em que, parece, collaborava o espirito de genios metaphysicos, com as suas meias-tintas subjectivas, as suas incoherencias, os meios-tons imaginarios da coisa increada...

LUCIANO

## RECITAL EROS VOLUSIA

OS circulos artisticos e sociaes do Rio entraram em ansiosa espectativa com a noticia, que vem de ser divulgada, de um proximo recital de Eros Volusia.

A artista de excepcional personalidade, a adolescente primeira bailarina do Brasil é já um nome, que dispensa elogios. Eros Volusia quer dizer toda uma criação nova da arte choreographica nacional. Ella tem, numa idade em que os outros começam, o orgulho de um estylo seu.

A extraordinaria artista revelou um Brasil choreographico, que vivia latente na sensibilidade e no genio da nossa raça. Ha nas suas danças qualquer coisa de profundo e ignoto, como só a alma humana sabe guardar no mysterioso recesso de suas confidencias.

A noticia de um recital de Eros Volusia constitue por si só um acontecimento, explicando-se assim o vibrante interesse despertado na sociedade e nos meios artisticos.

## BIDÚ SAYÃO

RETORNOU do Velho Mundo, terça-feira ultima, a bordo do *Augustus*, a nossa notavel patricia sra. Bidú Sayão, justamente aclamada nos meios mais autorizados como uma das figuras mais radiosas da scena lyrica.

O desembarque de Bidú Sayão demonstrou, mais uma vez, a enternecida admiração da alta sociedade carioca pela consagrada artista brasileira.

Innumeras foram as homenagens prestadas pela alta sociedade e pelos mais representativos valores da arte nacional.

## SOCIAES

ENLACE AMNERIS CARDILLI-ANTONIO DE PIRO — Em S. Paulo realizou-se, na ultima quinta-feira, o enlace nupcial da gentilissima senhorita Amneris, dilecta filha do senhor Horacio Cardilli e de sua excellentissima senhora dona Irma Aloisi Cardilli, residentes naquella capital, com o doutor Antonio De Piro, brilhante e conceituado facultativo, filho do illustrado professor Eduardo De Piro e de sua digna esposa dona Italia De Piro, residentes nesta capital.

Os noivos pertencem a duas distinctissimas familias, muito relacionadas na sociedade paulista e carioca, bem como no seio da illustre colonia italiana.

Após a celebração das cerimonias do casamento, os noivos deram uma elegante recepção ás suas numerosas relações de amizade, na sua residencia da rua Dr. Dino Bueno, 28, da capital paulista.

## THEATRO DA CREANÇA

SOB a direcção dos professores Vera Grabinska e Pierre Michailowsky, realizou-se, na penultima quinta-feira, no Auditorio da Feira Internacional de Amostras, um brilhante espectaculo do Theatro da Creança.

O programma, organizado com muito gosto, comprehendeu danças infantis, historietas e numeros de fabulas animadas.

A enorme assistencia deu ao espectaculo, apesar do tempo desfavoravel, uma grandiosa expressão. A chuva impertinente não conseguiu amortecer o enthusiasmo publico.

* * *

Defenderam os interessantissimos numeros do programma as graciosas e intelligentes meninas: Mathilde Galano, Alice Jacobsen, Sonia Liberalli, Martha Mendez, Maria Luisa Tarquino, Francisca Lauro, Helena Lopes, Lucia e Clotilde Belisario de Carvalho e as senhoritas Djanira Araujo e Arieta Machado.

Ainda receberam muitas palmas: Elvira Lopes, Yedda Belache, Luna Galano, Nelly Ruth do Valle, Florinda Liebmann, Elzita e Lia Geyer, Maria Celia de Almeida, Beatriz de Carvalho, Mariazinha Teixeira, Therezinha Vieira, Gloria dos Santos Nunes, Vera e Hilma Gomes, Judith Chaler, Solange, Lia e Nausa Bachur, Léa Timoco Seide, Luiza de Castro, Maria Candida Cardoso, Vieira e Leda Brandão.

Os professores Grabinska e Michailowsky tomaram parte no espectaculo ao lado de suas encantadoras discipulas do Theatro da Creança.

## POEMA DA EXALTAÇÃO

Tenho desejos estranhos; desejos differentes dos desejos de toda a gente. Detesto a monotonia, aborrecem-me todas as coisas que não fujam á norma commum...

Queria que a vida me fôsse uma grande caixa de surprezas. Que cada dia, quando eu levantasse a enorme tampa colorida, saltasse aos meus olhos algum novo motivo de prazer, uma curiosidade que ainda não tivesse visto... E que, em brancos cartões de desconhecido papel, mão invisivel traçasse para mim methodos mais novos de vida, os divertimentos anormaes que fizessem vibrar todos os meus nervos de caprichosa... E que cada manhã me fôsse uma interrogação completa, não a quasi certeza do que devem ser todos os amanhãs.

Queria algo de novo que satisfizesse ao meu temperamento esquisito. Amôres differentes, beijos differentes, até vestidos differentes com que cobrir a minha nudez de loira.

Queria ter nos meus salas pedras nunca vistas, no meu toucador perfumes que ninguem conhecesse ainda e que embriagassem como um longo sonho de tarde de verão...

A senhorita Ilka Machado Guimarães e o dr. Domingos Volmer, cujo enlace se realizou nesta capital, no dia 22 do corrente. Os noivos, que são figuras destacadas da nossa sociedade, foram muito cumprimentados pelas pessôas de suas relações.

E queria, sobretudo, ter a propriedade de trocar de almas. Ser um dia como uma oriental de olhos velados, temperamento de fogo, gestos de python selvagem...

E, depois, calma e fria como uma ingleza, sorrindo com desdem de declarações de amôr... E franceza por algum tempo, vivendo no prazer imprevisto dos «béguins» de meia hora, dos «rendez-vous» fidalgos, o pésinho calçado por mão morena e acariciadora de homem, a joia collocada no braço entre beijos quintessenciadamente gentis...

Ser monja pudica e severa; ter logo depois o temperamento de uma Dubarry, querida de reis...

E conhecer todas as surprezas, todas as sensações da vida, até o gráo mais alto de todos os requintes...

Onde estás, minha caixa de surprezas? E tu, mago da vida, por onde andas, que me deixas morrer de tédio nesta monotonia sem fim?

Vem!... Espero-te com um grande beijo na minha bôcca vermelha... E de coração amoroso e brasileiro, prompto a todas as renuncias, a todos os sacrificios que me exigir o deus pagão, que venéro no meu templo de marmore silencioso, onde o incenso tem um aroma nunca sentido e onde minhas preces, nas noites de lua, são como longos queixumes de alguem que anseia...

Por que não vens tu, ó Desejado!, ser o companheiro da sacerdotiza fiel do Maior Culto?

Juiz de Fóra, Minas.

**Samaritana**

O presidente da Cruzada Nacional de Educação, dr. Gustavo Armbrust, dirigindo os trabalhos da sessão inaugural da escola primaria nocturna installada á rua Voluntarios da Patria, 328, séde do Directorio Autonomista da Lagôa, cujo presidente, commandante Attila Soares, tambem ahi apparece ao lado de outros membros destacados do mesmo Directorio.

O nosso «cliché» focaliza um aspecto da sessão solemne inaugural do Congresso Político de Ipamery, em Goyaz, para a fundação do Partido Libertador Goyano.

*UM ESCRIPTOR BRASILEIRO COMMENTADO NA EUROPA*

Em seus numeros mais recentes, as grandes revistas literarias da Europa se têem occupado dos ultimos livros do nosso prezado companheiro Gustavo Barroso. Acabámos de ler nestes dias, no numero especial commemorativo do 35.º anniversario de *Le Thyrse*, a famosa revista de arte e literatura de Bruxellas, uma das mais interessantes paginas do illustre escriptor cearense traduzida por Manuel Gahisto, chronica de viagem publicada em FON-FON e, depois, inserida no volume *Mulheres de Paris*, com o titulo: *Au café du Ceará.*

No mez atrazado, Manuel Gahisto publicára no *Mercure de France* um longo artigo sobre Gustavo Barroso, notadamente se occupando do romance brasileiro *O Santo do Brejo*. Ainda no referido magazine, o grande critico e folklorista Van Gennep estampava um artigo a respeito do ultimo livro de folklore do nosso companheiro, intitulado *As columnas do Templo.*

O conceituado educandario, que é o Collegio Baptista, commemorou a data de 7 de setembro com uma bella e bem organizada festa esportiva, que teve a presença do coronel Agricola Bathlem, illustre superintendente do Ensino Secundario. Tomaram parte nesse interessante festival turmas de «volley-ball» do Instituto La-Fayette e do Collegio Baptista, e, tambem, as «équipes» femininas de «volley-ball» deste estabelecimento e da Escola Wenceslau Braz, as quaes figuram nos «clichês» que estampamos. A victoria, em ambos os torneios, coube ao Collegio Baptista.

# Trepações

A menina foi levada a procurar emprego num escriptorio commercial, pela necessidade de trabalhar. Julgava poder viver honestamente, com os recursos do ordenado mensal. Insinuante, bonito rosto, vivacidade no olhar, desembaraço no serviço, pensou que tinha conquistado a estima de todos os companheiros.

Mas, dentro em pouco experimentava a primeira desillusão. Não era possivel estacionar no emprego. As provas de attenção diaria, que lhe eram dispensadas por um dos chefes da casa, revelavam uma intenção maldosa, que era necessario repellir. Pediu as contas e retirou-se, cheia de indignação, esperançada, porém, de ser mais feliz batendo a outras portas.

Assim pensou e assim agiu, encontrando nova collocação. Tudo parecia correr bem, quando notou, da parte de um dos chefes da casa, os mesmos propositos que haviam motivado a fuga do primeiro emprego. Novo desalento e rumo para o lar. Pobre, mas honrado.

Agora, conhecendo bem a realidade da vida, amargurada a vida, passa os dias imaginando a chegada de um principe encantado, que lhe assegure a posse dos principios de uma educação honesta, recebida entre as quatro paredes brancas do seu lar modesto.

Que assim seja, pois a linda menina não merece o supplicio em que vive mergulhada, depois de ter sentido de perto a maldade dos homens, de dois brutos, despidos de sentimentos.

MADAME, depois que foi residir numa casa de apartamentos, no elegante bairro, não teve mais socego. Parece que estranhou a modificação radical dos habitos de vida do marido, antigamente mais amigo da casa. Agora o nosso heróe, quando se pilha na praia, esquece tudo, e até da querida esposa. Não adeantam reclamações acerca da hora do almoço, pois, invariavelmente, elle responde que está cuidando da saúde, respirando o ar puro das manhãs, refazendo forças perdidas pelos annos de intenso trabalho. Não adeanta tambem reclamar sobre as entradas, já noite fechada, porque elle faz referencias aos seus negocios, que não podem ser sacrificados por absurdas exigencias domesticas. *Madame* anda verdadeiramente atormentada, sem saber o que fazer, pois, quando ameaça abandonar o apartamento, voltando á vida antiga, o marido antepõe outra ameaça, declarando que a esposa póde mudar-se, mas elle ficará onde está! E, realmente, elle está muito bem localizado...

Calmamente, agindo com a pratica dos grandes piratas, estabeleceu o seu centro de operações, em apartamento proximo á casa onde vive, e vae deixando correr os dias, philosophando com sabedoria, achando que o mundo não está mal organizado, a questão apenas consiste em saber comprehendel-o... Por isso, mudou de vida, e, si *madame* não agir com prudencia e sabedoria, com habilidade e carinho, a ovelha desgarrada não voltará ao rebanho. O que póde acontecer, si *madame* perder a calma, é perder tambem para sempre o marido, que, sem nenhum esforço, nem remorso, trocará de esposa... Então, o caso será muito mais sério, evidentemente, para *madame*.

Gina Cruz, que havia um anno deixara o Rio, quasi desconhecida, porque a sua actuação aqui, como folk-lorista, não ia além de recitas e festas particulares, é actualmente, um dos nomes do «broadcasting» portenho. Agora ella está de regresso a esta capital. Veiu matar saudades e retemperar o rythmo de suas canções, que, na sua opinião, aliás muito razoavel, fatalmente se alteraria com o prolongado afastamento. Actuou no Radio Fenix de Buenos Aires, durante seis mezes, contratada para figurar com marcante successo no Theatro Maipo, tendo assim trabalhado ininterruptamente durante um anno, na capital argentina. Este simples facto seria bastante para dizer do exito de sua passagem pelo Prata. Gina Cruz tem sido uma authentica embaixatriz da musica popular brasileira, divulgando, na Argentina, quasi que ao mesmo tempo em que appareciam aqui, todas as nossas melhores composições populares. Agora, no Rio, ella se demorará o tempo necessario para colher um novo repertorio, sendo possivel que actúe numa emissora carioca.

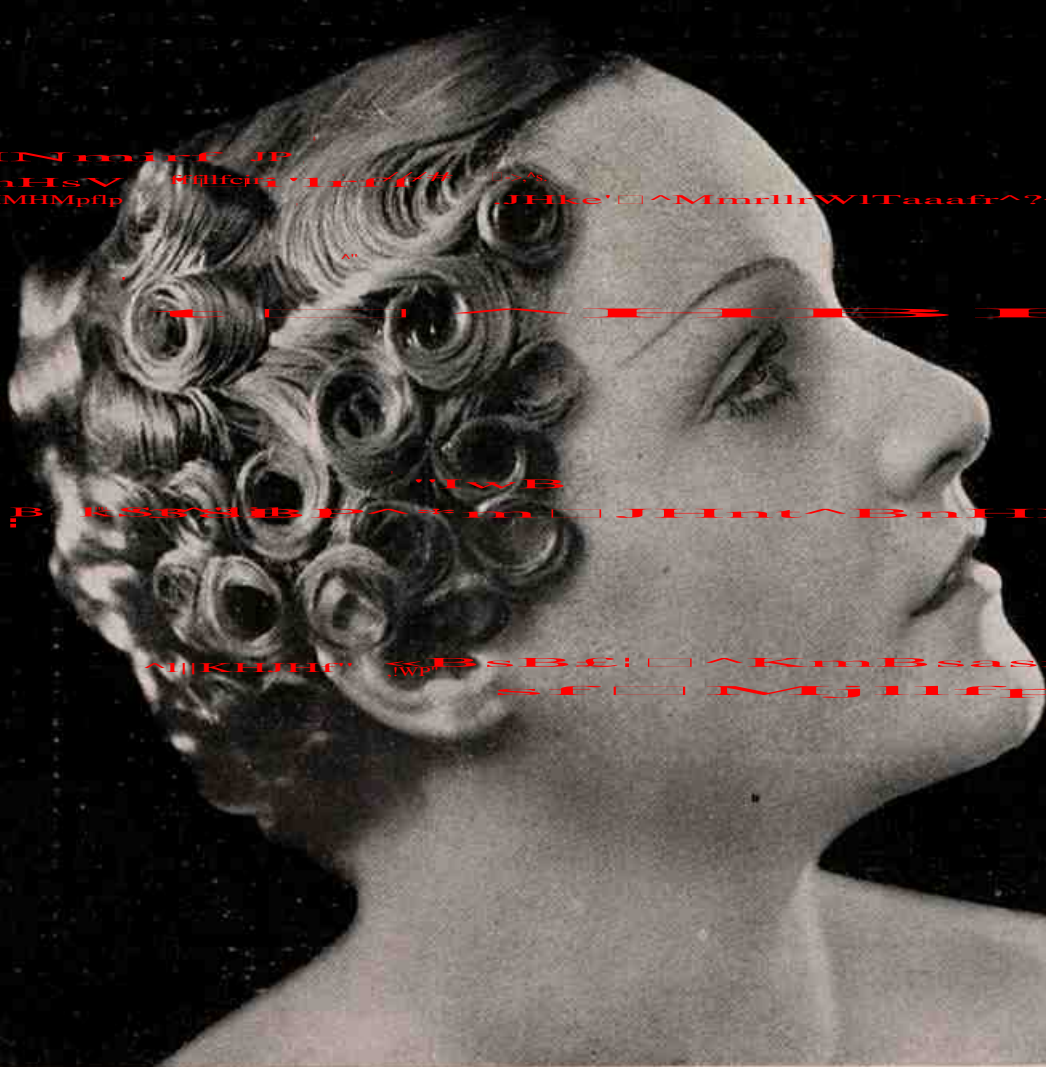
# Boudoir.

Os prejuizos que advêm do mal trato dado aos cabellos, seja pelo relaxamento da propria pessoa, seja pela incompetencia dos profissionaes, ou pelo emprego de productos chimicos de baixo preço, só mais tarde são percebidos, quando os cabellos se tornam quebradiços, seccos e sem vida.

Ora, hoje em dia, um dos maiores desgostos que póde ter uma mulher que se tem em conta de "chic" é, por exemplo, constatar que a sua cabelleira não se adapta á moda actual dos penteados.

E, qual é a razão de certos cabellos se mostrarem rebeldes aos penteados modernos, tão simples, tão accessiveis?

Na maioria dos casos, os cabellos se acham ressentidos das mãos pouco habeis de profissionaes incompetentes, ou ex-

Um lindo modelo de penteado moderno: os lados e a nuca ornados com cachos adherentes, bem marcados e dispostos regularmente. A frente e o alto da cabeça completamente lisos, provocando o contraste. Trata-se de uma creação de Jacques COHEN - Paris.

A ultima creação para a noite, de René Rambaud.

tão soffrendo as consequencias do emprego de productos chimicos de baixo preço.

Certos productos, de procedencia estrangeira, pagando direitos como se fossem perfumarias, não permittem fazerem-se ondulações permanentes por preços ridiculos.

Logo, não achamos que seja demais repetirmos que toda mulher deve ter as maiores precauções na escolha do seu cabelleireiro, evitando, assim, para o futuro, serios aborrecimentos e desastres irreparaveis.

* * *

*Os diademas para a noite.*

Nada realça mais um penteado do que um lindo diadema, cujo effeito á noite, sob as luzes dos lustres, é maravilhoso.

A mulher verdadeiramente "chic", discreta, sabe o quanto é difficil a escolha de um diadema, pois, o menor deslise, um pequeno descuido na sua collocação, torna-o caricato. Elle deve ser collocado verticalmente, na cabeça, ou ligeiramente inclinado para traz.

E', incontestavelmente, o ornamento ideal para os penteados modernos.

(Consultorio de Belleza de FON-FON)

A correspondencia destinada a esta secção deverá ser dirigida a Mme. Graça, nesta redacção.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

CAIXA POSTAL 97

*Data da consulta* ........

*Nome da consulente* ........

..............................

O dr. Trajano Mello Moraes, operoso e querido director da Companhia Dulcina-Odilon e figura de grande destaque nos meios intellectuaes e artisticos do Rio de Janeiro, foi alvo, ha dias, no Hotel Bello Horizonte, de expressiva homenagem promovida pelos seus amigos e admiradores para festejar-lhe o anniversario natalicio. Alguns numeros de arte, em que tomaram parte prestigiosos elementos dos palcos e dos salões cariocas, deram inicio á brilhante reunião, que terminou com um jantar dançante cheio de animação e de esplendor.

*POEMAS EM PROSA*

Praia! Venceste o mar com a tua belleza. As ondas vêm agora, com volupia, depôr sobre o teu regaço beijos feitos de perolas e espumas.

Titan de grandes ondas verdes, fraco, a teus pés, o mar se transforma em um escravo.

O oceano, num longo beijo, derrama na praia perolas e mais perolas.

* * *

Tu és a praia. Eu sou o mar. Venceste o oceano, bravio. Minha alma está vencida pela tua belleza.

Venho, a teus pés, com ternura, minha linda princeza, offerecer os meus poemas, em prosa... Espumas...

* * *

Dezeseis annos. Primeiro amôr. Primeira lagrima e primeiro poema.

Dezeseis annos. A linda namorada de olhos verdes... Esperança. Uns olhos tão bonitos!... [illegible]

Depois, a alma da gente vae ficando velha. Vae ficando mais ironica e muito pouco sentimental. O tempo vae ensinando que o amor é uma linda mentira. Se o amor nos engana, não devemos chorar. É muito melhor sorrir...

Paolo [illegible]

A data da independencia foi brilhantemente commemorada na cidade fluminense de Campos, cuja população foi as ruas homenagear, numa grande festa civica, o Brasil livre e glorioso.

# A DAMA DO PORTO

**(WHARF ANGEL) da Paramount**

## com Victor McLaglen, Dorothy Dell e Preston Foster

NUMA sombria noite de inverno, corre a toda a pressa pelos canaes de San Francisco, um homem perseguido pela policia, e busca refugio na taberna da Tia Bright, onde faz ponto a marujada.

Ao verem-no entrar, allucinado, roupas rasgadas, os cabellos em desalinho, os bebedores guardam reservado silencio. Um delles, o robusto Turk, um marinheiro gabola e brigão, adeanta-se a interrogar o recem-chegado. O nome deste é Como, e com franqueza elle responde ao que lhe perguntam. Que immediatamente todos se convencem que elle nenhum mal fez. Turk chama então a tia Bright, e entrega-lhe o fugitivo para que ella o ponha a salvo.

Esgueirando-se [illegible] secreto e mal illuminado corredor [illegible] levou a velha, Como vae dar [illegible] triste [illegible] de Toy, commercio a que se dedica a formosa loura [illegible] muito moça ainda [illegible] nem [illegible] endureceu o coração.

Apiedada de Como, porém, ella despista o agente que o persegue, estanca o sangue do ferimento do rapaz, e desce á taberna a procurar [illegible] que lhe dê de [illegible].

Turk, ha tempos apaixonado por Toy, é em vesperas de se fazer ao mar para uma longa viagem, quando vê a pequena na taberna, de novo a solicita. Não o rechassa [illegible] busca de-fazer-se delle sob qualquer pretexto, afim de [illegible] deixou a Como.

Entrementes este e Toy cedem ao espontaneo impulso que [illegible] um do outro apenas trocadas as primeiras palavras [illegible] Turk já aguarda confiantemente o regresso da moça. [illegible] já se dispõe a retirar-se quando apparece Como que aproveitou o somno de Toy para esgueirar-se do quarto, deixando á pequena algumas palavras em que lhe promette vir buscal-a algum dia. Turk, para evitar que o seu novo amigo caia em mãos da policia, propõe-lhe fugir no navio que vae partir.

Na longa travessia até ás costas da China, o moço conquista a amizade de todos os seus companheiros e estreita a [illegible] a prendel-o a Turk. De confidencia em confidencia, os dois são arrastados a falar da mulher a quem amam, mas como nenhum lhe declina o nome e nem lhe faz nenhuma referencia clara, ficam um e outro sem saber que é a Toy que ambos teem no pensamento.

De volta a San Francisco, Turk não perde um segundo e logo vae procurar Toy na taberna da tia Bright. O resto da tripulação desembarca tambem, alvoroçada, em festa. Apenas fica a bordo Como, a quem aconselharam conservar-se escondido. Em pouco, porém, chega Toy que se escondeu no caes, á espera do momento em que não haja a bordo ninguem.

Afim de poder fugir para o estrangeiro com Como, Toy recorre á tia Bright, e como não disponha esta de quanto é necessario, leva-a o desespero a appellar para Turk que logo lhe dá um maço de notas, dizendo-lhe que é para que compre o enxoval, pois quer desposal-a quanto antes.

A descoberta de que Toy e Como são amantes põe Turk em tão desatinada colera que elle não hesita em denunciar á policia o rapaz, em quem agora vê um homem perfido e hypocrita.

Dias passados, porém, reflectindo que nenhuma deslealdade houvera da parte de Como que nada sabia dos amores de seu amigo por Toy, Turk emprega os dois mil dollars que a denuncia lhe valeu para pagar a um advogado celebre, graças ao qual Como se poderá livrar da cadeia, fazendo ao mesmo tempo a sua felicidade e a de Toy.

APESAR de suas lindas girls, Miss Frisby e Daisy não conseguem attrahir os frequezes para os "Productos de Belleza Frisby", porque Andy Williams e Bob Dudley attrahem multidões com o seu "baton" perfumado e outros productos. Enamorando-se de Daisy, e condoído de sua situação, Bert persuade Bob a empregarem o seu talento na venda dos productos de belleza Frisby.

Daisy tem a certeza de que Miss Frisby está muito interessada pelos rapazes e arranja um encontro com ellas no escriptorio destes.

Andy e Bob se vêm numa contingencia de adquirir um escriptorio, e conseguem, de maneira engenhosa, afastar do seu, a Mr. Clark, — presidente do "Clark Motor Corporation", — dizendo-lhe que a sua casa estava em chammas. Miss Frisby se impressiona tanto pelos dois heroes, que contracta os seus serviços para dirigir o negocio. Isto uma vez estabelecido, os rapazes apressadamente se afastam do escriptorio justo a tempo de evitarem o furioso Clark; e, por engano, pegam a sua malla preta que continha $10,000 dollars = premio que seria conferido ao vencedor da corrida "Motor Classic" deixando, no logar daquella, a que tinham trazido, a qual continha "batons". Clark immediatamente põe detectives em seu encalço.

O contracto de Andy e Bob complica a vida de Beauchamp, o gerente de Miss Frisby. Beauchamp está ficando desprestigiado no salão de Ruth, a "speaker" de radio, e já fez os seus planos relativos a Daisy; mas esta e Andy se amam, emquanto Bob faz rápidos progressos com Miss Frisby. Beauchamp, então, por vingança rouba a maleta e guarda o dinheiro. Informa aos dois detectives que estão á procura de dois rapazes cuja descripção está em perfeito accôrdo com a delles, e que são accusados do furto de uma maleta contendo $10,000 dollars, pertencentes a Mr. Clark. Andy e Bob veem então que, si bem que tivessem agido impensadamente, pódem ser considerados ladrões.

# HIP, HIP, HURRAH!

(Hips, hips, hooray)

*Producção da RKO-Radio*

*com Bert Wheeler*

*Robert Woolsey e*

*Thelma Todd*

Quando o espectaculo, para os vendedores, no salão Frisby, já vai a meio, Beauchamp, tendo collocado a maleta vazia no "bureau" dos rapazes, avisa os detectives. Os rapazes escapam, mas são marcados com a pecha de ladrões ante as moças que os amam. Mas Miss Frisby e Daisy dão provas de sua lealdade recusando-se a dar credito a semelhante accusação. Pouco tempo depois, Daisy recebe uma carta de Andy explicando de que maneira cahira em seu poder a maleta; e Beauchamp, accusado, confessa-se culpado quando [illegible] como ladrão, fugindo em seguida.

Andy e Bob, depois de uma fuga em que são muitas as passagens comicas, encontram-se numa cidade justamente quando passava a Corrida Continental do Motor Classic, promovida por Clark. O carro n. 12, que fôra alugado por Miss Frisby na esperança de ganhar os $10,000 dollars, premio que seria concedido ao vencedor, pára e delle saltam dois detectives, que perseguiam Andy e Bob. Assim que aquelles sahem, os rapazes entram no carro, continuando a corrida, agora desesperados, através o paiz, chegando em primeiro logar. Quando finalmente os ajudantes de Clark conseguem prendel-os, Daisy e Miss Frisby interferem annunciando que Beauchamp confessára-se autor do roubo.

Andy e Bob possuem agora $10,000 dollars; e além disso, Andy conta com o amor de Daisy e Bob c'om o de Miss Frisby.

---

"CINE-MUNDIAL". — Temos sobre a mesa o exemplar do numero de outubro, que promette para o de novembro a publicação do resultado geral do Concurso de Argumentos Cine-Mundial-Fox, ganho pelo Brasil, com 500 dollares de premio.

Todas as secções nutridas de texto interessante e "clicherie" variada e abundante.

# TESTA DE FERRO

## (CAT'S PAW)

## Producção da FOX FILM

## com *Harold Lloyd* e *Una Merkel*

EZEKIEL COBB, fora educado na China [illegible] os ensinamentos de Ling Po, o celebre philosopho chinez. Seu pae, americano, estava na capital da China em missão [illegible] de alguns habitantes na esperança de assim propagar algumas [illegible] entre os [illegible]. Ezekiel, que desde [illegible] só conhecera aquella gente de olhos amendoados, fora [illegible] com o povo [illegible] a sentença do [illegible] Ling Po. [illegible] fim de sua [illegible], o velho Cobb resolve mandar Ezekiel para a America, com o fito de encontrar [illegible] uma esposa e depois retornar á China na grandiosa obra reformadora. Sem conhecer ninguém, eis que Ezekiel chega á metropole dos arranha céos, sómente com uma carta de recommendação ao [illegible] Morgan, um dos mais acatados vultos da [illegible] novayorkina. Por sua impoluta personalidade, o reverendo Morgan, era o candidato [illegible] para prefeito. Acontece que por azar o pobre homem fallece subitamente, e [illegible] Jake Mayo, um cabo eleitoral [illegible] agua, Ezekiel é escolhido como "testa de ferro" para substituir a chapa de [illegible]. Por suas maneiras puras, cordeaes, Ezekiel tomou logo de assalto a popularidade dos eleitores. Sómente Petunia Pratt, uma joven que morava na mesma modesta pensão de Ezekiel, achou summamente ridiculo um joven como elle acceitar aquelles principios reformadores. Quiz porem o "acaso" que Ezekiel fosse eleito sob os mais unanimes applausos dos habitantes de Nova York. Bem intencionado Ezekiel começou a governar ás direitas, e cortou logo de sahida innumeras "comidas", e quando alguem lhe fazia ver os inconvenientes, o "mayor" Ezekiel desdobrava-se em citações de Ling Po, ameaçando-os com a sentença de Fung Loo!... Victima de sua propria honestidade, elle fora victima de um embuste que forçou-o a demittir-se, como um politico deshonesto. Comprehendo por insinuação de Petunia, a quem o nosso Ezekiel amava doidamente, a cilada, elle jura vingar-se e para tanto decreta o estado de sitio, e governa discricionariamente por 24 horas! Com este acto energico consegue Ezekiel provar publicamente o embuste, e impor-se a justa admiração de seus compatriotas, como um governador justo, probo e sobretudo honesto. Petunia agora orgulhosa de seu Ezekiel, casa-se com elle, e tem mesmo pressa de regressar a China, onde os ensinamentos puros de Ling Po e Fung Loo, fizeram mostrar ao mundo civilizado, o sentimento patriotico e altivo dos orientaes. E aqui termina a historia de Ezekiel Cobb, que de simples "testa de ferro" passou á posteridade como o melhor e o mais honesto governante da gigantesca cidade de Nova York!...

# BORDADOS

Bordado no genero da obra de madeira, em estylo moderno.

Paramount Pictures
Dois formidaveis triumphos da Paramount
SEGUE O ESPECTACULO
(MURDER AT THE VANITIES)
com CARL BRISSON, KITTY CARLISLE — JACK OAKIE, VICTOR MCLAGLEN E GERTRUDE MICHAEL
UM DRAMA ENGASTADO EM UMA FÉERIE DELICIOSA ONDE HA UMA ORCHESTRA E UM PUNHADO DE PEQUENAS DO OUTRO MUNDO!
"DADA EM PENHOR"
(LITTLE MISS MARKER)
com
SHIRLEY TEMPLE
ADOLPHE MENJOU
DOROTHY DELL
e CHARLES BICKFORD
UM FILM EMOTIVO DA PARAMOUNT

# O POETA — De

Bêcco da Fidalga, Bêcco do Guindaste... Travessa do Paço, Travessa da Natividade... Todos bêccos e travessas que assustam o transeunte pelas suas fórmas, suas casas archaicas e suas habitações collectivas cheias de roupas dependuradas nas janellas seccando á luz do sol... E, no meio dessas ruas atrapalhadas, o bêcco da Musica, que é uma affronta a essa arte divina...

Isso, lá para os lados da rua d. Manoel, nas proximidades da praça 15 de Novembro, da Camara dos Deputados, onde Tiradentes, preparado para subir ao patibulo, tem a satisfação de assistir a muitos "enforcamentos" nas igrejas proximas...

No bêcco da Musica morava o Manuel. Moço robusto, forte, filho de um pescador já "riquinho", cheio duns pacotes de contos de reis escondidos na Caixa Economica. Manoel trabalhava com um "carrinho-de-mão". Fazia serviço de entrega de volumes ou empreitava mudanças, e identico ao pae, já ia formando seu peculio a despeito do trabalho rude a que se entregava.

* * *

Manuel honrava o nome do bêcco em que residia: era musico. Tocava trombone numa "corporação musical".

Um dia, metteu-se a literato. Leu varios autores e concluiu que fazer versos era mais facil do que carregar um sacco de café. A unica coisa precisa era a inspiração... Eis o que lhe faltava!

E arranjou a Maria.

Sim, Maria das Dôres, que trabalhava na Tijuca, em casa duns possuidores de muitas dividas e muito "pose" e pouco dinheiro...

E a Maria passou a ser sua inspiração.

Manuel, á tarde, perambulava pelas praias procurando "ouvir estrellas" no rumor das ondas...

Conseguiu fazer uns versos. Enviou-os a uma revista, cujo encarregado da "Caixa" se apressou e mandal-os á "cesta"...

* * *

Manuel não desanimou. Achou que não foi comprehendido. Contou á Maria o succedido. E a garota aconselhou-o a produzir obra mais "notavel"...

E, assim, sahiu o poema que haveria de revolucionar os meios literarios. Os versos, escriptos a poder de cincoenta murros numa mesa, terminava assim:

*"Idêntico ao sol que tre-*
*pida com furor*
*a procura da tua*
*toda nua,*
*O meu amor*
*trina gelidamente*
*por tua paixão demente!*

Manuel levou os versos para um amigo "letrado", proprietario dum deposito de bananas nas immediações dos "beccos" e "travessas" de nomes arrevezados...

O amigo considerou os versos de forma "symbolica".

— Sim, você é legitimo poeta "lyrico" em pleno seculo XX...

Manuel acreditou que era mesmo lyrico. E foi pessoalmente á redacção da mesma revista levar os versos dedicados á Maria das Dôres.

Ao entrar, apresentou-se ao critico:

— Eu sou o Manuel!

* * *

A revista, em seu numero semanal, na secção competente, redarguia a Manuel a poeta "doce", e perguntava-lhe

— O senhor devia fazer um abatimentozinho, doutor. Lembre-se de que foi o meu marido quem trouxe a grippe para o bairro.

# Carlos de Bragança

Como "o sol trepidava"... onde descobrira "um amor gelido que trinava por uma "paixão demente"...

* * *

— Eu! Poeta d'agua doce? Filho dum homem habituado a agua salgada? Ser transformado de lyrico em palhaço de circo? E meu talento?

Maria riu-se da ingenuidade do rapaz, e achou que o critico da revista tinha razão.

Isso enfureceu o Manuel. Incontinenti rompeu relações com a sua "inspiração" e procurou o vendedor de bananas, o qual lhe disse alguma coisa sobre o despeito... Que o chronista da revista era assim com todo mundo... era um despeitado... que havia conquistado a sua Maria pelo simples facto de já ter nome feito..."

* * *

Ora, o Manuel conhecia o critico. Sabia ser um moço franzino, de pince-nez, de grande cabelleira, muito amavel, muito delicado, e incapaz de matar uma mosca.

— Com um murro eu mato esse sujeito!... Então, porque eu tambem sou poeta, elle não admitte concurrentes? Ah! isso não!...

* * *

E foi assim que, numa tarde de muito calôr, ali na Lapa, no Passeio Publico, o joven chronista da revista se sentiu seguro pelos braços. Manuel o segurava fortemente, com violencia. Seus instinctos rudes revelaram-se com todo vigor.

— Seu poeta... vou lhe dar uma surra!... Eu sou o Manuel... comprehende? Vae ser uma briga de literatos... Prepare-se... Você vae apanhar...

Populares correram para separar os contendores. Manuel estava cahido, e completamente estonteado.

O chronista literario ajudou-o a levantar-se e, sempre amavel, ajudou-o a recompôr as vestes, dizendo-lhe, num tom mais amavel ainda:

— Para outra vez, tenha mais cuidado, porque, do contrario, irá você para a cesta, em vez dos seus versos tolos...

* * *

Uma semana depois, o Manuel soube que o joven chronista, o rapaz franzino da redacção da revista, era eximio "capoeira" e praticava o "cath-as-cath-can" justamente para se livrar dos poetas impertinentes que surgiam de quando em vez...

# A estatua da Liberdade

Ha cincoenta annos, nas officinas de Gayet e Gautier, situadas na rua Chazelles, em Paris, a celebre estatua da Liberdade "illuminando o mundo", devida ao esculptor Bartholdi, esperava sua partida para Nova York.

A União Franco-Americana havia-lhe preparado um pedestal: um bloco de alvenaria granitica de vinte e cinco metros de altura. E não era demais, pois havia necessidade de se collocar condignamente essa grandiosa realização de quarenta e seis metros de altura, desde a base ao cimo da tocha e que pesa duas mil toneladas.

A proposito, é curioso indicar as dimensões de certas partes da enorme estatua: o nariz mede um metro e doze, e cada olho sessenta e cinco centimetros, em um rosto de quatro metros e quarenta. O dedo indicador mede dois metros e quinze centimetros.

A estatua foi feita de accordo com um modelo original que media dois metros e onze centimetros, logo, como se vê, foi augmentado vinte e quatro vezes.

A estatua é de cobre, supportado por uma armadura de ferro que foi estudada por um grande especialista no assumpto: Eiffel, em pessôa.

Os dois milhões de francos ouro, que foi por quanto ficou a obra total, foram obtidos por subscripção publica. A União Franco-Americana fez do monumento uma offerta da França aos Estados Unidos pela victoria da guerra da indepedencia norte-americana.

Para transportar esse monstro de ferro e de cobre da França até a bahia de Nova-York, foi preciso desmontal-o em cerca de trezentas peças.

Quanto ao autor, Frederico Bartholdi, nascido em Calmar, em 1834, era de ascendencia corsa-

— Dediquei-me, esta manhã, á pesca de tainhas, mas não apanhei nenhuma.
— Então, como sabes que eram tainhas?...

## O que a vida não leva

*Fico a pensar, ás vezes, commovido,*
*naquillo que serás daqui a trinta annos:*
*uma velha qualquer — sobre o olhar distrahido*
*o sudario feroz dos murchos desenganos...*

*O inverno! A tua silhueta esguia*
*cheia de anéis... a fala sem calor...*
*Enoitecido o rosto onde, afoita, irradia*
*a juventude, e o beijo é uma canção de amor...*

*As tuas graças frescas de menina,*
*sob a névoa das tardes, entibiando...*
*Tudo perdido, sem remédio, e na retina*
*o lento funeral das illusões passando...*

*Vincos... Sombras... O gesto com rudeza...*
*A cabelleira em neve... a pratejar... assim...*
*Em cada sonho inerte uma saudade presa...*
*Dias já mortos... geada... o crepusculo... e [fim...*

*Não te importes... Em meu amor, tão perto,*
*vejo um mundo a luzir de perfeição...*
*Da tua mocidade eu faria, decerto,*
*o milagre subtil de uma resurreição...*

*E tu has de possuir, o ultimo instante,*
*este consolo ideal que transfigura:*
*vendo e sentindo em mim que sou perseverante*
*e és sempre a mesma, igual, para a minha ter-*
*[nura!...*

VALDO DE ABREU

# Escriptores e livros

### Raul Lellis — PARA VOCÊ — Selma Editora — 1934 — 5$

UM titulo gracioso, e uma leitura suggestiva. Nem outra coisa era de esperar, em se tratando de Raul Lellis, uma intelligencia brilhante, que ha muito frequenta, com assiduidade, as columnas de todas as revistas cariocas. *Para você*...

Naturalmente, paginas escriptas para *alguem*, e, por isso mesmo, de um vibrante lyrismo; paginas romanticas que todos sentem e comprehendem. O proprio autor dá a entender que o livro foi escripto para as almas que sonham, para as creaturas emotivas, acostumadas a viver muito distante das realidades terrenas.

Que coisa deliciosa perder-se alguem nas alturas, para viver e sorrir daquelles que não dispõem das azas da imaginação que tudo transforma! Pois, Raul Lellis é um desses raros espiritos previlegiados, que ainda póde e sabe sonhar lindos sonhos côr de rosa. E não somente sonha, mas tambem sabe transmittir aos outros as emoções sentidas, burilando os seus pequeninos poemas sentimentaes, com alma de artista.

Leio-os da primeira á ultima pagina, e deixo o volume, reconciliando-me com o mundo, esquecido das suas asperezas e brutalidades. Que mais posso desejar?... Por isso mesmo, aqui estou para o elogio sincero do livro de Raul Lellis, que tanto tem de modesto quanto de talentoso, que não sabe ter vaidades, mas tem motivos para ser vaidoso.

*Para você*... Adivinha-se tudo nestas duas palavras que servem de titulo ao volume. Um sorriso de felicidade tentando colher um outro sorriso...

E embora o autor não consiga attingir o seu objectivo, póde ao menos acreditar que conseguiu a nossa sympathia, por alguns instantes de convivencia espiritual absolutamente encantadora.

### Humberto de Campos — MEMORIAS — Liv. José Olympio — Rio — 10$

O illustre academico Humberto de Campos é um dos escriptores mais lidos no Brasil. Não admira, por isso, que este livro tenha attingido ao decimo milheiro, em curto espaço de tempo. São as memorias do escriptor maranhense, narradas com encantadora simplicidade, e, naturalmente, a curiosidade publica procurou, nas paginas do livro, conhecer a vida de uma das mais singulares figuras das nossas letras. Para muitos, a historia da vida de Humberto de Campos poderá ser comprehendida apenas como uma dolorosa odysséa. Outros, porém, entenderão que não é, porque se trata de uma gloriosa ascenção de quem, surgindo do nada, pelo proprio esforço, alcançou a immortalidade. Porém, estamos na primeira parte das memorias, que serão completadas em outros volumes.

Cumprimos o dever, apenas, de registar o apparecimento desta nova edição do livro, pois, de resto, se trata de obra que a critica consagrou, o mesmo acontecendo com o publico.

### Gomes Netto — NOVELLAS FANTASTICAS — Selma Editora — Rio — 5$

NUMA apresentação de trabalho anterior, do sr. Gomes Netto, tivemos ensejo de lhe apontar os defeitos da prosa, e agora temos a satisfação de registar que o autor apparece renovado, emprestando aos seus trabalhos um aspecto mais attrahente.

Tratando-se de um rapaz de talento, dotado de rica imaginação, era de esperar o progresso do seu processo literario.

As novellas fantasticas, ora reunidas em volume, despertam curiosidade e são lidas com interesse. Na maioria, bem urdidas, e com bom acabamento.

O genero não é facil, embora bastante explorado. Aliás, o autor tinha de conseguir pleno exito neste genero de trabalho, pois escreve com facilidade, sendo não raro prolixo, conduzindo por isso o leitor pela estrada larga da curiosidade, o que redunda em tornar mais forte a emoção final da leitura.

### Paulo Setubal — EL-DORADO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 6$

PAULO SETUBAL goza de merecida popularidade, principalmente em S. Paulo, onde os seus livros se esgottam com relativa facilidade, apesar das grandes tiragens das edições. Explorando os factos historicos, o escriptor consegue reviver aquelles que são de maior interesse para o publico, focalizando figuras varonis que estavam quasi perdidas nas noites dos tempos. E', sem duvida, um excellente serviço que o autor vem prestando, no sentido de despertar o sentimento patriotico do povo, mais absorvido pelas coisas do presente, ignorante do que ficou atraz...

No genero, a obra do autor é notavel. Succedem-se os volumes, cada qual o mais interessante.

O presente trata de um dos episodios mais empolgantes das Bandeiras, a conquista e o povoamento de Minas Geraes. O leitor é conduzido pelas mãos habeis de Paulo Setubal, e fica sabendo como se processou a descoberta das minas de ouro, e bem assim conhecer detalhes da fundação, pelos paulistas, das velhas cidades mineiras de Ouro Preto, Marianna e Sabará.

Tambem as façanhas de Borba Gato, Garcia Paes, Antonio Dias, Padre Faria e Salvador de Mendonça são pintadas ao vivo pela penna brilhante do escriptor, que consegue empolgar pela maestria da sua arte sóbria, segura, perfeita pelo senso do equilibrio. A parte material da edição tambem é notavel pelo apuro das illustrações adequadas aos varios capitulos do livro. Obra digna de leitura, que marca um legitimo successo literario para Paulo Setubal.

### Edgar Wallace — O HOMEM DO HOTEL CARLTON — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 4$

GODOFREDO RANGEL traduziu, para a collecção *Serie negra*, este curioso trabalho do celebre novellista. Enredo que interessa e prende a attenção do leitor.

# UMA AVENTURA

O trem deslisava suavemente, em um arranco, sem sacolejos. Sua partida tinha o caracter absoluto e definitivo de um golpe de guilhotina seccionando brutalmente toda communicação entre os "vivos e os mortos": os viajantes e os que ficam.

No cáes, Georges Saucemoz agitava um enorme lenço, para a fórma longiqua que tinha o vagão.

— Adeus, Henriette!

Pondo a cabeça pela janella, Henriette, esposa de Georges, sorriu agitando sua mão enluvada. E, na janella seguinte, um sorriso e uma mão semelhantes repetiram a scena com rigorosa fidelidade.

— Adeus! Escreve-me logo que chegares!

As duas cabeças se inclinaram ao mesmo tempo. O marido, cheio de espanto, virou-se, procurando em torno de si o personagem a quem era dirigido aquelle gesto. Mas estava só no cáes. Attonito, Georges permaneceu um momento pregado no logar, procurando reunir suas idéas. Depois, partiu com passo automato, emquanto sua mulher corria com grande velocidade para La Baule.

* * *

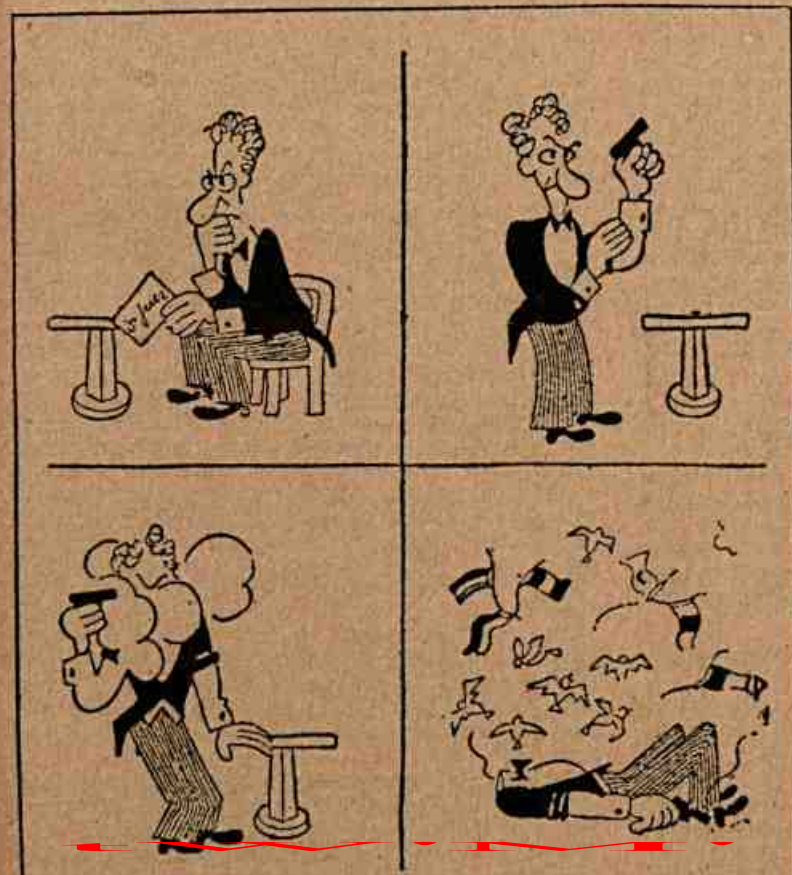
Georges caminhava lentamente ao longo do cáes do Sena. Era cedo. Por isso, caminhava sem rumo, preoccupado por uma idéa. "Quem seria a mulher que me disse adeus?" E, incansavel, evocava o espectaculo: as duas cabeças inclinadas em um sorriso, os dois lenços que se agitavam no mesmo gesto... Encostou-se no parapeito do rio.

Em baixo, um pescador solitario concentrava seu interesse no grande ponto que fluctuava immovel. Georges, olhando tambem o mesmo ponto, notou que nos reflexos da agua appareciam figuras esquisitas. Nunca, nem mesmo em sua primeira mocidade, tivéra exitos femininos. Em todo caso, suas recordações não se concentravam de modo algum em silhuetas semelhantes á da desconhecida do trem. As mulheres que conhecêra, mediocres conquistas. E contava, com espanto, os annos de fidelidade conjugal. A vida fôra para elle aborrecida, sem relevos, igual as aguas do Sena.

Pouco a pouco, sua imaginação construiu uma prodigiosa aventura, na qual representava como o heróe. Sem intervallos, via desfilarem deante de seus olhos mil conquistas deslumbrantes, como as que via em sonhos, bailarinas, artistas, *girls*, que vinham á superficie dizer-lhe antes de desapparecer: "*Adeus*"!

Todas as promessas que lia em seus olhos e em seus labios o impelliram a desejar profundamente um novo encontro com a desconhecida, que de sua janella sacudia para elle seu minusculo lenço.

Emquanto andava, Georges tomou um ar importante. Parou de repente na beira da calçada. Sem perceber, acabava de adoptar uma grave decisão: dahi para deante viveria sua vida sem se preoccupar com o estupido personagem que fôra até então... Olhou o relogio: sete horas...

Instinctivamente, apressou o passo. Quando chegou ao boulevard, tomou a attitude de um estrangeiro, fazendo o possivel para imitar um americano.

O suicidio do prestidigitador...

# De Pierre Melon

Entre a heterogenea multidão que o verão traz a Paris, conseguiu simplesmente passar despercebido.

Entrou em um café, e pediu:

— Um *whisky!*

Ao ouvir sua voz, duas mulheres viraram-se e o examinaram sorrindo. No começo elle se offendeu. Mas depois resolveu sorrir tambem, o que augmentou a hilaridade de suas vizinhas. Não levantou mais a cabeça. Chamou o creado e partiu com ar digno, sem poder evitar que o rubor lhe subisse até as orelhas.

Na rua a visão se simplificava, o rosto da desconhecida desapparecera de sua memoria, e só ficava a enygmatica personalidade, cujo adeus lhe puzéra naquella situação. Fechando os olhos, só via uma imagem que ia e que diminuia a medida que o trem se afastava.

Seria uma viajante de bom humor que respondêra ao adeus por mera brincadeira?... Emquanto andava, Georges a imaginava no carro restaurante jantando; afinal, chegando ao quarto do hotel com suas maletas, deante do espelho, arranjando os cabellos. A imagem tornava-se mais precisa... Ouvia o barulho da agua no banheiro e presentia o gesto com que começava a tirar a roupa...

E se fosse a Montmartre? — pensou Georges. Muitas coisas o impelliam para esquecer sua terrivel quimera por esse bairro prohibido para os homens como elle. Nesse momento passava um carro naquella direcção. Eram dez e meia.

Quando chegou a Montmartre, procurou orientar-se, e depois, deslumbrado pelas luzes e o buliço, seguiu um grupo de inglezes, precedidos de um interprete que percorria as ruas de Paris. Aborrecido, entrou em uma charutaria e comprou cigarros.

Approximara-se outro homem. Pareceu-lhe agora a coisa mais natural do mundo que uma loirinha lhe perguntasse á queima roupa:

— Aonde vae, senhor?

Em qualquer outra occasião, teria protestado contra a liberdade que tomam certas mulheres. Mas, naquelle dia, contentou-se em admirar a rapariga. Esta insistiu:

— Vamos tomar alguma coisa? Poderemos conversar melhor...

Georges, docil, a acompanhou até o proximo café.

— Ha dois annos, gostava de ser loura; agora daria tudo para ter cabellos pretos.

Animando-se no segundo calice de cognac, sentiu, pouco a pouco, que um suave calor lhe subia á cabeça. Tendo imperiosa necessidade de tomar ar, disse:

— Que calor!... Vamos dar uma volta?... Quer ir ao cinema?...

— Gostaria; mas já é tarde.

— Aonde vamos, então?

A rapariga olhou-o e, inclinando-se um pouco, disse:

— Para casa!...

Ergueu-se subitamente e procurou a sahida. Fóra, cahia uma tormenta de verão, chuva e vento, communs em Paris. Georges chamou um *taxi*... Quando entrou nelle, passou o braço pela cintura da rapariga, e perguntou:

— Como se chama?...

— Henriette!...

Com um sobresalto, Georges fez parar o carro, atirou sua carteira á sua companheira e perdeu-se na sombra, correndo debaixo da chuva...

O melhor poeta que conheci foi, certamente, Hugo Lussignol, quando chegou a Paris aos dezenove annos.

Numa velha casa da rua Lancry, o joven Lussignol occupava uma alcova que dava para uns jardinzinhos tristes e que era tão pequena como aquella que Miguel Angelo habitava quando desenhou numa folha de papel a sua primeira idéa para o "Juizo Final".

Mas era sufficiente para o occupante que quasi não entrava.

Sua tia Minerot havia-lhe recommendado que aprendesse um officio, e com effeito aprendia, o mais difficil de todos, que

## SILENCIO DE DÔR

*Ha um silencio de dôr na minha vida...*
*E' u'a magua,*
*Uma qualquer coisa tão sentida,*
*Que deixa os olhos meus cheios de agua...*

*Ha um silencio de dôr na minha vida...*
*E é tão triste*
*Essa dôr desconhecida,*
*Que não consigo comprehender como ella existe...*

*Ha um silencio de dôr na minha vida...*
*E' que eu ando,*
*silenciosamente, buscando*
*Uma felicidade perdida...*

ROSINHA MASTRANGELO

# O POETA

é o de rimador. Realmente, na época em que os operarios trabalhavam ainda com as mãos não era pouco o esforço necessario para formar um bom serralheiro ou um bom carpinteiro, mas creio que era mais difficil ainda fazer-se um bom poeta.

Uma manhã, sentado ante uma mesa de pinho, Hugo Lussignol passava a limpo a sua "Dupla ballada das raparigas sem dote", quando bateram á porta. O poeta gritou:

— Entre!

E viu apparecer um robusto ancião de faces rosadas e espessos cabellos grisalhos, cujo rosto revelava uma luminosa expressão de bem-estar e de alegria.

— Cavalheiro — disse — eu sou Henrique Bizzolara e o proprietario da casa que ambos habitamos.

— E então? — replicou Lussignol, offerecendo uma cadeira ao visitante — Tenho que pagar o aluguel?

— Ao contrario; — tornou o velho — pagou-o até demais, e agora pretendo alojal-o gratis e espero que se digne acceitar este modesto offerecimento em troco de um grande favor que venho solicitar.

— Cavalheiro — disse, por sua vez, Lussignol — estou ás suas ordens.

— Não sou apenas proprietario: sou tambem director de theatro.

— Não ha mão officio — observou o poeta.

— Sem duvida, mas alguns são mais agradaveis do que outros. Eu hoje dirijo o theatro principal; rei-Colinette, sendo banido em Abruzzos, profissão que muito convinha mais. Gostava de dormir nas cavernas e de vestir umas roupas pittorescas; gostava tambem de fazer as diligencias; mas como restam agora muito poucas diligencias, a minha profissão converteu-se numa sinecura. Por isso, tive de arranjar outra situação, da qual não me queixo. Desejava, porém, representar officio e com effeito aprender um operario. Idiota que tenho acceitado todas as que ceitado, mas cujas escripturações estivessem em versos excellentes. Que acha?

O POLITICO ACCUSADO DE DESHONESTIDADE. — Perfeitamente, senhores; mas, quando todos nós estivermos no carcere, quem se occupará dos interesses do paiz?...

# De Theodore de Banville

— Não acho nada — respondeu o poeta. — Nunca fui ao theatro e creio que não irei nunca.

— Faz muito bem — retorquiu Bizzolara. — Mas não sabia resolução não impede que o senhor me ajude a conseguir o meu desejo. Venho, pois, pedir-lhe este favor, pois que o senhor é, entre os jovens, o melhor operario do verso.

— Mas nunca recitei os meus versos a ninguem, a não ser ao vento que passa, e, das quatro ás oito, ao ruido dos bondes e dos carros. Quem lhe disse, pois, que eu sei rimar?

— Rosa Lpin, a filha da minha porteira. — E' intelligente na materia. Quer fazer os versos de que necessito?

— Mas terei que lêr a obra? — interrompeu o poeta, hesitando.

— Absolutamente não: — declarou Bizzolara. — Seria perigoso e até inutil que a lesse. Fiz um resumo que aqui trago. Quando poderei vir buscar o seu trabalho?

— Quando quizer. Esta tarde, por exemplo, antes da ceia — prometteu o poeta.

* * *

Transcorrido muito tempo, muitos annos passados, o poeta Hugo pensou, ás vezes, que era absurdo morar de graça numa casa, á custa de pouco trabalho. Continuava compondo baladas. Quanto aos versos que escrevêra para Bizzolara, nunca quiz saber a sorte que tinham tido. Mas tinha que saber. A opereta fôra representada com um exito extraordinario, extravagante, durante cinco annos. E foi quando o poeta encontrou o seu director, pela primeira vez, depois de tanto tempo:

— Está satisfeito com os seus direitos de autor? — perguntou o velho.

— Perdão! — contestou Hugo — A que chama "direitos de autor"?

O director explicou rapidamente as trocas era uso desde os tempos em que os comediantes pagavam seiscentas libras por uma obra de Corneille e a feliz revolução feita por Beaumarchais e pelo senhor Scrib. Finalmente, conduziu o poeta á casa de Gustavo Roger, que, depois de algumas formalidades indispensaveis, pagou ao joven o total de seus direitos autoraes no valor de quatrocentos mil francos.

Com esse dinheiro, Lussignol, que acabava de inteirar-se da morte de sua tia Minerot, partiu para dar um passeio a pé através da França.

Chegando a Chenove, perto de Dijon, vae a uma hospedaria. O hoteleiro, de longas barbas brancas, semelhantes ás de um rei, estava esvaziando um enorme jarro de vinho. Em frente á casa, sua filha Margot, bella como o dia, descascava legumos.

— Ah! — pensou ella — se este garboso rapaz se apaixonasse por mim!

Hugo era tão innocente que comprehendeu o olhar das mulheres assim como o canto dos passaros. Fez a Margot um signal que significava: — "sim", entrou na casa, pediu ao velho beberrão a mão de sua filha e, depois de mostrar os seus quatrocentos mil francos, obteve-a.

Um dia em que, para attender ao seu pedido, Hugo lia os seus versos a Margot, cercado de alguns bebês que mordiam maçãs tão vermelhas como as suas faces, um vizinho de campo, o visconde de Mougard, passou por alli com seus cães e ouviu alguns daquelles curtos poemas.

— São versos admiraveis! — disse — Devia imprimil-os, fazer um livro.

Hugo Lussignol olhou carinhosamente os seus filhos e a sua esposa, cujos olhos pareciam dois raios de luz:

— Para que? — respondeu.

## POR QUE NÃO TE SEGUI?...

*Como era lindo o dia côr de rosa*
*— Qual uma grande rosa avelludada —*
*A sorrir entre a bruma vaporosa*
*Da manhã que surgia, perfumada!*

*Como era lindo o dia, e deliciosa*
*Essa canção nostalgica e rythmada,*
*A cadencia da musica harmoniosa*
*Da natureza apenas despertada!*

*Como era lindo o dia!... E, sobretudo,*
*Como era lindo o teu aceno mudo*
*No esplendor da manhã de céus azues!*

*Por que não te segui?... Por que de então*
*Canta sempre tão só meu coração*
*Em versos que são lagrimas de luz?...*

HELENA PENNA TEIXEIRA

# Chronique Littéraire ◆ Française ◆

**LE MOYEN-AGE — LA POESIE DIDACTIQUE — LE ROMAN DE LA ROSE (Suite)**

DONC l'oeuvre de JEAN DE MEUNG contient une satire.

Cette satire est dirigée contre les grands et l'autorité, bien plus que contre le peuple. Elle est faite avec tant de hardiesse et dans un style si vivant qu'à l'époque actuelle, on la relit encore avec intérêt. J. de Meung n'aime ni les gens de justice, ni les hommes d'argent. Des premiers, il écrit: "*Tes juges font le larron pendre, Qui mieux devraient être pendus*".

Il ne craint pas d'aborder la discussion des bases mêmes sur lesquelles est établie la société. Ce n'est pas lui qui aura la sottise de croire au principe enfantin de "la royauté de droit divin". Il sait trop bien son histoire, et il dit carrément les choses. Voici comment on fait un roi, assure-t-il:

"*Un grand vilain entre eux élurent,*
*Le plus ossu autant qu'ils purent,*
*Le plus corsu* (gros) *et le graignor*
(le plus grand),
*Et le firent prince et seignor*".

Quant à ses théories sur la propriété, elles sont fort ressemblantes à celles professées par certains extrémistes de nos jours. "La propriété, c'est le vol" disent nos révolutionnaires. J. de Meung, lui, prétend qu'elle s'est ainsi formée:

"*Ce qui commun était avant,*
*Comme le soleil et le vent,*
*Par convoitise approprièrent.*"

Nombreux sont les passages de cette virulence. Citons encore celui-ci. C'est le portrait de FAUX-SEMBLANT, l'ancêtre direct de Tartufe:

"Tu sembles être un saint ermite.
— C'est vrai, mais je suis hypocrite.
— Tu vas prêchant la pauvreté.
— Oui, mais suis riche à satiété."

On s'étonne, à lire des chapitres entiers de ces rudes attaques contre les classes dirigeantes, si fortes alors, que l'oeuvre de J. DE MEUNG ait connu un tel succès. C'étaient les femmes et les jeunes gens, la haute société qui avaient fait celui de la première partie. Ce furent le peuple, les bourgeois, et même les clercs qui firent celui de la deuxième. Or, il fallait déjà compter, à l'époque, avec la bourgeoisie grandissante.

Néanmoins, on ne peut s'empêcher d'admirer le courage de cet écrivain, le premier, en date, de nos écrivains révolutionnaires, qui ne craint pas de parler des diverses autorités établies dans des termes tels que de nos jours, ils causeraient, sans nul doute, de graves ennuis à leur auteur.

N'en eut-il point, d'ailleurs? Et ne serait-ce point à des représailles qu'il faut attribuer le mystère de la fin de sa vie? Car on ne sait même pas la date exacte de sa mort.

Mais ce n'est point seulement au titre de pamphlet que cette seconde partie nous intéresse, malgré la vigueur, le pittoresque et le nouveau qu'elles contiennent.

Ce qui domine, c'est *l'érudition*, qui va jusqu'au pédantisme. Le poème est encombré de passages traduits d'auteurs latins, voire grecs. L'allégorie y est excessive. L'incohérence et la prolixité l'alourdissent parfois. Sa valeur documentaire est toutefois immense, car elle est, en quelque sorte, un *résumé des connaissances scientifiques de l'époque, et des aspirations populaires.*

Car, lui qui considère les grands comme les serviteurs et non les maîtres du peuple, il s'incline devant la Science qu'il met au-dessus de tout, défendant de la sorte, plus de 500 ans à l'avance, l'un des grands principes de notre Révolution Française.

Et qu'on ne l'accuse pas de "cabotinage". Car son oeuvre est empreinte d'une telle émotion, et d'une telle sincérité que le lecteur s'y laisse prendre.

CONCLUSION: LE ROMAN DE LA ROSE est une des oeuvres maîtresses du Moyen-Age, que certaines influences ont réussi presque à maintenir dans un demi-oubli, à cause des théories "avancées" qu'elle contient, dans sa seconde partie, mais qui vaut mieux que sa réputation et mérite d'être étudiée davantage.

Dés son apparition, il souleva un enthousiasme général, et fut traduit, en italien, en flamand, en anglais. Nous en possédons plus de 200 manuscrits. Ce fut l'un des premiers ouvrages imprimés. Car il faut dire que sa vogue continua jusqu'au 16e s. où Marot, par le rajeunissement qu'il en fit, lui donna un regain de popularité.

Imité, transformé, il a inspiré dans notre littérature une quantité d'auteurs parmi lesquels nous pouvons citer Ronsard et du Bellay, et plus tard certains romans du 17e s., au temps de la carte du Tendre. L'allégorie permanente qui est sa formule sera reprise par Voltaire dans sa Henriade. De nombreux écrivains sociaux lui ont emprunté des idées. Et même le romantisme peut nier qu'il s'y puisse parfois reconnaître.

Le ROMAN DE LA ROSE est une oeuvre remarquable et considérable, ayant la marque de qualités foncières de la race française; parmi lesquelles l'analyse psychologique et la critique sont parmi les premières. Sans oublier la galanterie.

**EDGARD LIGER-BELAIR**

# UMA HISTORIA...

## De MARIÚCHA

TENHO certeza, Helena, de que você me considera de uma sensibilidade doentia, pautando todos os actos pelo lado affectivo e deixando a razão como flamma extincta na minha vida.

— Ora, Marlene, não pense tal!

— Entretanto, este sentimentalismo exaggerado tem uma razão de ser.

— E' justo. Permitta-me, porém, a ousadia de objectar: não ha excesso de sentimento. Este é um grande senão exclusivo factor que nos conduz á perfeição.

— E a perfeição só é attingida quando nos deixamos guiar por algo de sublime e de superior. Só então nos tornamos capazes de apreciar o grão de ascenção espiritual que podemos alcançar. E para mim esse algo superior que me conduz... é o amôr... Mas o amôr desinteressado é altruista, que tudo dá ou sacrifica, sem exigir recompensa. E' o amôr tal o que sinto pelo Sergio...

— Si bem que seja correspondida...

— Talvez para o futuro, quem sabe?, a affeição que elle me dedica diminúa ou se extinga...

E, passando as mãos pela testa, como para afastar tétricos pensamentos, continuou:

— Não gosto de pensar... Creia, Helena, Sergio enche-me a vida. Todos os sonhos de ventura deixaram de ser uma abstração para se concretizar nelle. Quero-o, quero-o muito. E por elle serei capaz de renunciar á vida com todas as promessas e attracções.

— Devemos considerar o amôr como uma das cousas bellas da vida, mas, não como a unica razão; sabêl-o sentir, sem, entretanto, nos deixar empolgar... Aprender a achar prazer e deleite na vida, mesmo quando elle nos falta, é attingir a verdadeira felicidade...

— Impossivel! Só nelle podemos encontral-a. Eu encontrei...

— Alegra-me vêl-a feliz.

— Você não póde julgar, Helena, talvez acredite mesmo, haja nas minhas palavras o enthusiasmo que deve palpitar nas phrases de uma apaixonada á moda antiga. Comparo, porém, a alma de Sergio a uma lyra cujas cordas afinadissimas só tangem sons harmoniosos por mais inhabeis que sejam as mãos.. Sabe tão bem comprehender as subtilezas que encerra uma alma feminina...

— Está seriamente apaixonada...

E Marlene, apertando muito os olhinhos verdes como a esperança que vive em sua alma, retrucou:

— Você já deve estar enfadada de ouvir sempre o mesmo assumpto.

*(Continúa na pagina seguinte)*

# POEMAS EM PROSA

## De PAULO FREITAS

OLHA, meu amor... Naquelle canto sombrio do jardim das caricias, o cypreste se alonga para o azul...

Olha, meu amor... A figura fina e triste do cypreste lembra a imagem pensativa de um philosopho naquelle canto sombrio do jardim.

Sobre o espelho do lago que reproduz as nuvens de ouro — lindas nuvens da amplidão! — a imagem esguia da arvore se reflecte. Saudade...

* * *

Eu seria tão feliz se a minha imagem de poeta triste pudesse ficar tambem reflectindo-se no espelho maravilhoso dos teus olhos grandes e claros!...

Eu seria tão feliz se tu guardasses na memoria ao menos este pequenino poema em prosa que agora escrevo...

Se eu morresse ficando no espelho dos teus olhos, eu seria feliz...

* * *

MINHA saudade — triste companheira, irmã de uma esperança que envelheceu, magoadamente, numa tarde de inverno.

Minha saudade é uma visão que está longe, muito longe... E' um sol no seu leito de purpuras. Agonia da tarde a recordar todo o esplendor radioso de um sol na manhã toda azul.

Saudade — mulher a se lembrar que já foi linda... Mulher, deante de um espelho, a recordar a maravilha de uns cabellos negros e setinosos.

O tempo que passa... Tudo passa.

Uma folha que cae... vae ficando amarella...

Saudade... Esperança de cabellos brancos...

* * *

Minha saudade beijo que não dei. Recordar é viver... E eu fico lembrando-me dos teus labios vermelhos que murcharam como as flôres no jardim de um claustro sombrio, meu amôr!...

---

## Uma historia...

( C O N C L U S Ã O )

E o amôr mais uma vez operou um dos seus milagres, pois Marlene, mais infantil que a mais infantil das crianças, continuou:

— Pois não falo mais nelle...

E logo depois se arrependeu do que dissera, e, commovida, enfiou o braço no da amiga, continuando a palestrar.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

— Alô...

— Marlene.

— Como vae?

— Com saudade de você. Preciso falar-lhe. Você é de uma indifferença a toda prova; nem procura saber si ainda vivo...

— Mas, si sei que você vive duplamente a vida: a que todo mundo vive, desde o momento que haja o equilibrio entre os multiplos componentes do organismo e entre este e o meio ambiente, e a que se vive quando se encontra dentro da propria vida a suprema ventura de viver...

— Como vae o Sergio?

— Bem, cada vez nos queremos mais.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

E os dias passavam para Marlene num ambiente de amôr, vendo e pensando em tudo, através dum espelho que reflectia a imagem de Sergio.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

— Vamos passear, Helena?

Ella accedeu. Não só porque a companhia de Lourdes lhe era agradavel, mas, tambem, para compensar o dia monotono que passára a arruinar o coração e a "aperfeiçoar" o cerebro numa das mais complexas disciplinas, da série que cursava, na opinião dos professores, porém, que, na della, não ultrapassava o modesto limite de uma historia intrincada, sem começo, nem fim...

Desceram a rua em que moravam. Chegaram á praça Pedro II. Num dos angulos desta se ergue um posto de gazolina.

Um carro luxuoso estacionou. Helena reconheceu-o.

Era o de Sergio. Por um instincto de curiosidade muito feminina, os seus olhos pousaram num parzinho de amorosos que, no aconchego das almofadas, conversava discretamente sob a penumbra mucia que se projectava dum oitizeiro, emquanto o Pacard, testemunha muda do idyllio, tomava gazolina.

Era o Sergio. Porém, a pequena não era Marlene...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

E, depois disso, Helena teve mêdo de encontrar a amiga, que, com certeza, iria falar de seu amôr, e reaffirmar, mais uma vez com uma ingenuidade de causar pena:

— Cada vez o quero mais, e [illegible] que dia a dia elle me consagra maior amôr...

## Noites detestaveis!

# Falsa moeda

## De Abel Monchen

A felicidade de um individuo está, ás vezes, em tomar ou deixar de tomar um bonde. A infelicidade também.

* * *

Paulo, um rapagão que se hospedára havia poucos dias no hotel, chamou o garçon e perguntou, apontando o prato que tinha em frente:

— Sabe onde foi adquirido este frango?

— Não tenho certeza, doutor.

— Não sabe ao menos se foi adquirido nalgum asylo de gallos desamparados?

Depois, Paulo atravessou o salão, passou em frente a um espelho onde acertou meio cahido sobre os olhos o chapéu de abas estreitas, como ditava a moda, e tomou á porta um bonde que passava a [illegible] com um gesto [illegible], porque lhe era indifferente esperar o electrico no ponto, o tomal-o a sete ou mesmo nove kilometros, velocidade maxima desses carros.

Após sentar-se, reforçou com os dedos o vinco da calça preta que havia trinta dias usava em consequencia da morte do pae, que lhe deixára, além de uma casa industrial em prosperidade, meia duzia de contos de reis.

Apesar disso, não cogitava em comprar um carro typo Imperial. Tomava diariamente o seu Pa-[illegible] amarello, como dizia, referindo-se aos bondes, e ia pontualmente ao escriptorio da fabrica, que administrava tão bem como o fallecido pae.

No bonde, ao lado de Paulo ia também uma moça alta e magra, que o observára demoradamente quando reconstituia o vinco da [illegible].

O novo industrial somente notou que tinha uma vizinha quando teve um accesso de tosse. E, porque o dia estivesse frio e humido, advertiu-a paternalmente que era imprudente expôr-se assim num tão máo tempo.

A resposta foi dada com um [illegible] e com duas lagrimas que ficaram suspensas nos cilios dos olhos.

Paulo comprehendeu o que se passava no intimo daquella creatura: o abatimento moral em sa-[illegible] afflictiva das vias respiratorias, tristes noites de vigilia. O desespero em saber que a vida se [illegible] lenta e inexoravelmente, entre maldicções ou pedidos de protecção á Providencia.

(Continua na pagina seguinte)

*O dentista (distrahido, no momento em que a enfermeira lhe vem mostrar o filhinho que acaba de nascer).* — Sim, está bem; necessita de uma dentadura completa...

Paulo sentiu o coração cheio de tristeza por aquella desconhecida. Mormente ao notar, pela roupagem que trazia, a quasi ausencia de recursos.

Não foi difficil saber que ella ia ao medico, que estava doente havia seis mezes, e que havia esperança de cura.

Seguiram juntos até o consultorio do dr. Velloso, medico que sabia esperançar os doentes na cura, e era o bastante. O melhor remedio para a tuberculose. Sabia citar, com emphase, casos de curas dadas em clientes seus, alguns por simples reacção do organismo. E assim, quasi todos morriam agarrados a esse pedaço de lenho perdido no oceano profundo e immenso. Eram os doentes de tal modo suggestionados, que um delles, sabendo o papel importante da super-alimentação, já á ultima hora, pediu com um fio de voz duas gemmas de ovos.

E quando foram servidas, dahi a dois minutos, já havia morrido.

No momento em que Paulo chegou ao consultorio, com Heloisa, esse é o nome da moça, o dr. Velloso disse-lhe ser um caso banal. E que, com o medicamento que estava sendo administrado, estaria tudo resolvido dentro de cinco mezes.

Acto continuo injectou-lhe uma solução qualquer, reco-mmendou regimen e que voltasse dahi a dez dias.

Paulo acompanhou a doente até sua residencia, onde se certificou que Heloisa vivia em companhia unicamente da mãe, e que a subsistencia era garantida com o aluguel de um chalet e um pequeno montepio.

Depois, ao invez de voltar á fabrica, foi ao consultorio do dr. Velloso. Esse medico já descia a escada do consultorio quando se encontraram. Seguiram pela rua á fóra, procurando Paulo saber com pormenores o estado de Heloisa.

Uma barreira surgiu. Um medico não póde fornecer detalhes de um cliente a pessôa alguma.

Mas, quando Paulo explicou que o objectivo principal era custear o tratamento dessa doente, e facultativo supprimiu em parte a barreira e explicou:

O estado de Heloisa é grave. Resta somente tentar um tratamento num sanatorio. Tratamento dispendioso, e com resultados incertos. Depende tudo da reacção do organismo. Si reagir, póde com o tempo dar-se a cicatrização da lezão. O retrocesso da inflammação, que seria igual a outra qualquer, si não estivesse num orgão que se movimenta constantemente. E continuou:

— Não ha doenças. Ha doentes. Organismos que reagem a ponto de debelar qualquer molestia, e outros que succumbem mesmo em face de uma infecção cutanea. Resta, pois, mandál-a para as montanhas. Para um Sanatorio, para um clima sêcco. O resto fica entregue á reacção do organismo, porque especificos para a tuberculose ainda não os ha — terminou o dr. Velloso.





# FALSA MOEDA

Paulo pensou si valia a pena fazer essa caridade. Afinal ia gastar muito com uma desconhecida qualquer. Melhor seria voltar ao escriptorio, e esquecer a pobre doente.

Mas, nessa mesma tarde, Heloisa recebeu alegremente a proposta de ir para um Sanatorio. E embarcou no dia seguinte para um estabelecimento de luxo, situado nas montanhas, acompanhada do sufficiente para que nada lhe faltasse.

* * *

Paulo continuou na luta, e satisfeito em ter suavizado os ultimos dias de uma pobre enferma. Todo fim de mez recebia uma carta de sua protegida, communicando que estava melhorando. Anexas vinha tambem a conta de despezas, e o *papae protector* — como ella dizia — mandava pagar. Absorvia-se, depois, nos negocios commerciaes, sem crêr que Heloisa houvesse dito a verdade quanto ás melhoras que vinha obtendo.

Assim, durante um anno. Até que, quando um negocio importante o chamou á cidade em cujos arredores estava situado o Sanatorio.

Somente quando Paulo respirou o ar puro, leve e sêcco das montanhas, poude aquilatar o significado de um "bom clima".

Admirou-se em encontrar um céo sempre azul, uma brisa calida que se fazia notar no balouçar festivo das folhagens.

Paulo sentiu-se alegre. Talvez mesmo pelo motivo de ter passado longo tempo debruçado sobre livros e documentos.

Não ha nada que reforce um motivo de alegria como ter tido antes um motivo de tristeza.

Nessa mesma tarde, Paulo foi visitar Heloisa. Fêl-o de automovel, unico meio de communicação de zig-zagueada por entre encostas de grandes montanhas verdes.

Recostado no fundo do carro, pensava em Heloisa. Como a encontraria? A mesma cousa? Mais magra e tossindo mais? Pobre creatura! Com vinte annos apenas, e condemnada á morte.

O *chauffeur* voltou-se, e disse:

— E' aquelle o Sanatorio.

Paulo divisou ao longe um casarão branco, que se erguia no topo de uma collina.

Afinal, o carro galgou a ultima rampa. Passou por um jardim cuidadosamente tratado, e parou á porta do Sanatorio.

Após cinco minutos, o porteiro voltou com o medico assistente, homem extremamente amavel, que mais com sorrisos do que com palavras, fez sciente que Heloisa não tardaria.

Paulo indagava da doente, quando um vulto feminino appareceu á porta.

# (Conclusão)

O medico com um sorriso victorioso, fez comprehender: Heloisa. Paulo fitou-a de cima a baixo, sem poder articular palavra.

Somente quando Heloisa exclamou: "Oh! Papae protector!" foi que Paulo, automaticamente, se levantou e, com um tom admirativo, perguntou: "Mas você é mesmo aquella moça magra e feia que mandei para aqui ha um anno?"

Realmente, Heloisa não era mais aquella moça de ha um anno. A altura quasi exaggerada só servira para realçar a elegancia. O rosto cheio e bonito, enfeitado com uma cabelleira que descia ondeada até os hombros, fizéra-a rainha do Sanatorio.

Paulo não poude deixar de dizer que era ella a moça mais bonita que já vira.

Ella teve um sorriso evasivo, e disse que o papae-protector era mais ainda. E, alem disso, forte.

* * *

Paulo, a titulo de descanço, permaneceu no Sanatorio alguns dias. Na primeira tarde, foi scientificado de que Heloisa se curaria por completo dentro de alguns mezes.

Na segunda tarde, Paulo, sentado na borda da cadeira em que a doente fazia seu habitual repouso de cura, rabiscou qualquer cousa na capa de uma revista. Heloisa tambem rabiscou, e devolveu a revista a Paulo. Ambos riram. Eram dois bonecos de mãos dadas, tendo por baixo o nome de Heloisa e Paulo.

Um pedido foi feito.

— Não! Não póde ser. Os meus beijos matam.

— ...

E, embora sabendo que os beijos de um doente trazem contaminação, beijaram-se demoradamente.

* * *

Paulo regressou, esperando que o tempo realizasse o que havia promettido o medico. A cura.

Mas ha etapas na nossa vida em que tudo nos corre como queremos, e, ás vezes, melhor ainda. O novo industrial recebeu logo após o seu regresso uma carta do medico, expondo que a molestia de Heloisa não fôra tuberculose. Confiados no diagnostico do dr. Velloso, não se haviam dado a maior trabalho, e trataram a moça como tal. Mas, felizmente, Heloisa tinha somente ameba, no pulmão que apresenta o carasteristico da tuberculose. "Na medicina ha dessas cousas", dizia a carta. E finalizava declarando que Heloisa estava curada. O tratamento para tuberculose servira para curál-a da ameba.

* * *

No dia seguinte, Paulo embarcou para as montanhas. E, quando os dois regressaram, foram viver felizes, num ninho de amores.

— Nunca hei de me esquecer — dizia Heloisa, que, se não fôsse você, teria morrido nas mãos do dr. Velloso. Agradeço-lhe a protecção dispensada á desconhecida feia e magra que eu era naquella occasião.

As vezes, Heloisa tossia propositadamente para perguntar:

— Foi assim que tossi no bonde?

* * *

Os dias felizes passam mui rapidamente. Escôam-se como o ar que queremos apertar entre as mãos.

Dois annos após o casamento de Paulo, o dr. Velloso guardou no bolso um apparelho de auscultação, olhou fixamente para o novo cliente, e disse:

— Nada de se assustar, Paulo. E' uma coisa insignificante. Tudo no inicio ainda é facil, portanto, de debellar. Vá passar uns mezes no Sanatorio onde estiver a sua senhora, e voltará curado.

Tristemente, Paulo foi para o sanatorio. Foi só, porque não convinha esse contacto a um filhinho de mezes.

* * *

O organismo de Paulo não reagiu. Foi aos poucos se extinguindo, como uma vela de oratorio. E, após alguns mezes, Heloisa foi chamada com urgencia, para assistir á agonia desse pobre Paulo, bom ao extremo, que a curára, e a fizéra feliz.

* * *

Quando se encontraram fitaram-se longamente. Paulo falou o sufficiente para consolar aquella quasi viuva, e orientál-a para o futuro. Terminou dizendo que morria resignado, principalmente por ter vivido dias felizes ao lado della.

Depois, calou-se. O medico prohibira-o que falasse. Qualquer esforço, mesmo mental, poderia provocar a ultima hepomtise.

Heloisa sahiu para saber si o estado de Paulo era realmente grave.

Durante esse intervallo, a curiosidade fêl-o alcançar uma pequena bolsa que a esposa deixara sobre uma cadeira encostada ao leito.

Queria ver pela ultima vez a photographia do filhinho que ella costumava trazer comsigo. Abriu-a. A desordem era igual a qualquer bolsa de senhora. Accessorios para retoques. Espelhinhos. Lenços, moedas. Tudo em desordem.

Um outro objecto despertou-lhe a attenção.

Examinou-o demoradamente, fazendo mil conjecturas do que pudesse conter. Por fim, abriu-o... Continha uma falsa moeda com que Heloisa pagava tudo o que recebêra de Paulo.

* * *

O medico assistente, nessa mesma noite, commentava pelo corredor silencioso do Sanatorio:

Paulo fez tudo por Heloisa. Merecia bem ter morrido resignado como confessára ao encontrar-se com a esposa. E não tendo na bôcca um rictus de quem profere uma suprema maldição. Tendo o resto do sangue a escorrer pelos cantos dos labios, e crispando nas mãos uma carta que demonstrava quanto era leviana a sua esposa e protegida...

*A filha.* — Papae, não vês que é impossivel eu me casar com o George? O typo delle não vae com a côr dos meus cabellos...

*O pae.* — Então, minha filha, tens que procurar um camaleão para marido...

*(Continuação do numero anterior)*

# Os moedeiros

## (SHERLOCK HOLMES

— Então como explica o senhor a circumstancia de ter sido visto esta manhã curvado junto do cadaver?

— Meu Deus! exclamou Bill. Estou perdido!

— Vê pois quão horrivel é a suspeita lançada sobre a sua pessoa, accrescentou Holmes.

De repente Bill agarrou as mãos do policia.

— Senhor! disse elle supplicante. Eu attentei contra a sua vida. Perdôe-me, si póde mas salve-me. Se me entrega á justiça, sou irremediavelmente condemnado. E' verdade; comquanto não saiba quem me viu junto do cadaver, era eu que por um infeliz acaso me encontrava ali quando elle foi assassinado. Veja quanto quero ser sincero: esta mancha na camisa é sangue do morto; apezar de tudo peço-lhe que me acredite, não tomei parte no crime...

Sherlock Holmes estava mudo de espanto ante a narração do rendeiro e no emtanto dizia-lhe um intimo presentimento que eram verdadeiras as suas palavras.

— Então foi o senhor quem collocou o cadaver, que cahiu de bruços, na posição em que foi encontrado?

— Fui eu.

— E com que fim? Quiz por acaso verificar se ainda restava a Carlos Johnston algum sopro de vida?

— Não senhor. Eu sabia, quando elle cahiu ferido, que já nada havia que o salvasse. Aquelle a quem a pedra acerta está morto. E a pedra acerta sempre.

— Então viu o assassino, exclamou Holmes surprehendiddo.

— Não me pergunte nada, supplicou Kundry; por maior empenho que tivesse em responder ás suas perguntas, não posso dizer nada... nada...

— Não póde dizer-me ao menos por que motivo voltou o cadaver? perguntou o policia depois de pensar um pouco.

— Sim... procurava alguma coisa... Mas, peço-lhe que me não pergunte mais nada. Eu sei que o jury me condemnará por causa desta hesitação. Mais facilmente, porém me deixarei conduzir ao cadafalso, do que uma palavra sobre este assumpto sahirá da minha bôcca.

Sherlock Holmes estava convencido de que este homem falava a verdade. Não era elle o assassino, mas uma testemunha importante, que se quizesse falar, lançaria uma luz immensa sobre o mysterio.

— Quero acreditál-o Bill Kundry, respondeu o policia depois de reflectir um pouco. Se nos não tivessemos encontrado hoje, com a terrivel circumstancia que depõe contra si, e a qual é tambem conhecida por Lord Milster, seria irremediavelmente condemnado á morte por assassino.

— Lord Milster, repetiu amargamente o outro. Tudo quanto elle pudesse fazer para que eu desapparecesse, sem que ficasse compromettido por isso, estou certo de que o faria.

— Agora póde continuar tranquillo o seu caminho, disse Sherlock Holmes, de mim escusa de ter receio, mas prometta-me que, logo que as circumstancias o permittirem, me irá procurar para me contar tudo.

O rendeiro suspirou.

— Infelizmente não acontecerá assim. Eu gostaria bem de lhe fornecer alguns elementos, mas isso iria compromettter innocentes que nada influiram no crime. Só posso fazer uma coisa.

Ficou um instante silencioso. Depois, approximou-se de Sherlock Holmes, com os labios quasi juntos dos ouvidos do policia, e murmurou:

— Fuja... fuja quanto antes. A morte está tambem á sua espreita. Sei que é um bravo, que nada o amedronta. Mas creia-me nunca o perigo foi tão grande para o senhor como agora. Por isso escute o meu conselho: dê já amanhã por finda a sua missão e retire-se para Londres.

Sherlock Holmes recuou indignado.

— Nunca, exclamou elle; ainda que tivesse cem vezes razão, não me retirarei daqui sem ter concluido a minha tarefa. Ha qualquer coisa que me é mais cara que a minha vida; é a minha honra. Garanto-lhe que só partirei depois de ter descoberto os assassinos de Carlos Johnston, ou será o meu cadaver que transportarão para Londres.

Bill Kundry acompanhou o policia durante algum tempo e só se despediu quando chegaram proximo da "Hospedaria da Estrada".

— Adeus, disse elle com voz commovida. O senhor não é só um homem corajoso, é tambem um homem de bem. Tudo quanto em minhas forças estiver para o proteger, fal-o-ei; si será efficaz essa protecção, não sei...

Passados instantes desapparecia no escuro.

Quando o policia entrou no seu quarto, começou a passear nervosamente no aposento.

— Mysterio sobre mysterio, dizia elle comsigo. Betsy pede-me com voz supplicante que não fique no quarto dos phantasmas, porque podia perigar a minha vida. Agora, vem Bill Kundry dizer-me que parta quanto antes, si me quizer salvar. Onde está o perigo? Onde está aquelle que attenta contra a minha vida? Será porventura o assassino de Carlos Johnston?

# falsos de Sheffield

**Por CONAN DOYLE**

Ia a accender o cachimbo quando se lembrou de Harry.

Desceu até ao pequeno quarto onde dormia o seu auxiliar, bateu discretamente, mas ninguém respondeu.

Carregou no fecho, a porta cedeu. Tinham-na deixado apenas no trinco.

A' claridade da lampada electrica reconheceu que o aposento estava vazio e a cama em ordem.

— Onde estará o rapaz? pensou o policia. Não o mandei a parte nenhuma, e para andar a passear neste deserto, demais a mais de noite, parece-me falta de senso.

Inspeccionando o quarto notou que Harry tinha levado comsigo o revolver e a lampada electrica.

Que significava isto?

De repente teve um sobresalto.

— E' capaz de ter praticado a loucura de se metter no quarto dos phantasmas.

Sherlock Holmes teve um gesto de pavor.

— Não ha duvida, continuou comsigo. Esta tarde escutou a conversação que tive com Betsy no quarto de Johnston e quando percebeu que a rapariga me pedia para não ficar lá, decidiu logo ir em pessoa procurar o phantasma.

Mas isto não póde ser. Agora já não duvido um momento sequer do perigo que ali nos espera, mas affrontal-o é commigo e não com esta creança.

Deus queira que ainda chegue a tempo.

Em menos tempo que o preciso para contal-o subiu ao seu quarto, tirou de uma ovala um molho de gazuas, metteu de novo no bolso o revolver e a lampada electrica e saiu.

Quasi a correr dirigiu-se para as ruinas que agora mais do que nunca lembravam um ninho de phantasmas. Em casa de Russey não havia luz.

Deslisou ao longo das paredes, silencioso como um pelle vermelha, e entrou no corredor onde estivéra com Harry durante o dia. A sua excellente memoria não o atraiçoava, antes o conduzia sem difficuldade atravez daquelle labyrintho.

Subiu a escadaria para os andares superiores.

O vento da noite uivava ao longo dos muros.

Ao longe, ouviam-se as gargalhadas roucas da coruja.

Sherlock Holmes, porém, não attendia aos mysteriosos ruidos da treva, que teriam feito estremecer os mais ousados.

Todos os seus pensamentos estavam junto de Harry, que sem duvida se encontrava em perigo, quem sabe mesmo se ainda pertencia ao mundo dos vivos.

— Meu pobre rapaz! murmurou o policia. Como pudeste ser tão destemido!...

Chegou assim á porta do famoso quarto, que conhecia tão bem.

O coração palpitava-lhe violentamente no peito. Comprimiu o botão da lampada electrica e escutou um instante. Havia lá dentro um silencio de morte. Ter-se-ia acaso enganado na sua supposição?

Não, a chave estava ainda na porta. Abriu-a numa sacudidella nervosa.

— Harry! gritou elle, ainda no limiar.

Numa das mãos segurava o revolver, e com a outra illuminava o aposento. De repente teve um grito de horror.

Do outro lado, junto da parede onde vira de dia uma cadeira antiga de espaldar e uma mesa de carvalho, jazia o corpo do seu auxiliar, que estimava como se fôra seu filho. Estendido a todo o comprimento, com os braços abertos, havia uma pallidez mortal no rosto do mancebo. Nos labios pairava um sorriso leve, quasi feliz.

Em dois segundos estava o policia junto delle.

— Meu Deus! Está rigido este corpo, murmurou cheio de commoção. Mas não devo esquecer que alguma coisa aprendi de medicina. Se ainda resta neste corpo um sopro de vida, ha ainda uma esperança de o salvar.

Tomou-o sobre os hombros e dirigiu-se para fóra. Na ansia de salvar o seu companheiro não se importou com as difficuldades do trajecto, e dahi a alguns minutos encontrou-se ao ar livre, num dos pateos do castello.

Ahi, pousou no chão o precioso fardo. Applicou todos os seus conhecimentos a reanimal-o, moveu-lhe cadenciadamente os braços para facilitar a respiração; friccionou-lhe as fontes com cognac, deitou-lhe no nariz e na bocca algumas gottas de uma essencia etherea que trazia sempre comsigo; e finalmente, depois de lhe parecer que decorrêra um seculo, sentiu que o coração começava a pulsar fracamente.

Animado pelo exito obtido, o policia redobrou de esforços. Sentiu aquelle corpo reanimar-se pouco a pouco e invadil-o um calor suave. Era a vida!

Dos labios do policia escapou-se um suspiro de allivio.

— Obrigado, meu Deus, murmurou elle.

Harry respirava já com regularidade.

Abriu lentamente os olhos e fitou Sherlock Holmes, numa interrogação vaga...

— Porque não me deixaram dormir? balbuciou elle, era tão bom, o somno...

— Só dahi a algum tempo lhe voltaram as forças pouco a pouco. Então, auxiliado por Sherlock Holmes, dirigiram-se ambos para a "Hospedaria da Estrada".

## CAPITULO V

### A NOITE DOS PHANTASMAS

— Então dize lá, meu filho. Que te succedeu a noite passada ? perguntou Sherlock Holmes ao discipulo, assim que este despertou do seu somno reparador.

— Nem sei mesmo distinguir aquillo que me aconteceu, daquillo que sonhei. O que sei é que me ficou uma impressão tão doce e tão deliciosa, que quasi tive pena de ter sido chamado á realidade, quando me salvou a vida. Será talvez ingratidão, mas é assim.

— Então, conta-me lá o que te lembrar, disse o policia.

— Como viu, preveni-me com a chave do quarto, respondeu Harry. Tinha espiado miss Betsy, e visto o sitio onde ella costumava esconder a chave. Quando tudo no castello estava em socego, fui até lá acima. Estou convencido de que ninguem me vira, e comtudo, quando me sentei na cadeira de espaldar, ouvi um ruido estranho.

— Descreve-me este ruido, interrompeu o policia.

— Era como si tivessem aberto uma valla num aposento vasto, continuou o mancebo. Confesso que estava a transpirar, tanto mais que tinha a impressão de que estava sendo observado de qualquer parte.

— O que tambem é possivel, atalhou o policia.

— Metti a mão no bolso e acariciei a coronha do revolver. O luar illuminava, então francamente o quarto, de fórma que eu podia vigial-o menos mal até a porta de entrada.

"De repente lembrou-me que deixára a chave na porta, e quem quer que me quizesse fazer mal, tinha entrada livre. Tive um arrepio quando pensei em ter de atravessar o quarto até á porta. E quando pensava se devia deixar o aposento aberto ou ir buscar a chave, invadiu-me uma lassidão desconhecida.

"Quiz resistir energicamente contra essa sensação de paralysia, mas por fim succumbi a ella.

"Comecei a ver quadros deliciosos, jardins admiraveis aquecidos por um sol de primavera, a ouvir musica suave, e sentia-me tão feliz como nunca me tinha sentido até então. Em resumo: estava no paraiso".

Sherlock escutava com as sobrancelhas contrahidas.

— Está zangado por eu não ter me sahido bem? perguntou Harry.

— Não, meu rapaz. Estou apenas a ver como é que se arranjaram para te pôr nesse estado. Não ha duvida que te adormeceram. O peor é que não sabemos o que ha de diabolico nisso tudo. Mas... podes continuar, se te lembra ainda alguma coisa.

— E' verdade, já me esquecia, disse o discipulo. Parece-me que no ultimo momento, quando eu ia perder os sentidos, abri os olhos, e — o sr. Sherlock vae com certeza rir-se de mim...

— Dize, dize insistiu o policia. Provavelmente vem agora o mais importante de tudo.

— Vi... o phantasma, concluiu o outro.

— Bem, e como era elle? perguntou Sherlock com interesse.

— Como um anjo, envolto numa tunica luminosa.

— Que tolice! exclamou o policia. Devia ter sido tudo um sonho, provocado provavelmente pelas emanações das flôres que ha no velho jardim.

— Sim, deve ser isso, exclamou Harry; lembra-me de ter sentido pouco antes de adormecer, um cheiro adocicado, como o de certas flôres.

— Bem, agora já se sabe tudo, disse o policia levantando-se. Por emquanto de te restabeleceres. Em te sentindo com forças, podes ir até junto do castello e observar o que por lá se passa, especialmente se alguem vae visitar o velho guarda.

— E o senhor Holmes? perguntou Harry com interesse.

— Não te importes commigo. Eu vou explorar os arredores e ver se travo relações que me iniciem nos mysterios do Castello de Milster. Por isso não nos tornaremos a encontrar hoje, mas lembro-te de uma



## NIVO

*Nivo era um gordo cão cinzento e preto,*
*o lombo largo, o rabo decepado,*
*o rugoso focinho curto e reto,*
*o olhar — malandro e máu — amollentado.*

*Cachorro pobre de menino pobre,*
*não conheceu na vida atribulada*
*sinão a terra que ainda agora o cobre*
*e os carinhos de toda a molecada.*

*Jamais possuiu, coitado!, uma guarita*
*elegante, macia, morna e bôa,*
*mas seu somno, ao chão limpo, era a infinita*
*felicidade de cachorro atôa.*

*Vivendo sempre satisfeito e calmo,*
*aproveitava os restos de comida,*
*nos seguia nas troças palmo a palmo,*
*dormia a sésta sob a hora incendiada.*

casa: amanhã ás 5 horas estarás nas ruinas do castello. Precisamente no sitio onde foi encontrado o cadaver de Carlos Johnston.

— Serei pontual, senhor Holmes.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

No caminho da aldeia estava um homem de edade, cuja barba grisalha não conhecia decerto ha bastante tempo os cuidados do barbeiro; parecia não conhecer a região e olhava em torno para se orientar.

A meia distancia entre a aldeia e o castello, longe da estrada, erguia-se uma capella abandonada que no tempo em que a Inglaterra era catholica devia ter sido frequentada pelo povo.

O velho dirigiu-se para ali, e ia já sentar-se no banco de pedra do interior da capella quando reparou que não estava só.

Um rapaz, ou antes, um anão, levantou-se e olhava-o desconfiado.

— Anda cá, disse o velho sorrindo. Não quero metter-te medo.

O homunculo porém continuava a fital-o com expressão imbecil.

Era com certeza mais velho do que denunciava a sua estatura.

Sobre um tronco, terminado por colossal corcunda, levava uma cabeça enorme. Os olhos azues muito claros deixavam entrever um estado mental primitivo. O todo dava a impressão de um macrocephalo.

— Não te conheço, respondeu resmungando ás palavras do velho.

E agitava no ar um cachimbo vazio.

— Queres tabaco? perguntou o outro.

O corcunda fez uma careta de satisfação.

— Dá cá, disse laconico.

Sherlock, que outro não era o velho, tirou do bolso a tabaqueira e deixou o anão encher o cachimbo. Depois deu-lhe lume.

Parece que o homunculo gostára do tabaco, porque a sua physionomia, até então aggressiva, tomou uma expressão de contentamento.

— De onde és tu? perguntou elle com intimidade.

— De muito longe, respondeu o policia.

— Longe? de Ulster?

— Oh! muito mais... E tu de onde és?

O corcunda tirou o cachimbo da bocca e apontou para o castello.

— Dali!

Sherlock prestou attenção.

— Do castello de Milster? inquiriu.

— E' verdade. Mas agora não posso lá ir.

— Quem te prohibiu disso?

— Dick!

— E que fazes tu?

— Guardo cabras. Logo vou ter com ellas, agora está lá o meu cão de guarda, acolá... Não te posso dizer mais nada.

— Foi Dick que t'o prohibiu tambem?

— Foi.

— Conheces Miss Betsy? perguntou Sherlock.

— Conheço muito bem.

— E Bill Kundry?

O anão teve um gesto de medo.

— Com esse não quero nada, respondeu lacrimoso.

— Diz lá. Conheces tambem o sr. Johnston, irmão de Lord Milster? perguntou o policia em voz baixa.

— Não! uivou o homunculo. D'esse não sei nada, e não lhe digo nem mais uma palavra.

E antes que o policia podesse segural-o, escapuliu-se e correu através dos campos, em direcção ao seu rebanho.

— Cortava o pescoço se este corcunda não sabe qualquer coisa do crime, disse comsigo Sherlock. Hei de ver se me approximo delle, mas tenho que esperar alguns dias. Tenho um presentimento de que é este um conhecimento de primeira ordem. Vou deixar-lhe mais tabaco, parece que é a sua paixão.

"E agora é tempo de pensar nos preparativos para a minha visita nocturna ao fantasma".

Ao escurecer, Sherlock dirigiu-se cautelosamente para as ruinas do castello. Estava convencido de que ninguem podia espial-o. Como vinte e quatro horas antes, chegou á porta do quarto maldito, e

---

Não posso recordar a meninice:
— pés descalços, sadios e vermelhos,
sempre na mente uma qualquer tolice
e... que as calças que iam só aos joelhos.

Tuba, Toninho, Mutt, os Batatinhas,
Tony, Tibio, os Cintras, Zé Berola
o Nivo inseparavel — as perninhas
abrindo o curto rabo em ventarola.

O Rebojo, o bodoque, o football,
a Caninana, o Largo do Rosario,
a garruchinha de chapéo-de-sol,
todo esse morto mundo extraordinario

revive em mim com a recordação
desse cachorro que viveu contente
tendo apenas por si o duro chão
a molecada pobre e irreverente...

FIGUEIREDO SILVA

escutou. Nenhum ruido extranho: só o vento as suas litanias lugubres através dos porticos desmantelados. A lua brilhava, projectando nos corredores sombras espectraes de nuvens que corriam silenciosamente.

— Deus queira que o phantasma appareça, murmurou Sherlock.

Silenciosamente, abriu a porta e entrou.

Tudo estava tal qual como na vespera.

Dirigiu-se á cadeira de espaldar do outro lado do quarto: dahi podia vigiar melhor. Fechou as janellas, mas deixou a porta apenas cerrada, para o caso de sobrevir algum incidente.

O revólver, collocou-o á mão em cima da mesa.

— Bem, murmurou, agora vamos ao mais importante: o copo, e tudo fica prompto.

Tirou do bolso um copo esguio e segurou-o na mão. Depois sentou-se na cadeira e esperou. Não se ouvia o mais insignificante ruido. O proprio vento parecia ter amainado.

Com o copo na mão, hirto como uma estatua, o policia esperava em silencio.

— Queira Deus que não tenha que passar toda a noite nesta incommoda posição, pensou elle. A historia já me começa a aborrecer.

Passavam-se horas, mas o phantasma não vinha.

Por fim, começou a bocejar. Sentiu que o invadia um cansaço extranho. Mas Sherlock sabia reagir, e após alguns minutos estava de novo alerta.

Pensava em Betsy, na carta dirigida a Carlos Johnston, na scena do jardim com Lord Milster, na prevenção do perigo que o ameaçava.

Porque razão lhe teria ella supplicado tanto ? Perigo ? Mas não era pelo contrario deliciosa a payzagem, não brilhava porventura um sol acariciador, não se estava aqui como no proprio paraiso ? Sherlock ia adormecendo profundamente, e começava a perder o sentidos.

Ouviu ainda um pequeno ruido; o copo cahiu-lhe das mãos e despedaçou-se no chão com uma gargalhada crystallina. O effeito não se fez esperar.

Meio atordoado, o policia ergueu-se. Uma corrente de ar frio banhou-lhe a fronte.

Abriu a custo os olhos e conteve um grito. No meio do quarto estava o phantasma. Era um vulto feminino, envolto numa tunica levemente luminosa.

Sherlock encostou-se ao espaldar da cadeira para não cahir.

Recobrou pouco a pouco os sentidos. Seria uma illusão ? Seria um sonho ? E movia nervosamente os dedos, para convencer-se de que não estava dormindo.

O véo do espectro não permittia ver-lhe o rosto. O policia distinguia porém perfeitamente que o phantasma lhe acenava com a mão.

Vacillou ainda. Mas o phantasma chamava-o sempre, recuando a pouco até á porta.

— Bem, exclamou Sherlock em voz alta. Ah! vou.

O phantasma chegara á porta e dissipara-se. Debalde Sherlock tentou seguil-o ainda. Desapparecera sem deixar vestigios.

O policia precipitou-se para a porta de sahida. Do lado de fóra, a meio da escadaria, tornou a ver de novo a figura luminosa.

— E' singular, murmurou elle. De que natureza será esta claridade ? Parece que cheira aqui a phosphoro...

Foi seguindo o vulto. Pela distancia e pela escuridão da noite era impossivel affirmar se o phantasma lhe voltava as costas ou o rosto.

Atravessaram assim longos corredores. De repente, a visão desappareceu á vista do seu perseguidor, como si se tivesse sumido no chão.

— Agora o caso é mais sério, pensou o policia. Aqui ha com certeza uma entrada para o subterraneo. Mas preciso saber quem é o phantasma, e porque razão me attrahem aqui...

Como realmente suppuzera, o espectro descera uma escadaria.

Sherlock reflectiu um momento. A situação tornava-se perigosa.

Talvez quizessem attrahil-o ao labyrintho dos corredores subterraneos para se livrarem da sua pessoa ?

Não haveria meio de encontrar depois a sahida ?

Apalpou o bolso e encontrou uma caixa de phosphoros cheia. E á medida que ia descendo em perseguição ao phantasma, ia deixando cahir um phosphoro a intervallos eguaes.

Dez minutos depois, viu o phantasma errar indeciso na sua frente. A's vezes estava tão proximo d'elle que julgava que lhe ia tocar com a mão.

De repente, o policia teve uma exclamação de furor. O phantasma desapparecera desta vez de forma mysteriosa.

Teve de parar. A treva era compacta.

Ah, se tivesse comsigo a lampada electrica ! Esquecera-a sobre a mesa, junto do revólver, no quarto das apparições.

Na precipitação da sahida nem pensara n'ella.

Accendeu um dos poucos phosphoros que ainda lhe restavam. Achou-se positivamente perdido no meio de um labyrintho.

Por onde sahiria agora ?

No momento da desapparição do phantasma voltara-se para todos os lados, de forma que lhe era agora impossivel orientar-se. Lembrou-se dos phosphoros que deixara cahir no caminho. Curvou-se e alguns minutos depois encontrou o primeiro cahido na poeira secular.

Começou a caminhar na direcção da sahida. Acabaram-se-lhe os phosphoros e aquelles que apanhava do chão já não accendiam; estavam humidos.

(Continúa no proximo numero)

**PREÇO DAS ASSIGNATURAS:**

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

| | | |
|---|---|---|
| Anno .... | (52 ns.) ..... | 48$000 |
| Semestre | (26 » ) ..... | 25$000 |

(Registada)

| | | |
|---|---|---|
| Anno .... | (52 ns.) ..... | 70$000 |
| Semestre | (26 » ) ..... | 35$000 |

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

| | | |
|---|---|---|
| Anno .... | (52 ns.) ..... | 78$000 |
| Semestre | (26 » ) ..... | 40$000 |

(Registada)

| | | |
|---|---|---|
| Anno .... | (52 ns.) ..... | 115$000 |
| Semestre | (26 » ) ..... | 60$000 |

*As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.*

# FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Leyendecker
Rue Tronchet, 9 — Paris VIII — Ludgate Hill — Londres.

Venda avulsa ........ 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

# Os Romances de Fon-Fon

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou selos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. A descriminação abaixo está na ordem de leitura.

| | Preço | Pelo Correio |
|---|---|---|
| FAUSTA — 10 fasciculos ........ | 5$000 | 6$000 |
| FAUSTA VENCIDA — 9 fasciculos ........ | 4$500 | 5$400 |
| PARDAILLAN E FAUSTA — 8 fasciculos ........ | 4$000 | 4$800 |
| AMORES DE NANICO — 8 fasciculos ........ | 4$000 | 4$800 |
| O FILHO DE PARDAILLAN — 16 fasciculos ........ | 8$000 | 9$600 |
| O FIM DE PARDAILLAN — 8 fasciculos ........ | 4$000 | 4$800 |
| O FIM DE FAUSTA — 8 fasciculos ........ | 4$000 | 4$800 |
| CAPITAN — 14 fasciculos ........ | 7$000 | 8$400 |
| BURIDAN — 19 fasciculos ........ | 9$500 | 11$400 |
| PONTE DOS SUSPIROS — 8 fasciculos ........ | 4$000 | 4$800 |
| AMANTES DE VENEZA — 7 fasciculos ........ | 3$500 | 4$200 |
| O CASTELLO SAINT POL — 9 fasciculos ........ | 4$500 | 5$400 |
| JOÃO SEM MEDO — 6 fasciculos ........ | 3$500 | 3$600 |
| HEROINA — 14 fasciculos ........ | 7$000 | 8$400 |
| NOSTRADAMUS — 13 fasciculos ........ | 6$500 | 7$800 |
| DON JUAN — 7 fasciculos ........ | 3$500 | 4$200 |
| REI AMOROSO — 9 fasciculos ........ | 4$500 | 5$400 |
| O RIVAL DO REI — 7 fasciculos ........ | 3$500 | 4$200 |
| PASSAVANT — 9 fasciculos ........ | 4$500 | 5$400 |
| MARIA ROSA — 8 fasciculos ........ | 4$000 | 4$800 |
| FLORES DE PARIS — 20 fasciculos ........ | 10$000 | 12$000 |
| FLORINDA A BELLA — 5 fasciculos ........ | 2$500 | 3$000 |
| A RAINHA DO ARGOT — 13 fasciculos ........ | 6$500 | 7$800 |

COMMEMORAÇÃO DA
AMERICA!